



CEMGFA

Substituição de Lemos Ferreira: solução transitória passa por nomeação de Soares Carneiro?

O nome de Soares Carneiro poderá ser proposto pelo Governo para substituir Lemos Ferreira na chefia do EMGFA. Tratar-se-ia de uma solução transitória, para vigorar até ser encontrado um substituto definitivo.

Pág. 4

Couto dos Santos irá presidir à Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos

O ministro Couto dos Santos deverá ser o escolhido para presidir à Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, garantiu ao «DL» uma fonte governamental. Aquela Comissão foi reestruturada por decisão do Conselho de Ministros de ontem.

Pág. 5

Fernando Dacosta

Uma alegoria sobre Portugal

Hoje, precisamente no dia em que faz vinte anos que Salazar caiu da cadeira, estreia-se, no Teatro Aberto, «A nave adormecida», a quarta peça de Fernando Dacosta. Em entrevista ao «DL», o autor diz que «A nave» é Portugal e sobre Salazar, entende que quem verdadeiramente o derrubou foi... Cavaco Silva, ao demonstrar que, afinal, é possível uma governação musculada, com partidos e eleições, sem pides nem censura.

Pág. 21

Diário de Lisboa

ANO 68

N.º 22 732

Sexta-feira, 5 de Agosto de 1988

Preço 50\$00

Três milhões de contos dão vitória no «sucesso escolar»

GOVERNANTES APROVEITAM "BOAS NOTAS" DOS MENINOS

Seis ministros (ou seus representantes) associaram-se hoje às «boas notas» obtidas pelos meninos abrangidos por um programa governamental de combate ao insucesso escolar e cujo resultado foi apresentado pelo ministro da Educação, Roberto Carneiro. Tratou-se de uma iniciativa que custou cerca de três milhões de contos e que permitiu baixar o número de crianças que não obtinham aproveitamento — em 114 mil, este ano, houve 15 mil que apesar de tudo, não tiveram êxito.

Pág. 11



Seis ministros, na mesa com Roberto Carneiro, aproveitando o sucesso da «boa educação»

A PAZ EM QUESTÃO



Irão/Iraque

Cuellar

anunciou negociações directas

Ler nas págs. 14 e 15

Angola/Namíbia

Conversações

de Genebra

prolongadas

com cessar-

fogo em

perspectiva



Vitoimo
CABELEIREIROS
COIFFEURS

VERÃO EM IBIZA

Ganhe estadia de 8 dias para 2 pessoas.

Cada visita — uma hipótese

SORTEIO EM 16 DE AGOSTO DE 1988

Av. da República, 11-1.º — 1000 LISBOA Telef. 56 27 37

Av. da República, 6-1.º c. Dt.º — 1000 LISBOA Telef. 54 34 01

Rua do Ouro, 194-1.º — 1100 LISBOA Telef. 32 37 86

Rua Ferreira Borges, 20-1.º Esq. — 1300 LISBOA Telef. 66 66 22

Av. de Roma, 8-1.º Esq. — 1000 LISBOA Telef. 88 75 40

Av. da República, 12-1.º — 1000 LISBOA Telef. 57 20 84

O «DL» na volta a Portugal em Bicicleta, com o patrocínio de



Volta a Portugal em bicicleta
SÓ OS VALETES
SALTAM DO BARALHO

Págs. 16, 17 e 18

Na foto: *Constâncio Reis (vencedor em Redondo)*



4- AUTO DA BARCA DO INFERNO

(Vem o Povo, vestido como qualquer um, simplório, espertalhão. Chega à Barca do Inferno e diz:)

Povo – Ó arrais! oh, daí!
o que tendes vós para mi?

Diabo – Entra, e viajarás,
para ficar a guizar
no caldeirão infernal.

Povo – E serve cá o passe social?

Dia – Com tudo o que fizeste,
roubaste e violentaste
e usaste de grão mal
e as vêzes que desobedeceste
a quem, bofá! te ajudasse
não há mister aqui passe
que a passagem tens já devida.

Povo – Não haverá de ser assi.

Pois eu sempre procurei
arranjar a minha vida,
safar-me de complicações
diverti-me um bocado,
defender-me dos ladrões,
Pardeus! e é isso pecado?

Joane – E coisas metidas ao bolso
quando ias ao supermercado?
E o que estragavas, eramá!
rebetando e escavacando
dizendo que era de ninguém
porque se era, era do Estado?
não era de toda a gente?

Povo – Mas ninguém me ensinou bem:
eu tal coisa não fizera
tivesse eu sido educado...

Dia – Pois sabes ora o que te espera.
Vem, e serás castigado.

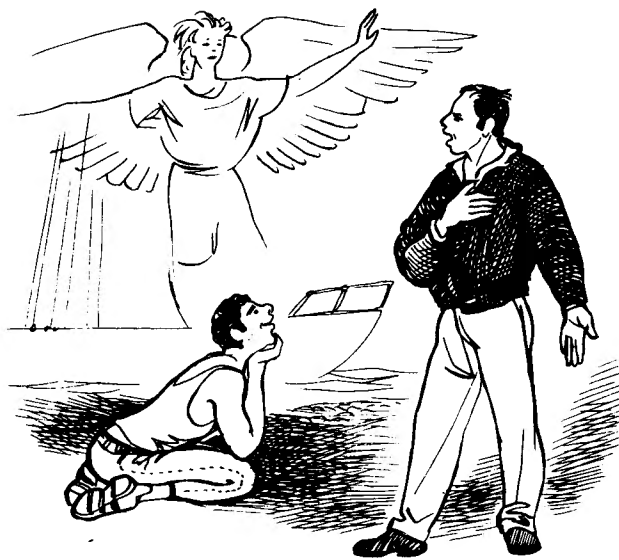
Povo – E terei de ter tal sorte?
Soubesse eu em minha vida
o que me guardava a morte!
Vou-me agora àquele batel,
quicás terei melhor guarida.

(Vai-se à Barca do Paraíso)

Povo – Passai-me alem, anjo glorioso,
pois muito hei merecido,
e se assim fôr preciso
inscrevo-me no vosso partido!

Anjo – Assim fazias tu na Terra?

Povo – Pois, e não teria eu o siso?



Que al podia eu fazer?
Não poucas dificuldades
Fome, pancadas e guerra
era só o que me esperava
se não fazia as vontades
a quem podia e mandava.

Anjo – Não sabias tu impôr
a tua própria vontade?

Povo – Bem me vinha um tal ardor
às vêzes; é bem verdade!

Joane – Mas essa tua liberdade
quantas vêzes não perdêste
porque te convinha, medroso!
a troco de senhas promessas
que aceitavas pressuroso
para não teres de lutar
pelo que era teu direito?

Povo – Essas vêzes, todas essas,
quanto me pesam no peito...

Anjo – Não te passarei pois, ora.
Não há i forte razão
Pera que sejas lançado
nos fundos lugares infernais
onde o condenado chora.
É verdade que faltaste
em mais de uma cagão
ao que terias alcançado;
poderias ter feito mais
para a tua salvação,
mas serás um dia presente
a mais alto tribunal:
aquêlo que é o da História,
e a sentença divinal
te levará ou não à Glória
Por ora não posso al
que dizer-te que a morte
não é ainda fatal.

Terás que mostrar-te forte,
sofrer ainda no Mundo
os políticos, a corrupção,
a injustiça e a ambição,
os ódios e o poder imundo,
— e aguentar
Ganharás assim por fim
aquele glorioso estado
que mereces alcançar.

FIM

A partir de segunda-feira

Mário Soares em visita privada ao Equador e ao Brasil

Mário Soares parte segunda-feira para uma visita de carácter privado ao Equador, onde assistirá à posse do novo presidente daquela república sul-americana. Na altura, encontrar-se-á com sete presidentes de países da América Latina. Antes de regressar a Portugal, fará uma breve escala em Brasília, a convite do presidente José Sarney.

Apesar do seu carácter privado, esta deslocação à América Latina surge como uma oportunidade de estabelecer contactos com chefes de Estado da região, numa altura em que vários países latino-americanos, têm manifestado interesse em aprofundar as relações com Portugal e, através de Portugal, com a CEE.

A recente visita do presidente colombiano, Virgílio Barco, a Lisboa, foi exemplo desse interesse que se manifesta crescente e que, no caso da Colômbia, já deu frutos, traduzidos em diversos acordos comerciais, posteriormente celebrados.

Além dos interesses comerciais, a presença cultural portuguesa junto dos países de raiz latina, é outro ponto de referência eventualmente a explorar pelos portugueses no continente americano.

Nexte contexto, durante a visita ao Equador e a «deslocação-relâmpago» ao Brasil, o Presidente Soares terá à margem das cerimónias, contactos pessoais com as personalidades presentes, entre as quais se destacam os presidentes da Argentina, do Uruguai, da Venezuela, da Guatemala, da Colômbia e da Nicarágua, aguardando ainda confirmação a eventual presença do presidente cubano.

Da Europa, Mário Soares será o único chefe de Estado presente nas cerimónias do Equador. A Espanha estará representada pelo vice-presidente Alfonso Guerra e os Estados Unidos pelo secretário de Estado, George Schultz.

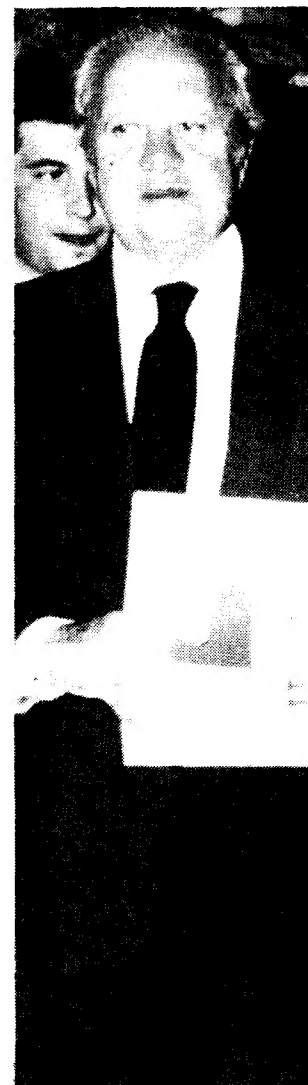
A viagem ao Equador resulta de um convite que Mário Soares recebeu há já algum tempo, para assistir à tomada de posse do novo chefe de Estado, Rodrigo Borja.

O Presidente da República, acompanhado apenas pela sua mulher, Maria Barroso, deixa Lisboa na manhã de segunda-feira, dia 8 de Agosto, estando a chegada a Quito prevista para terça-feira dia 9.

Soares será recebido pelo embaixador português em Bogotá (uma vez que Portugal não tem, neste momento, embaixador residente na capital do Equador) e jantará em privado com o presidente cessante, Leon Febres Cordero.

Na quarta-feira, dia da tomada de posse do novo chefe de Estado do Equador, o presidente português assistirá, de manhã, no Congresso Nacional, à cerimónia em que Febres Cordero proferirá uma mensagem à nação na qualidade de presidente cessante.

À tarde, assiste à tomada de posse de Rodrigo Borja, o novo presidente do Equador, numa cerimónia onde estarão igual-



mente presentes os chefes de Estado da Argentina, do Uruguai, da Venezuela, da Guatemala e da Colômbia.

O Brasil estará representado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro, sem que José Sarney, a braços com um período conturbado económica e politicamente, se ausente do país.

Na quinta-feira, o dia imediatamente a seguir à tomada de posse de Rodrigo Borja, Soares almoçará com o novo presidente do Equador, e à tarde será entrevistado pela televisão andina, numa emissão que será transmitida para a Europa e para a América.

No dia 12 de Agosto, o Presidente português parte para Brasília onde almoça e janta com o presidente José Sarney. No avião que o transportará à capital brasileira, Mário Soares terá a companhia de diversos ministros latino-americanos, do grupo dos oito, que também se deslocam ao Brasil em viagem de trabalho.

Após os seus contactos com o presidente Sarney, Mário Soares regressa a Lisboa, estando a chegada prevista para o dia 13 de Agosto.

**RAÚL
RÊGO**



O CANTOR E O SEU PROTESTO

A morte do cantor Francisco José veio sacudir na minha memória factos e factos que se prendem com um passado morto e queremos para sempre enterrado. Alheio aos meios artísticos em que ele vivia, não sei se após o 25 de Abril foi alvo de alguma homenagem pela coragem demonstrada em determinada altura em protestar, nos écrãs, contra segregações de que muitos estavam a ser vítimas.

Eu já não sei precisar o facto; mas o artista, então jovem, entrou no ostracismo que era o destino de quantos em Portugal viviam como estranhos, quando não tomavam o rumo de outros ares e países mais abertos ao entrechoque das opiniões, das maneiras de ver, entre os homens. O unanimismo era a norma. Na política como na ciência, nas letras como nas artes. E, na altura mesma, em que o homem explorava os espaços, ia à conquista da Lua e mandava sondas para Marte, como Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Colombo tinham ido em cata de outras terras e gentes, neste mesmo rincão da terra os homens tinham de confessar um segredo uns aos outros os seus pensamentos, as suas opiniões, as discordâncias. Romper o véu, como o fez Francisco José, num dia, em pleno palco e ao microfone, para o País inteiro, era condenar-se à morte civil.

Não sei se alguma vez nos encontramos; mas conservei sempre uma admiração por este artista que, num meio bastante conformista, rompeu a clandestinidade, como nós, nas redacções e noutros centros cívicos, a buscávamos romper com papéis assinados,

artigos que se tentavam publicar e eram cortados e depois passávamos de mão em mão.

É verdade que Portugal suportou a ditadura mais demorada do mundo contemporâneo. Quase cinquenta anos, ou seja mais de uma geração. Mas também não deixa de ser exacto que, de todas as ditaduras da Europa no século XX, nenhuma teve tantas revoltas armadas contra ela e tantos movimentos cívicos frontais a desafiá-la. Iam sendo mandados à medida que nossos nomes vinham à superfície e atirados uns para o exílio forçado ou voluntário; outros para campos de concentração, para cadeias; ou simplesmente marginalizados na profissão, em todo o quanto dependesse dos organismos oficiais. O cantor, por isso não voltou a pisar os palcos da televisão. O Brasil o acolheu. Como acolheu Paulo de Castro, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, muitos mais. O inconformismo era igual, embora em sectores diferentes.

Tem-se falado muito do fascismo no sector intelectual, das proibições de livros, demissão de professores, prisões de alguns deles, dos militares em conspiração ou mesmo de armas na mão, julgados ou não julgados, mas atirados para as enxovias ou para o desterro. Do fascismo na rádio, no teatro, na televisão, pouco se tem dito. Há uma lista, publicada na colecção do Livro Negro sobre o Fascismo, de livros proibidos. Muito incompleta embora, é alguma coisa. Mal se tem falado, aqui e além um toque, um apontamento, da repressão fascista nos meios artísticos: teatro, rádio, televisão, pintura, escultura, outras artes plásticas.

O caso de Francisco José entra neste sector, como o de Maria Barroso atirada fora do Teatro Nacional, como o de Igrejas Cacião e seus Companheiros da Alegria, como o dos pintores e escultores malditos, o primeiro deles o jovem Júlio Pomar de quem é um admirável retrato de Norton de Matos, na campanha deste à presidência da República. Mas a repressão nas Belas Artes não era inferior à dos outros sectores. E tão atrabiliária como em toda a vida nacional. Lembro apenas, a entrada, cheia de farroncos, de um ministro da Educação, numa Exposição Geral de Artes Plásticas. Olhou para um lado e para outro. Fixou com ódio e asco as obras de quem não percebia patavina, a da então chamada Arte Moderna; e, em gesto imperioso, estendeu o braço para este quadro, para aquele, para mais outro: «Atirem isso fora daqui!» E os lacaios tiraram os quadros que o ministro, analfabeto em arte, lhes indicava.

Dissemos analfabeto em Arte. A censura, em arte como nas letras como no próprio pensamento, é sempre um analfabetismo e leva ao analfabetismo. Retiram-nos um livro doutriniário para nos privarem da informação sobre essa doutrina; tiram-nos um jornal ou revista que relata factos e os comenta, para nos deixarem na ignorância dos mesmos factos e sua possível repercussão. Toda a censura visa a espalhar a ignorância. Não é por acaso que o director-mor dos censores e da polícia política, em determinada altura, fechou as Escolas Normais e durante sete

anos, creio, dessas escolas não saiu um professor, uma professora, um mestre de meninos. Substituídos eram por pobres regentes escolares que mal podiam ensinar o que elas próprias não sabiam.

O segredo das ditaduras está sempre na ignorância do povo. O ditador quer parecer homem perfeito, estadista consumado, sentenciar sobre a evolução política do mundo, como sobre a arte e a filosofia, sem ter contraditores. Se ele admitisse contraditores, confessava a sua fraqueza, a sua mesma ignorância, e empanava a sua imagem junto do povo que quer dominar. Observações, críticas, protestos, comunicação de factos heréticos, seria admitir no País a existência legal da mesma heresia. E esta é sempre excomungada em todos os estados e religiões que vivem à base da infalibilidade do chefe.

Em religião, como em política, como na Arte. A tolerância é a virtude essencialmente democrática. Não se impõe a ninguém um pensamento, uma forma de expressão. Nem há herejes em regime democrático, mas cidadãos, com direitos e deveres iguais.

O cantor inconformista inconformado de há vinte ou trinta anos foi-se agora embora e para sempre. Acolhera-o a hospitaleira terra do Brasil, como a tantos outros informados nos domínios do pensamento e a alguns revoltados de armas na mão. É um passado que se vai delindo, à medida que a prática democrática se vai estruturando. Ai de nós se a reestruturação se anda no sentido unanímista!

PSD/Jardim reage com violência

"Juridicamente um monstro" decisão do TC sobre Lei eleitoral madeirense

A Comissão Política regional do PSD/Madeira classificou de «erro grosseiro» a posição assumida pelo Tribunal Constitucional sobre a proposta de lei eleitoral para a região autónoma.

O comunicado, subscrito por João Jardim, acrescenta que a «politicamente prevista declaração de inconstitucionalidade» de uma norma da proposta de lei eleitoral «só pode acautelar a sobrevivência do Partido Comunista no Parlamento da Madeira».

Criticando os «comportamentos anteriores antiautonómicos» do denominado Tribunal Constitucional «inviabilizadores de um desenvolvimento progressivo e harmónico de todo o País», o PSD/Madeira considera «juridicamente um monstro» a decisão assumida por aquele órgão.

«De facto, uma coisa é o princípio da representação proporcional e outra coisa é o número de deputados em função do número de eleitores», refere o comunicado social-democrata.

Para a Comissão Política do partido maioritário «o que é inconstitucional é a doutrina do denominado 'Tribunal' Constitucional, ao violar o princípio da igualdade de direitos entre todos os cidadãos, na medida em que, proporcionalmente, os cidadãos de círculos pequenos ficam com direito a mais representantes do que os cidadãos dos círculos maiores».

A Comissão Política do PSD/Madeira sublinha, «para exemplo meramente teórico e académico», que bastaria o Parlamento regional «criar dois municípios artificiais, um nas Desertas e outro nas Selvagens, colocar aí dois cidadãos a viver e logo os dois seriam deputados».

«E isto só porque o denominado 'Tribunal' Constitucional confunde a regra da proporcionalidade com a regra da igualdade de representantes em função do número de eleitores. Assim vão as instituições da República», conclui o comunicado.

JC levanta dúvidas sobre as contas do Conselho Nacional da Juventude

As contas de 1986 do Conselho Nacional da Juventude (CNJ) não justificam as despesas alegadas, afirma a Juventude Centrista (JC).

Em quatro exames às contas do ano do CNJ, a JC considerou «os documentos insatisfatórios quando a correcta e iniludível justificação das despesas a que se referiam», concluem num relatório os dirigentes da Juventude Centrista Mário Costa Pinto e Henrique Ribeiro.

«Montantes substancialmente mais elevados do que os dos documentos analisados», «despesas irregularmente justificadas» e «completas anarquias, desorganização e impenetrabilidade que surpreendentemente caracterizam» são algumas das faltas de transparência apontadas no documento.

No mesmo sentido o vice-presidente da JC, Jorge Ferreira, oficiou ao presidente da assembleia geral do CNJ a sugerir a constituição de uma comissão eventual para «uma vistoria exaustiva dos exercícios (do conselho) de 1986 e 1987».

As rubricas consideradas menos claras referem-se a questões como contas num hotel de luxo, despesas de gasolina com automóveis de aluguer, refeições, gastos com colagens de cartazes

e assinaturas suspeitas em recibos de conhecida artista interveniente no «Festival Lisboa capital da paz».

O relatório dos dirigentes centristas menciona 58 contos de aluguer de cinco automóveis, 415 contos de montagem do palco para o referido festival, 74 contos de gasolina para os mesmos veículos, que tanto não terão consumido, 81 contos para «refeições no local a artistas, motoristas e «staff», 2750 contos para aluguer de equipamento para o festival e 150 para colagens de cartazes, de que só metade terão sido pagos.

Refere ainda o documento a conta do hotel Sheraton, de 749 contos, da qual «fazem parte referências e bastantes 'caravelas', a 'alfama' e algumas saunas».

No que toca a alguns itens, segundo os dirigentes centristas, um ou outro «ticket» de Metropolitano foi ainda acrescentado às facturas, a completar os 81 contos.

Termina a JC com «outra curiosidade», como «a do pagamento dos 'cachets' a artistas portugueses» no referido festival, pois «as assinaturas deles parecem feitos pelo mesmo punho», reproduzindo a propósito, em «fac-símile» e sob suspeição,

duas assinaturas da cantora Lenora d'Água.

«Nesta visita (às contas do CNJ), conclui o documento de Costa Pinto e Henrique Ribeiro, tentamos perceber os diários de razão, mas os sucessivos envios e reenvios de verbas de umas referências para outras, por um lado, e a falta de clareza, seja das pastas, seja deles próprios, levou-nos a desistir do empreendimento por manifestar a preparação para acompanhar toda aquela ginástica das verbas saltitantes.»

JS reuniu com Couto dos Santos

Uma delegação da JS reuniu com o ministro da Juventude, Couto dos Santos, para falar de questões juvenis sobre as quais os jovens socialistas sentem «alguma preocupação».

No final da reunião, o secretário-geral da JS, José Apolinário, disse ter manifestado ao ministro Couto dos Santos «preocupação» pelo encerramento das chamadas rádios locais e pelo que isso implicará para os muitos jovens que aí trabalham.

Outro assunto abordado refere-se às comemorações dos Descobrimentos e José Apolinário

disse ter ficado com a impressão de que, após a reestruturação decidida em Conselho de Ministros em relação à comemoração para as comemorações, «haverá condições para dignificar a comissão».

Apolinário disse que há muitos jovens e organizações juvenis envolvidas nas comemorações, designadamente no programa «Os jovens e os Descobrimentos» que se realizará em Setembro.

A JS e o ministro falarão ainda da cooperação juvenil entre Portugal e os países africanos de expressão oficial portuguesa, tendo a JS defendido a existência de um conselho consultivo de juventude que debata a articulação das políticas de cooperação.

A situação dos estudantes bolseiros dos Palop's em Portugal, «muitas vezes com graves problemas económicos», foi outro assunto abordado, segundo afirmou José Apolinário.

A JS defende, acrescentou, «um esforço orçamental para fomento de intercâmbio juvenil entre Portugal e os Palop's».

O movimento associativo e «questões concretas da política juvenil, como habitação e emprego» foram outros assuntos abordados nesta reunião.

Sucessão de Lemos Ferreira

SOARES CARNEIRO PODERÁ SER SOLUÇÃO TRANSITÓRIA

«É prematuro avançar com o nome do futuro sucessor de Lemos Ferreira na chefia do Estado-Maior-General das Forças Armadas e descabido adiantar que o Governo o não reconduzirá» — afirmam meios próximos da instituição militar a propósito de uma notícia em que se apresentava a substituição do actual CEMGFA como facto consumado a partir de Março de 1989. Segundo as mesmas fontes, se Lemos Ferreira não for reconduzido, é muito provável que o Ministério da Defesa Nacional proponha o general Soares Carneiro para o lugar de CEMGFA.

É uma solução transitória, visto que o antigo candidato da ex-AD à Presidência da República, em competição com Ramalho Eanes, passa à reserva em 1990, situação em que já se encontraria (fez 60 anos em 25 de Janeiro findo) caso não subisse o seu número de estrelas. A sua indicação (por Lemos Ferreira) para a vice-chefia do Estado-Maior-General das Forças Armadas foi a saída encontrada em 1986 para este homem que não enjota o poder.

As mesmas fontes sublinham o facto de meses antes da prorrogação do actual mandato — depois de uma primeira nomeação de três anos para o lugar —, há pouco mais de um ano, notícias do mesmo teor e no mesmo sentido terem sido desmentidas, na prática, pelo Governo. Meses antes — um ano — da prorrogação do mandato, cruzaram-se as mais díspares notícias sobre a sua substituição. Cavaco Silva veio afinal, a propor a Soares que a Lemos Ferreira sucedesse... Lemos Ferreira.

A eventual indicação de Soares Carneiro para a chefia do EMGFA não decorreria do facto de ser o actual vice-chefe das Forças Armadas, como a própria Lei de Defesa Nacional recomenda — mas Cavaco não aplicou na Armada em relação ao sucessor natural de Sousa Leitão —, mas por constituir a melhor solução, durante um

ano, para a imposição de um dos dois mais sérios candidatos ao lugar: Andrade e Silva e Tomé Pinto.

As mesmas fontes manifestam a opinião que os últimos acontecimentos no Exército, desde a publicação da «versão cor-de-rosa» da guerra colonial — livro bastante polémico no quadro das Forças Armadas — aos desastres dos «comandos», terão retirado possibilidades de Firmino Miguel ser hoje o mais forte candidato à chefia do EMGFA.

Em seu lugar, o candidato do Exército seria Tomé Pinto.

Mas, quer o vice-chefe do Estado-Maior do Exército quer o almirante Andrade Silva estão nos postos que presentemente ocupam há muito pouco tempo. Tornar-se-ia aconselhável — referem os nossos informadores — que permanecessem neles durante mais um ano, podendo então o Governo nomear um deles (ou um terceiro) para a chefia do EMGFA, onde então já não estaria Lemos Ferreira — transitoriamente «rendido» por Soares Carneiro.

O general Lemos Ferreira termina a 8 de Março o seu mandato de CEMGFA, podendo passar então à reserva ou ser reconduzido no lugar, uma vez que a lei não é explícita quanto ao número de prorrogações, dizem as mesmas fontes. Segundo estas, não é claro que o diploma redigido por Freitas do Amaral (então vice-primeiro-ministro e titular da Defesa Nacional) sustente apenas uma prorrogação.

Caso o Governo não interprete assim a Lei de Defesa Nacional neste particular, terá de propor seis nomes — dois por cada ramo das FA's — para a sua sucessão. Soares Carneiro poderia apresentar-se como solução transitória e principal candidato ao lugar, mas só no pressuposto de não ser contestado pelas forças democráticas.



Soares Carneiro e Lemos Ferreira

CNCD terá uma comissão executiva e um conselho científico

Ministro Couto Santos vai presidir à Comissão dos Descobrimentos

O Ministro-Adjunto e da Juventude, Couto Santos, será o presidente da nova Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, confirmou esta manhã ao «DL» uma fonte governamental.

A nova CNCD, que terá um comissário-geral e cerca de 20 vogais, articular-se-á em duas comissões, uma com funções executivas, dirigida pelo comissário-geral, e outra científica, que emitirá, a pedido da Comissão Nacional, pareceres em matérias de carácter histórico e científico.

Segundo a mesma fonte ouvida pelo «DL», a comissão executiva funcionará a tempo inteiro e os seus membros actuarão como «autênticos gestores», de modo a garantir-se uma «maior eficácia a nível da tomada de decisão e da sua execução» e visando uma «melhor articulação das acções a desenvolver».

O decreto-lei da nova CNCD ontem aprovado pelo Conselho de Ministros, estabelece que haverá representantes dos ministérios da Defesa, Finanças, Planeamento, Negócios Estrangeiros, Educação, Juventude e Cultura, das Regiões Autónomas, do Conselho de Reitores das Universidades, das Academias de História e das Ciências de Lisboa, da Marinha e Nacional de Belas Artes, da Sociedade de Geografia, da Associação Nacional de Municípios, da Conferência Episcopal e da Fundação Gulbenkian.

Vasco Graça-Moura comissário-geral?

Vasco Graça Moura, administrador da Imprensa Nacional e comissário de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha de 1992, membro por inerência da Comissão Nacional e recentemente envolvido em pública polémica por motivo de um contestado livro sobre os Descobrimentos (oferecido por Cavaco Silva a destacados membros do parlamento Europeu) poderá ser o comissário-geral, ou seja, o responsável da comissão executiva, órgão decisório por excelência da CNCD.

O Prof. Luís Albuquerque, conhecido especialista da temática das Descobertas e cujo nome chegou a ser ventilado para a presidência da CNCD, poderá ser nomeado responsável do Conselho Científico, entidade meramente consultiva.

O comissário-geral e coordenador da comissão executiva terá, indica o diploma governamental, o estatuto de gestor público e será nomeado por um período de três anos por despacho do Primeiro-Ministro.

O «desastre» da primeira CNCD

A primeira CNCD, presidida pelo comandante Serra Brandão, empossada no começo de 1987 por Cavaco Silva, teve curta e atribulada existência, não resistindo aos métodos de gestão do seu presidente e aos «desastres» das comemorações da chegada de Bartolomeu Dias ao Cabo da Boa Esperança, na África do Sul, contestadas pela comunidade negra local e por figuras nacionais do nosso país e da exposição alusiva aos Descobrimentos na Fundação Gulbenkian, legendada apenas em inglês.

Em Fevereiro último, pouco tempo depois dos acontecimentos ocorridos na África do Sul e na Gulbenkian, pediram a demissão da Comissão os seus vice-presidentes Veríssimo Serão e Oliveira Ramos e os vogais Mendes Luz e Clara Junqueiro.

Serra Brandão pediu a demissão em Maio último e, alguns dias depois, quatro dos novos membros membros da Comissão por ele designados (Vasco Graça Moura, Helena Vaz da Silva, Luís Filipe Barreto e João David Nunes) pediram ao Governo a instauração de um inquérito à sua actuação enquanto presidente da CNCD.

"Relatório Sousa Franco" em fase de execução

Governo prepara novo sistema remuneratório para a Função Pública

O Governo decidiu na sua reunião de ontem promover a realização das «acções e activar os mecanismos necessários à execução» das propostas no relatório sobre as remunerações da Função Pública, elaborado por uma comissão presidida pelo Prof. Sousa Franco e integrada, entre outros, pelos dres. Sousa Gomes e Nascimento Rodrigues.

A nota do Conselho de Ministros refere ainda ter sido aprovada a «metodologia de aplicação do novo modelo para o sistema retributivo da Função Pública, que passará a assentar numa estrutura indiciária» e estabelece o «plano temporal referente à sua execução» na base de «acções de diálogo e concertação com os parceiros sociais».

O «relatório Sousa Franco» denuncia a acumulação, nos últimos 50 anos, de esquemas complementares de remunerações e salienta o facto de, nos últimos anos, se ter acentuado uma crescente «apetência pela criação de remunerações acessórias» para concluir pela necessidade de «pagar melhor e repôr a justiça relativa».

O relatório recorda que o sistema de 21 posições salariais foi previsto para um universo de 25 mil funcionários e não

para o quase meio milhão actual de trabalhadores da FP, o que explica o aparecimento dos «esquemas complementares de remunerações» e a sua particular incidência em sectores de grande peso e tradição no aparelho de Estado, casos dos sectores da Justiça e das Finanças.

Noutras áreas, como a Saúde, a Investigação e o Ensino Universitário, tornou-se igualmente necessário praticar o esquema de remunerações acessórias face ao peso social das profissões em causa e à concorrência do sector privado.

O relatório cita ainda casos de subsídios compensatórios em actividades de maior risco e desgaste (serviços prisionais e de informações) e esquemas diversificados de benefícios de acção social complementar (assistência hospitalar e médica, etc.), para concluir pela ausên-

cia de «uma perspectiva sistémica» e de um «mínimo de clareza e coerência, dificilmente justificáveis com base em critérios técnicos e até, ao que se julga, em opções políticas ou considerações de utilidade ou de justiça social».

De acordo com a resolução ontem aprovada, o Governo decidiu «preparar o quadro normativo necessário à definição dos princípios fundamentais do novo sistema retributivo e à modernização das formas de gestão de pessoal».

Igualdade homem-mulher

O Executivo aprovou ontem também um diploma que alarga à Administração Pública e aos trabalhadores ao seu serviço os princípios sobre a igualdade no trabalho e no emprego em que o decreto-lei 392/79 já prevê para o sector privado.

O comunicado da reunião especifica o propósito de se prestar uma «atenção particular à igualdade de oportunidades no emprego para as mulheres, de modo a garantir-se o cumprimento dos princípios contidos na legislação comunitária nacional».

Cavaco Silva a "Le Figaro"

INVESTIMENTO ESTRANGEIRO AINDA É INSUFICIENTE

"Portugal está muito aberto ao investimento estrangeiro mas esta deve produzir aqui e o valor acrescentado deve aparecer no nosso país", declarou Cavaco Silva em entrevista ao "Figaro". De acordo com o Primeiro Ministro, "de momento o investimento estrangeiro em Portugal, que ronda os 300 milhões de dólares por ano, é muito pouco se o comparamos com o realizado em Espanha".

No entanto, o chefe do Governo considera que se está a verificar um progresso notável. Segundo dados que apresentou, em 1987 os investimentos estrangeiros aumentaram 150 por cento, e nos primeiros cinco meses de 1988 o montante global destes investimentos foi três vezes superior ao mon-

tante atingido no mesmo período do ano anterior. Cavaco Silva justificou este facto afirmando que "os estrangeiros podem instalar-se no país para em seguida venderem para o resto da CEE, e também para a África e para a América do Norte".

No que diz respeito à indústria portuguesa, o Primeiro Ministro considerou-a "muito vulnerável", mas afirmou que o seu Governo pretende modernizá-la: "As indústrias têxteis e do calçado são muito importantes, mas nós queremos criar novos sectores de competitividade, principalmente nas indústrias de tecnologia avançada, negociando acordos com empresas estrangeiras", explicou.

Durante a entrevista concedida àquele periódico francês,

Cavaco Silva declarou ainda que "em Portugal há interesses e privilégios que foram mantidos durante muitos anos devido à instabilidade política", acrescentando que "todos os governos que se sucederam tinham de facto a intenção de modificar certas leis, mas recuaram sempre perante a forte resistência dos sindicatos".

O chefe do Executivo referiu concretamente as novas leis da reforma agrária, dos despedimentos, da reforma fiscal e das privatizações, como exemplo de "reformas profundas e indispensáveis para a sociedade portuguesa", indicando-as igualmente como prova de que o seu Governo decidiu continuar, apesar dos protestos dos sindicatos.

Portugal e Itália preparam cooperação

O incremento da cooperação africana por parte de Portugal e da Itália foi o principal ponto discutido entre o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Durão Barroso, e as autoridades italianas, durante uma visita de quatro dias deste responsável português a Roma. A este propósito, Durão Barroso referiu que "existem alguns projectos concretos em carteira", mas que estes não serão divulgados enquanto não forem discutidos com as nações a que dizem respeito.

Das acções acordadas destaca-se a provável realização, em Lisboa, de um simpósio luso-italiano de agentes para o desenvolvimento que se destina a ver, concretamente, como é que os empresários dos dois países

podem ter um papel acrescido nos países em vias de desenvolvimento e contribuir para a sua reconstrução nacional.

Segundo o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, a cooperação é o da saúde, pois Portugal "tem capacidade no campo da medicina tropical enquanto os italianos estão mais preparados para a reabilitação de unidades hospitalares". Como tal, "é precisamente neste domínio que estão já a ser estudados alguns casos concretos".

Entre os pontos de vista que os dois governos têm em comum, destacam-se a convicção de que a Comissão das Comunidades Europeias deve prestar uma ajuda financeira aos países que têm maiores dificuldades, e a necessidade de reforçar o pa-

pel do investimento privado.

No que se refere às possibilidades portuguesas de contributo, Durão Barroso reconheceu a impossibilidade de Portugal competir com Roma em termos de investimento financeiro, mas realçou a importância da experiência nacional em algumas áreas, e da nossa presença histórica nos países de expressão oficial portuguesa.

Recordando que, em termos financeiros, a cooperação para o desenvolvimento permite criar condições às empresas portuguesas para se afirmarem num mercado bastante difícil, este membro do Governo acrescentou, porém, que a avaliação da cooperação deve também ser feita em termos de qualidade e resultados.

Em debate sobre a URSS

Natália Correia exalta "embriaguez da liberdade..."

O lançamento de um livro da editorial «Avante» com as intervenções de Gorbachov e as resoluções da recente conferência do PCUS sobre o aprofundamento da «Perestroika» foi tema ontem, num hotel de Lisboa, de um vivo debate sobre as transformações em curso na União Soviética.

Coube a António Borge, director de «o diário», a Natália Correia, escritora e deputada, a introdução do debate. Presentes numerosos militantes, incluindo subscritores do chamado «documento-Saramago» (entre outros, o economista António Mendonça e vários jornalistas) e dirigentes comunistas (Octávio Pato, Dias Lourenço e Albano Nunes), além de diplomatas e personalidades como o administrador da Gulbenkian e ex-candidato à direcção da UNESCO, Sá Machado.

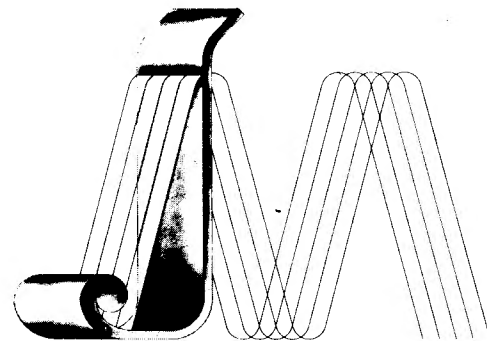
António Borge, que falou na qualidade de jornalista presente nos trabalhos da conferência, criticou as abordagens de carácter «primário, simplista e dogmático» que, no seu entender, têm sido feitas da «perestroika». Frisando a sua posição de jornalista

que procura «cavar a realidade para a transmitir aos outros», António Borge considerou o processo soviético «muito complexo» e definiu-o mais como «reestruturação ou superação dos erros» do que «rectificação» ou simples «aprofundamento» do sistema.

Natália Correia, que colheu aplausos no final da sua intervenção, falou com entusiasmo de uma recente viagem à URSS, onde participou no congresso de escritores, salientando a autenticidade da denúncia do estalinismo e do regresso aos princípios leninistas do «poder aos soviéticos» como fórmula própria de uma «democracia socialista de novo tipo», sem a hegemonia do partido dirigente. Crítica em relação a algumas situações agora experimentadas na URSS, como os concursos de misses e outras fórmulas da vida ocidental, Natália Correia considerou-as, porém, marginais em relação à «perestroika», cuja «embriaguez de liberdade» exaltou.

Exponetente e viva, a escritora sublinhou ainda na sua intervenção que «há na URSS a consciência de que sem democracia não há liberdade...» E. A.

prémio jovens músicos



3.ª ELIMINATÓRIA NÍVEL MÉDIO Agosto às 10 h.

DIA 4 OBOÉ

António Luís Rodrigues Mota
Francisco Luís Costa Vieira

DIA 4 TROMPA

Maria de Jesus Carvalho Cotrim

DIA 5 CONTRABAIXO

Mário Gabriel Pereira Pinto
José António Rasquinha Mira
Jorge Lourenço Rodrigues Carreiro

DIA 9 VIOLINO

André Filipe Cabral da Fonseca
Alberto Augusto Liberal da Fonseca
César João dos Santos Oliveira

DIA 10 CLARINETE

António Joaquim Ribeiro Pereira
Luís Miguel Oliveira Gomes
Carlos Manuel Dinis Piçarra Alves

2.ª ELIMINATÓRIA NÍVEL SUPERIOR DE VIOLINO Agosto às 17 h.

Joaquim Paulo Figueiredo Rodrigues

Estúdio «A» da RDP
Rua do Quelhas, n.º 2, Lisboa

ENTRADA LIVRE

PROGRAMA 2

RANK XEROX



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Fundação
Luso-Americana
PARA O DESENVOLVIMENTO

RTP suspende trabalhadores grevistas

Onze dos quinze trabalhadores da RTP aos quais tinha sido instaurado um processo disciplinar na sequência da sua adesão à greve geral de 28 de Março foram punidos pelo Conselho de Gerência da empresa com seis dias de suspensão. Os processos relativos aos outros quatro operários foram arquivados.

Segundo Dias Gomes, do Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações, os trabalhadores afectados discordam da decisão, e vão apresentar queixa do Conselho de Gerência da RTP ao Tribunal do Trabalho, «mal acabe o período de férias judiciais».

Recorde-se que, a quando da greve geral, 500 trabalhadores da RTP paralisaram o seu serviço habitual, o que levou o Conselho de Gerência da empresa a instaurar um processo disciplinar a 15 deles, visando o despedimento. O inspector do processo concluiu, entretanto, deverem ser aplicados seis dias de suspensão a 11 trabalhadores e serem arquivados os restantes quatro processos. Segundo um sindicalista, o Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações desconhece as razões que levaram os responsáveis da RTP a instaurar os processos.

«Não há razão para esta alteração de comportamento, todos fizeram greve», afirmou Dias Gomes.

TERCEIRA CENTRAL: PSD DEVE EXPLICAR QUAL A SUA POSIÇÃO

— comenta um sindicalista social-democrata

«O PSD deve rapidamente clarificar a situação interna no campo sindical, porque tem um conjunto significativo dos seus militantes nos órgãos da UGT e é a fonte de financiamento dos TSD. O partido terá que analisar profundamente se as suas verbas estão a ser usadas na expansão do ideário social democrata ou a servir de fundo de maneo para a formação de uma terceira central sindical», afirmou ao «DL» Rui Santos Alves, membro social democrata do Secretariado Nacional da UGT, a propósito das afirmações do Eduardo Gomes, dos TSD, sobre a «inevitabilidade» da formação de mais uma central sindical.

A formação de uma terceira central sindical pelos Trabalhadores Social Democratas (TSD), hipótese tomada pública por um dos dirigentes da organização, Eduardo Gomes, em entrevista ao semanário «Tempo», é considerada pela UGT como a resposta de quem «não sabe perder».

«O grande defeito dos TSD e do seu Secretariado Nacional tem sido, nos últimos meses, a falta de estratégia sindical. Ainda com um pé dentro e outro fora da UGT, aparecem agora a falar numa terceira central sindical e, o mais estranho, pela boca de uma pessoa que nem é dirigente sindical, é um digníssimo deputado da Assembleia, que desconhece profundamente o mundo laboral», disse ao «DL» Rui Santos Alves.

Para aquele sindicalista, «o PSD deve rapidamente clarificar a situação interna no campo laboral, porque não pode estar com deus e com o diabo. O partido é a fonte de financiamento dos TSD e passa pelo partido saber o que pretende fazer e até que ponto está a criar condições para a formação de uma terceira central, que seria fantoche».

Os sindicalistas social democratas do Secretariado Nacional da UGT ainda não estabeleceram qualquer contacto com o PSD sobre este assunto pois, segundo Rui Santos Alves, «todos assinámos uma carta enviada a Cavaco Silva, na qual lhe co-

municávamos a nossa tomada de posse e dávamos conta da nossa disponibilidade, como militantes do partido, para o diálogo. Por isso não nos compete tomar a iniciativa de dizermos o que pensamos».

Segundo aquele dirigente da UGT, «não há espaço para uma terceira central sindical, perfeitamente identificada com o Governo».

«Se os TSD põem a hipótese dos sindicatos filiados na UGT saírem para uma terceira central sindical, estão a esquecer que isso depende não da sua vontade, mas da dos sócios. As declarações sobre a formação de outra central sindical não têm nexo e testemunham mau perder, o que não se coaduna com os princípios sindicais que dizem defender», acrescentou Rui Santos Alves.

Recorde-se que os TSD viram o seu poder drasticamente reduzido na central depois do Congresso Extraordinário, em Julho passado, quando afastados do Secretariado Nacional onde detinham, desde Braga, os 18 lugares pertencentes aos sindicalistas social democratas.

Depois do Congresso do Coliseu, aqueles lugares foram ocupados pelos dirigentes sindicais social democratas que aceitaram a «plataforma de unidade» proposta por Pereira Lopes, presidente da central, e os TSD foram remetidos para o Conselho Geral.

Ontem, Eduardo Gomes, em entrevista ao «Tempo», sustenta que a criação de uma terceira central sindical é «inevitável», e que existem condições para a lançar. A ideia está em estudo no seio dos TSD, tudo dependendo do que for decidido na conferência nacional agendada para Outubro.

A razão que os TSD aponta para a sua saída da UGT e a criação de outra central sindical é a hegemonização que os socialistas estão a fazer da União Geral de Trabalhadores.

OIT em regime de alternância

Centrais sindicais acordaram lugares em órgãos oficiais

A CGTP e a UGT chegaram a acordo, no âmbito do Grupo Trabalhador do Conselho Permanente de Concertação Social, na distribuição de lugares nos órgãos oficiais a que pertencem (ou venham a pertencer), nacionais e estrangeiros.

Depois de três reuniões de trabalho, o acordo foi assinado na passada sexta-feira, por José Luís Judas e João Correia, pela CGTP, e João Proença, em representação da UGT.

O acordo prevê que nos organismos onde haja lugares pares para os representantes dos trabalhadores eles serão distribuídos equitativamente pelas duas centrais, e nos ímpares em alternância.

A indicação do delegado dos trabalhadores à conferência da OIT (onde em Junho esteve Vítor Hugo Sequeira, da UGT, nomeado pelo Governo) será feita em regime de alternância pelo Grupo Trabalhador, cabendo o próximo mandato à CGTP.

Também os lugares de conselheiros técnicos «serão preenchidos em paridade» - lê-se na acta final do acordo entre as duas centrais sindicais - devendo haver «consenso na sua distribuição».

A acta do acordo menciona também as diversas estruturas nacionais e estrangeiras em que se registou acordo quanto ao tipo de participação das centrais, com base nos princípios de dupla representatividade ou alternância.

A nível nacional, salienta-se o INATEL, o Instituto de Emprego e Formação profissional, a Comissão Nacional e o Conselho Nacional da Indústria.

Segundo a acta, o Grupo Trabalhador «obriga-se a formalizar, junto do Governo, a reivindicação de atribuir a direcção do INATEL às confederações sindicais».

No Instituto de Emprego e Formação Profissional, o Grupo Trabalhador preconiza a co-gestão com o Governo, exigindo os lugares de dois vogais da Comissão Executiva, cada um deles nomeado por cada central e, no Conselho de Administração, onde a UGT possui quatro lugares e a CGTP nenhum, a primeira fará, em princípio, cessar os mandatos de dois deles.

A acta refere-se ainda à divisão de lugares em nove estruturas comunitárias, entre as quais o Comité Consultivo do Fundo Social Europeu e o Comité Permanente do Emprego.

"UGT não soube negociar Acordo de Rendimentos"

— acusa sindicato do sector metalúrgico

«A UGT não soube negociar o Acordo de Política de Rendimentos. Não é uma acusação, é uma realidade de facto», afirmou ao «DL» José Manuel Morais, do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Afins (SIMA), que considera a decisão da central de denunciar o Acordo «correcta mas tardia». Depois do SITRA, sindicato do sector dos transportes, a UGT vê-se, assim, confrontada com a crítica que mais um dos seus sindicatos sobre o Acordo que assinou.

O SIMA exige que a UGT «não consinta que o Conselho Permanente de Concertação Social (CPCS) se transforme num mero instrumento do Governo para a conção salarial», salientando:

«Os representantes da UGT no CPCS não nos deram ouvidos e os resultados estão à vista: a inflação aproxima-se dos 10 por cento e os aumentos salariais variam, em média, entre os 6 e os 8 por cento».

Segundo José Manuel Morais, a central não foi prudente ao assinar o Acordo e, agora

que está provado que a inflação derrapou e as metas previstas não serão atingidas, «não existe no Acordo um instrumento que permita a sua correcção, o que é, em grande parte, um erro da UGT. Por outro lado, isso prova que Cadilhe negociou de má fé, se não não teria dificuldade em se sentar à mesa com a central e renegociar o Acordo».

Os sindicatos contestam assim a situação em que foram postos pela sua central sindical com a assinatura do Acordo sobre Política de Rendimentos e Preços, do qual resultou que «nas empresas públicas os aumentos salariais não foram negociados, foram impostos, e com valores que não permitem a reposição do poder de compra, num ano em que a economia o permitia».

Neste âmbito, o SIMA critica também o Governo, referindo que o ministro das Finanças, «tão inflexível nos aumentos salariais dos trabalhadores, auto-aumentou-se em quase 30 por cento, ou seja, muitas vezes a taxa de inflação prevista pelo Governo para 1988».

O Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Afins observa que os salários em Portugal representam um terço dos praticados no resto da Europa e que, em 1992, a integração plena no Mercado Único Europeu, «fará aparecer esses níveis como inaceitáveis».

Acordo de Rendimentos em novos moldes

Para o SIMA, caso seja negociado um Acordo de Política de Rendimentos para 1989, este deve ser feito «não com base da inflação esperada, mas na verificada, para que o Acordo não seja uma mera delcaração de intenções de Cadilhe».

Segundo José Manuel Morais, o seu sindicato propôs à central que um novo Acordo tenha em conta as realidades regionais, as assimetrias existentes no país.

«A nossa proposta, à qual a UGT mostra alguma receptividade, aponta para a existência de um Acordo quadro, mas com adaptações regionais», ex-

plicou o sindicalista.

O SIMA condiciona o sua aceitação de eventuais medidas que venham a ser tomadas a quatro objectivos que, a seu ver, deveriam merecer tratamento prioritário no Conselho Permanente de Concertação Social: o crescimento dos salários de modo a que em 1992 os rendimentos dos trabalhadores portugueses estejam o mais próximo possível dos parâmetros europeus e a redução imediata e progressiva do horário de trabalho até ser atingida a metas das 35 horas semanais.

Os outros dois objectivos prendem-se ainda com a tomada de medidas eficazes contra o desemprego e o trabalho precário e com a melhoria e dinamização das prestações e serviços da Segurança Social.

«Estes objectivos devem nortear a actividade dos nossos representantes no CPCS, para que este possa também servir os interesses dos trabalhadores. Caso contrário, mais vale responder à intransigência do Governo com a firmeza da nossa luta», conclui.

UGT "cedeu" nas críticas ao PCEDED contra aprovação do Acordo de Rendimentos

— acusa ministro da Indústria

O ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, acusou ontem a UGT de haver «cedido», há um ano atrás, nas suas críticas ao Programa de Correcção Estrutural do Déficit Externo (PCEDED), junto do Ministério das Finanças, contra a aprovação do Acordo de Rendimentos e Preços de 1987.

Mira Amaral falava durante um encontro com a comunicação social para divulgação do programa de sensibilização do Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP), em resposta a questões que lhe foram colocadas relativas às divergências entre os critérios do PCEDED, tutelado pelo Ministério das Finanças, e o PEDIP, de responsabilidade do Ministério da Indústria e Energia.

Na sua intervenção, Mira Amaral disse que a UGT não tinha qualquer razão nas suas críticas actuais aos critérios do PCEDED, uma vez que na altura da sua elaboração concordou e aprovou que os projectos de investimento deveriam ser incentivadores da criação de postos de trabalho, tal como se encontra previsto nos critérios então estabelecidos, nomeadamente no rácio capital/produto dos projectos.

A justificação da discrepância de opiniões dos dirigentes sindicais da UGT é explicada pelo ministro pelo facto da UGT ter estado, na altura, «interessada na aprovação do Acordo de Rendimentos e Preços e cedeu, junto do Ministério das Finanças relativamente aos critérios do PCEDED».

Concluída a primeira etapa do "Comboio das Sete Cidades"

'O PESSOAL VAI BEM... OBRIGADO!'

Maria Antonia Martinho

«Fazemos de conta que isto é uma tenda de campismo e depois andamos todos uns atrás dos outros». Assim perspectivou uma jovem participante no «Comboio das Sete Cidades» aquilo que, durante os próximos dias, será a vida de outros cento e tal: entre a «casa» - o comboio - e as terras a visitar - sete - esta gente simpática deixa-se arrastar ao sabor dos acasos de que fazem a sua festa. Vieram de todos os distritos do país e, até que o comboio regresse a Sta. Apolónia, no próximo dia catorze, para muitos deles, esta viagem é, sem dúvida, o acontecimento mais importante do mundo.

Ao fim da manhã de ontem, na estação de Sta. Apolónia, centena e meia de jovens, na sua maioria muito jovens até, faziam os últimos preparativos para a partida do comboio que, durante catorze dias, os albergará para umas curtas férias itinerantes por sete cidades do nosso «cantinho» lusitano.

Chamaram-lhe o «Comboio das Sete Cidades», uma espécie de reprodução unicamente «made in Portugal» do sucesso que foi, no ano passado, o «Comboio Ibérico», este com carácter peninsular.

Organizado pelo «Grupo Média», uma associação juvenil que desde há cinco anos é responsável por programas e projectos de férias que os jovens portugueses vão tendo ao seu dispor, o «Comboio das Sete Cidades» foi apoiado e patrocinado por diversas entidades públicas e privadas das quais se destacam a Direcção-Geral do Turismo, o Estado Maior do Exército, algumas câmaras das cidades a visitar, o F.A.O.J., e a C.P. (Caminhos de Ferro Portugueses).

Apesar de a organização ter esperado um maior número de participantes neste «Comboio», os cerca de cento e cinquenta jovens que aderiram ao projecto, oriundos de todos os distritos do país (80 eram da zona de Lisboa), quase encheram as carruagens (seis) que a C.P. pôs à sua disposição. As idades dos participantes variavam entre os quinze e os vinte e cinco anos, mas a sua maior incidência situava-se entre os dezasseis e os vinte e anos, igualmente repartidas pelos dois sexos.

Estavam alegres e simpáticos. Eram alegres e simpáticos.

Não houve tristeza na despedida... pudera! Quantos deles não saíam pela primeira vez, sózinhos, de férias?! Os pais (e as mães), esses sim, preocupados. Muitos a esconder a lágrima ao canto do olho, não se cansando de insistir pelo telefonema, «mal acabes de chegar à Figueira». E os filhinhos, «matulões»

com alguns centímetros a mais de crescimento precoce e morenas a fazer engolir suspiros aos menos ousados, lá iam dizendo que «sim senhor» a tudo, rezando «aos céus» para que, «mal chegassem à Figueira da Foz», o seu primeiro destino, nada os fizesse esquecer tal missão.

O comboio partiu a horas. Sem atrasos que alvoroçassem os «pequenos». Eram onze horas e cinco minutos quando uma «algazarra» infernal ecoou pela gare de Sta. Apolónia, com lençinhos e cornetas a dar o «toque» da despedida. Para trás, no caso, foram ficando os familiares, na expectativa de que tudo «corresse bem», e o ministro da Juventude, Couto dos Santos que, a malta tão «porreira», não podia deixar de dizer o seu «adeus».

«Nestas coisas o pessoal aguenta-se sempre bem!»

Já o comboio deixara os limites da urbe lisboeta, e ainda a sinfonia das «cornetadas» e dos gritos, mal se avizinhava um túnel, não parara nem um segundo. A agitação era grande, para mais acrescida pela azáfama da troca de sacos e mochilas de quem não se dispunha a ficar nos compartimentos que lhes tinham sido destinados.

Enquanto a organização tivera o cuidado de separar os irmãos e os vizinhos, estes, pensando ter achado a melhor forma de «subverter a ordem instituída», «refizeram a casa», escolhendo para companheiros de «quarto» aqueles e aquelas que, por qualquer motivo, sempre tinham desejado para tal.

«Onde é que estás a morar?», representava, nesta gíria ferroviária, a demanda pelo número do compartimento e carruagem em que o interlocutor estava alojado.

O comboio estava equipado com um serviço de bar e um posto de primeiros-socorros que funcionava durante as vinte e quatro horas do dia, ambos sob a



responsabilidade dos jovens organizadores, e ainda com um grupo que garantia a sua segurança, isto é, para além da prevenção de problemas «que com certeza não irão surgir», controlava as entradas a qualquer hora do dia ou noite, pelo que aos participantes foi entregue, à partida em Sta. Apolónia, um cartão identificador que penduravam nas suas «T-shirts».

Tal como a responsável pela área das relações públicas do «Comboio das Sete Cidades», Lena Carvalho, nos afirmou, «os objectivos últimos deste tipo de projectos são sempre o de ter a oportunidade de fazer férias a um preço o mais reduzido possível e estabelecer novos contactos e amizades, pelo que não existem razões para que o pessoal tenha quaisquer problemas... essa é, pelo menos, o desejo e a convicção da organização... e depois, nestas coisas, o pessoal aguenta-se sempre bem!...».

«Directas» para o pão quente

Soubemos que a prática das «directas» é a mais corrente nestas viagens de «andar a correr de um lado para o outro, c'as terras são muitas, mas o tempo não». Para além da ida às discotecas, «que muito do pessoal não vive para outra coisa», sem hora de regresso marcada ou mesmo com uma definitiva permissão para tal, a procura da «eterna» padaria local que fornece o pão quente «às tantas» da manhã, é um dos hábitos «que o pessoal curte» mais.

«A gente não pode andar sem-

pre a comer em restaurantes, senão lá se fá a viagem mais barata... portanto 'gastamos' dos supermercados, pão, fiambre, fruta e depois vem-se comer para o comboio ou anda-se a comer pelas ruas... ora quando o pessoal fica à noite numa terra e anda p'ra lá na 'boa vai ela' até às quinhentas, ele é cá uma fominha que não te digo nada... então só resta o recurso ao pão quente ou aos bolos, p'rá malta aguentar até à hora do pequeno-almoço, que nos é fornecido no próprio comboio», ilucidou-nos Lia Pinto, uma jovem de Vila Real.

Na Figueira da Foz, cidade em que ainda ficaram algumas horas depois de os termos deixado, quanto a pão quente, os rapazes não parecem ter tido muita sorte. Na sua maioria, dedicaram a primeira noite de viagem a uma ida à discoteca, em «rebanho», abanar «o capacete», depois de a este respeito terem recolhido a opinião «séria e idónea» do posto de turismo mais central... que em matéria de dança os rapazes não se deixam levar...

«Eram quatro da manhã e ainda andávamos nestas andanças, do ora atravessa a Figueira para lá, ora volta para cá, porque a estação fica numa ponta da cidade», «queixava-se» Júlia Faria, que veio sózinha de Castelo Branco para integrar o «Comboio das Sete Cidades».

Esta era, aliás, uma das «coisas mais chatas» de que se queixava a rapaziada. Se tinham ficado em casa as preocupações do «faz a cama para agradecer à mãezinha, que por mim nunca a fazia», que os «sacos-cama» ao

monte eram o «toque» decorativo das suas novas «casas», o «ter que andar 'quilómetros' para chegar ao comboio, depois da estafa do dia, é uma 'cena' que nem te vou contar...».

Dormir no comboio... tá bem, tá bem... agora, ir até lá...

«Descobrimientos»: uma «injecção» cultural

Como «pano de fundo» desta iniciativa do Grupo Média encontravam-se as comemorações dos quinhentos anos dos «Descobrimientos».

«A principal razão que nos motivou para isto foi a tentativa de colmatar muitas das deficiências que os jovens têm ao nível da sua formação cultural», afirmou-nos Lena Carvalho, corroborando o que, desde há algum tempo, o Grupo Média vinha informando.

«Em colaboração com diversas entidades, nomeadamente algumas câmaras das cidades que vamos visitar, organizámos programas culturais que, inseridos no âmbito dos «Descobrimientos», visam também dar a conhecer a história dessas terras, através de visitas, obviamente facultativas - muitas delas nem passam de sugestões - a vários locais com carácter cultural, como museus ou monumentos».

Se a ideia possui, à partida, algum interesse, mesmo para quem espera, unicamente, andar 'a curtir' uns dias de férias, muitos fazendo um intervalo entre a época dos exames, a verdade é que ela não parece ter o mesmo acolhimento por parte dos jovens.

«Isto de virem falar dos 'Descobrimientos' é um bocado 'treta'», referiu-nos a Graça, ao que o Paulo Alexandre, da Amadora, correspondeu com um aceno de cabeça. «Parece assim uma injeção de cultura no meio disto, ainda que tenha piada... mas, na realidade, quem é que vai andar a visitar museus e coisas assim quando o pessoal, às vezes, está tão pouco tempo num sítio?... A verdade é que a gente mal 'abanca' em qualquer lado, saímos e vamos quase sem destino, uns atrás dos outros... e isto tem montes de piada».

Foi mais ou menos assim, depois do comboio ter chegado à Figueira da Foz, a primeira das sete cidades a visitar, pese embora o facto de a malta ainda não se conhecer muito bem.

Entre a praia e as esplanadas, onde a permanência dos clientes não pode exceder os sessenta minutos (!), fomo-los «perdendo», um pouco ao acaso dos destinos que, despreocupadamente, foram tomando.

O melhor da festa, que é como quem diz da viagem, «está para vir... lá para o Porto ou Braga, que é quando o pessoal já se conhece melhor».

Nós, entretanto, regressámos. Ficou-nos (só) um «gostinho» daquilo que faz esta gente andar por aí, por sete cidades que foram também escolhidas em função das disponibilidades e critérios oferecidos pela C.P.. E gostámos... mas isso, que interessa?!... eles é que partiram, eles é que se encontram nessas andanças... estavam alegres... e eram simpáticos.

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL



Obras de "Santa Engrácia" em estrada de S. João da Madeira

Particulares e empresas de viação encontram-se preocupados com as já chamadas «obras de Santa Engrácia» que estão a entupir perigosamente a Estrada Nacional N.º 22 que liga S. João da Madeira (foto) a Vale de Cambra, mais concretamente no troço compreendido entre Pindelo e Vale de Cambra.

Ainda agora a empresa de transportes CAIMA acaba de alertar o público para a necessidade de suspender as suas carreiras pelo local, «após constantes chamadas de atenção à Junta Autónoma de Estradas (JAE), para que acelerasse o ritmo das obras, sem que esta tivesse feito nada para minorar a situação».

Refere a CAIMA que, no dia em que ocorreu o trágico acidente do Meão, em Santa Maria da Feira (doz mortos e 40 feridos), um dos seus autocarros teve de ficar retido na via, ao partir-se-lhe uma das jantes, «devido ao péssimo estado da via».

Ainda relativamente ao de Meão, a comissão de inquérito nomeada pela Secretaria de Estado dos Transportes Públicos difundiu um comunicado, no qual afirma que «os excessos de lotação e velocidade terão originado o desastre», concluindo não «ter havido qualquer anomalia técnica no veículo sinistrado».

Estas conclusões constam de um relatório preliminar, que deverá ser objecto de um estudo mais elaborado, nomeadamente após inquérito efectuado pelas duas companhias de seguros envolvidas.

Passageiro decapitado reconhecido pela mulher

Mas a décima vítima mortal com o autocarro de passageiros da empresa «Auto Viação Inácio» só ontem foi identificada pela mulher na casa mortuária do Hospital de Gaia. Trata-se de Amâncio Lopes, de 55 anos, casado, picheleiro, que residia em Perafita, Matosinhos. «A sua mulher não tinha conhecimento de que ele ia na camioneta», referiu uma fonte daquele estabelecimento. «Como o serviço que ele ia fazer deveria ficar despachado, no máximo, na terça-feira, a mulher, que só então ouvia falar do desastre, resolveu vir aqui a Gaia ver se ele estava internado e acabou por dar com o marido morto», afirmou.

Quando conduzia um rebanho de vacas, em Geraz, Póvoa de Lanhoso, um rapaz de 13 anos, António da Costa Teixeira, foi colhido mortalmente por um carro de lavoura, puxado por bois e carregado de tremoços.

Tanto o rebanho como o veículo eram propriedade do pai da vítima.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

NACIONAL

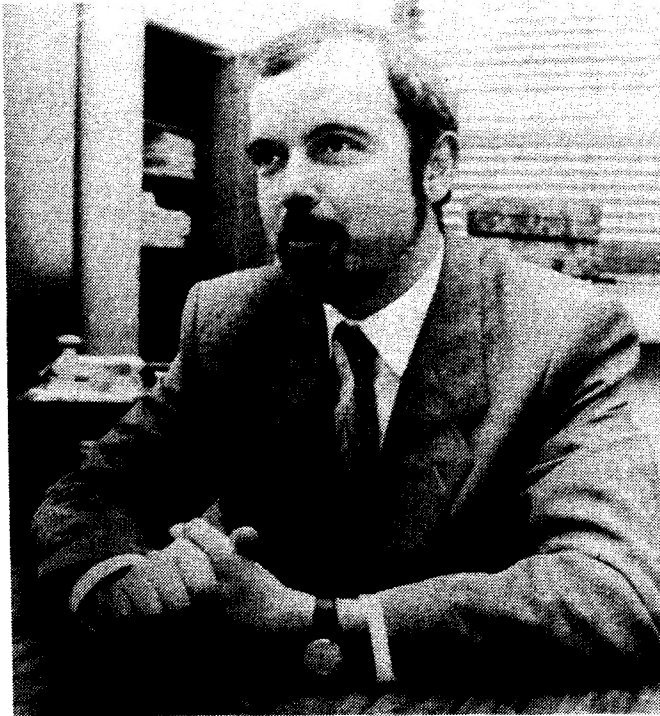
Foram detectados 50 estrangeiros com antecedentes criminais

PJ "VARREU" SERRA DE MONCHIQUE E DETEVE TRÊS ALEMÃES

Trezentos cidadãos estrangeiros foram identificados, três dos quais, de nacionalidade alemã-ocidental, acabaram por ficar detidos, na sequência de uma operação levada a cabo pela Polícia Judiciária, na zona da serra de Monchique, no Algarve, que teve ainda a colaboração de 40 elementos da GNR, auxiliados por cães especialmente treinados para detectar droga, e agentes do Serviço de Estrangeiros ligados ao Ministério da Administração Interna. A PJ revelou que os três alemães tinham mandados de captura emitidos no seu país e que 50 dos estrangeiros identificados possuíam já antecedentes criminais.

O responsável pela operação, inspetor Gonçalves Carvalho, referiu que a actuação da PJ nas zonas da Carrapateira, Odemira e serra de Monchique, autenticamente «passadas a pente fino», teve um carácter de prevenção.

A zona da Carrapateira e Odemira é uma região que pela sua beleza natural atrai muitos estrangeiros, predominantemente alemães, e, devido a difi-



Fernando Nogueira, ontem, na Polícia Judiciária, fazendo o balanço da operação desencadeada no Algarve

culdades de acesso as zonas de praia, são normalmente carrinhas / «roulote» que ali estacionam.

O ministro da Justiça deslocou-se às instalações da Polícia Judiciária, em Lisboa, onde comunicou à Imprensa os resultados da operação, sublinhando ser necessário acabar com o sentimento de impunidade de que a serra de Monchique se estava a transformar, num refúgio dourado para cadastrados». Fernando Nogueira adiantou que a operação foi desencadeada por existirem informações de que na serra de Monchique «havia um grande número de fugidos à justiça internacional».

O ministro informou que os resultados da operação na Carrapateira ainda não eram conhecidos, presumindo que naquela zona tenha havido apreensão de droga, tendo acrescentado que em Santa Clara havia sido apreendido um camião pesado, propriedade de um estrangeiro, que se encontrava em situação irregular.»

Na sua residência em Vila Verde

Três irmãos vitimados por explosão de gás

A explosão de uma botija de gás, seguida de incêndio, provocou ontem a morte de três irmãos em Valbom, concelho de Vila Verde, no distrito de Braga. O sinistro ocorreu cerca das

10 horas, tendo vitimado Ana Luísa da Rocha Dias, de cinco anos, Carlos Manuel da Rocha Dias, de três, e Liliana Sofia da Rocha Dias, de 11 meses.

Com a Liliana no berço, as

crianças ficaram soterradas devido ao desabamento do telhado e soalho da habitação provocado pelo incêndio e explosão da botija de gás. O pai, jornalista, e a mãe, doméstica, encontravam-se em trabalhos de campo nas

proximidades da residência situada a cerca de 15 quilómetros de Vila Verde.

Os bombeiros demoraram duas horas a resgatar dos escombros os corpos sem vida das três infelizes crianças.

Navio grego saiu de Setúbal

com armas para "destino desconhecido"

O navio grego «Barenbells» deixou ontem o porto de Setúbal com «destino desconhecido». O «Barenbells», que desde a passada terça-feira, carregou, no cais das Fontainhas, material de guerra com destino ao Irão,

esteve ao largo durante a manhã zarpando do porto à tarde.

Uma fonte do Serviço de Carregas e Descargas do Porto de Setúbal disse que «não foi revelado o destino do navio. No entanto é

normal durante o percurso a mudança de nome, pelo que poderá chegar ao seu objectivo com outro nome». A mesma fonte admitiu que o destino seja o porto iraniano de Bandar-Abass, no golfo Pérsico.

Durante a segunda quinzena de Julho

Guarda Fiscal apreendeu 36 mil contos de contrabando

A Guarda Fiscal detectou, na segunda quinzena de Julho passado, mercadorias em situação irregular avaliadas em 36 mil contos, número que representa um decréscimo de 19 mil contos relativamente a idêntico período do mês anterior.

A força comandada pelo ge-

neral Hugo dos Santos especifica, em comunicado, ter apreendido vestuário e calçado, gado, material de som e imagem, mercadoria diversa, géneros alimentícios e ouro e prata.

O documento refere-se também à apreensão de máquinas eléctricas de jogos, apreendidas

por «prática ilegal de jogos de fortuna ou azar em locais não habilitados e outras por contravenção ao regime de licenciamento, registo e exploração de máquinas de diversão».

No mesmo período foram ainda apreendidas reproduções ilegais de videogramas.

Fachada do "Pingo Doce" arden em Linda-a-Velha

Na fachada do supermercado Pingo Doce, em Linda-a-Velha, registou-se ontem um incêndio que teve de ser combatido por elementos dos Bombeiros Voluntários de Algués, Car-

naxide e Dafundo.

Para o ataque às chamas, de origem desconhecida e que atingiram parcialmente duas lojas, os bombeiros utilizaram cinco viaturas. Não se registaram acidentes pessoais.

Em Lisboa, na Rua Luciano Cordeiro, 54, os Sapadores Bombeiros dominaram um fogo que deflagrou no 5.º andar do imóvel, tendo-se propagado às águas-furtadas.

Fogo

em cooperativa

de vinhos

de Macedo

de

Cavaleiros

Um incêndio de origem ainda não determinada destruiu ontem, em Macedo de Cavaleiros, parte do património das instalações fabris da UNAMONTES (União de Cooperativas de Vinhos), estando os prejuízos avaliados em milhares de contos.

A intervenção dos bombeiros locais impediu que as chamas atingissem os escritórios e as salas dos computadores da empresa.

Entretanto, um cigarro lançado ao chão ainda aceso esteve na origem de um fogo que, pelas 16 horas de ontem, consumiu cerca de 400 metros quadrados de oliveiras e mato no lugar da Tapada do Ribeiro da Estrada Velha, próximo de Alcains.

Na mata nacional dos Medos (Fonte da Telha)

DOIS GUARDAS EM DIFICULDADE PARA IDENTIFICAR INFRACTOR

Dois guardas dos Serviços Florestais viram-se ontem à tarde em dificuldade para identificar um indivíduo detectado no interior da mata nacional entre a Praia do Castelo e a Fonte da Telha, na zona da Costa de Caparica, cujo domínio é exercido pelo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (SNPRCN).

Aquela área florestal é controlada pela Arriba Fóssil da Costa de Caparica que, mercê dos acontecimentos da Fonte da Telha, exerce uma maior vigilância, neste momento, sobre a zona. Foi o que ontem ocorreu, tendo localizado os ocupantes de um carro ligeiro em infracção.

Coisa pouca e tolerável se atentarmos que a legislação produzida em defesa do meio am-

biente e da paisagem protegida é recente, para além de complexa para os portugueses, pouco acostumados a esses condicionamentos. Quem sabe, por exemplo que é proibido entrar com o carro numa mata (nacional), se para tanto há um caminho ou um acesso ao seu interior?

Terá sido isso o que aconteceu a um indivíduo da Charneca de Caparica, que, instado a identificar-se pela Guarda Florestal, se negou inicialmente a ser identificado, mas que sabe chamar-se Vítor. Talvez por ignorar o que a legislação dispõe sobre as matas nacionais que estão na égide dos Serviços Florestais (que dependem do SNPRCN, logo da Secretaria de Estado do Ambiente). Foi intimado a apresentar-se esta ma-



Populares contra, populares a favor: não é fácil defender a floresta nacional

nhã no edifício da Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa de Caparica, sediada na Cova da Piedade.

Os habituais utentes daquela estrada florestal entre a Fonte da Telha e a Praia do Castelo —

Costa de Caparica, estiveram por essa razão (enquanto a GF tentava identificar o suposto infractor) retidos durante uma hora, uma vez que os guardas e funcionários da Paisagem Protegida da Arriba Fóssil (cortaram)



Guardas dos Serviços Florestais tentando identificar um alegado infractor da mata da Fonte da Telha

o trajecto com dois jipes, provocando naturais protestos e divisão de opiniões quanto à justeza (e justiça) do acto.

Por fim, o condutor da viatura DI-36-94 lá seguiu o seu ca-

minho, ficando a saber — mas não convencido — de que há maior protecção da floresta nacional e disposições legais que deveriam ser mais acessíveis aos portugueses.

COMUNICAR

VAI DE RENAULT E VAI SEGURO!

GRÁTIS

Um ano de Seguros!

Renault 5 CAMPUS

Renault 4 GTL

OFERTA DE 4 SEGUROS

Seguro de Responsabilidade Civil até 50.000 contos.

Seguro de Furto ou Roubo do Veículo até ao seu valor.

Seguro de Acidentes Pessoais, envolvendo condutor e passageiros até 1000 contos.

Seguro de Assistência em Viagem para Portugal e Estrangeiro, incluindo a família e acompanhantes.

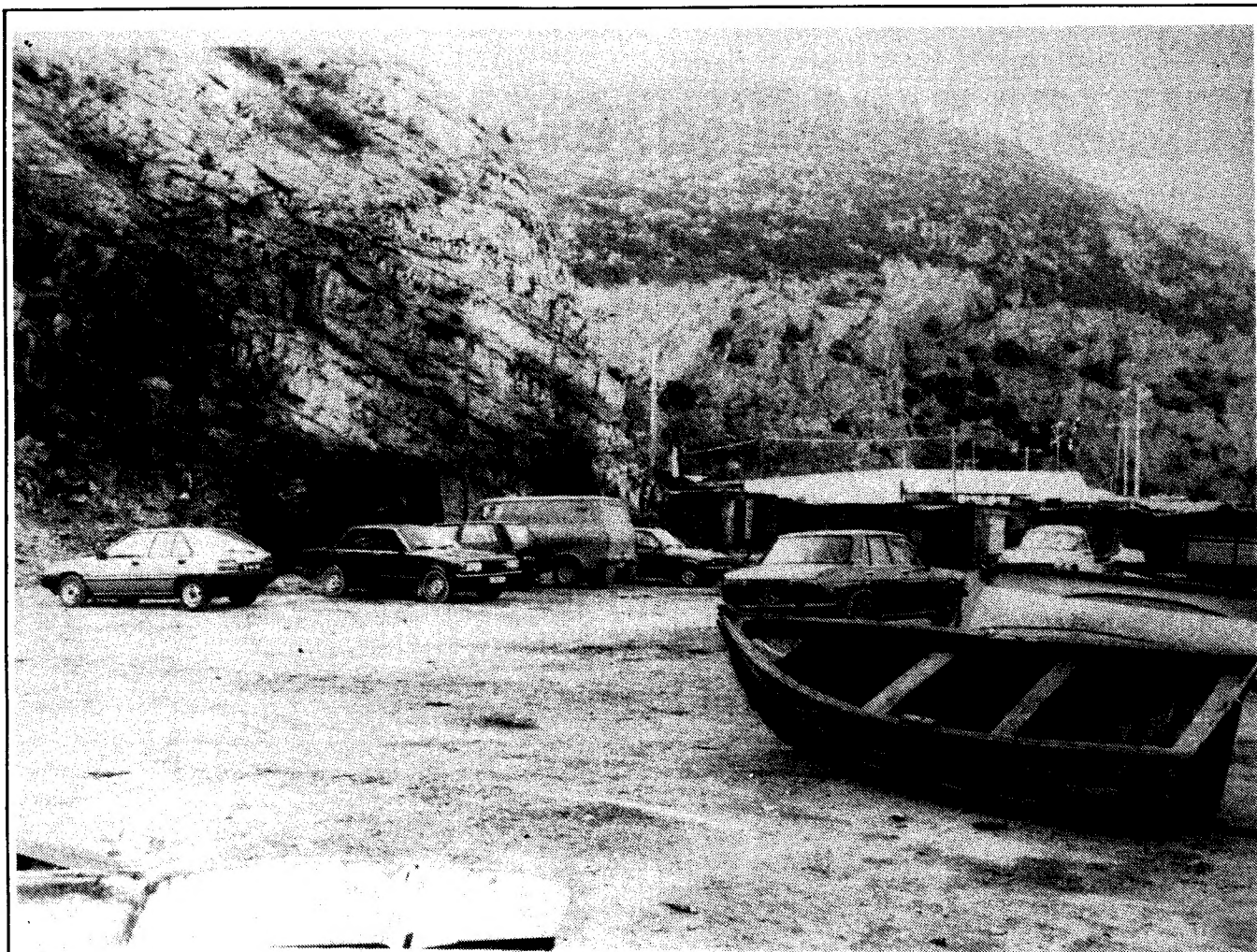
Agora ao comprar um RENAULT 4 GTL ou um RENAULT 5 CAMPUS até 30 de Setembro, a RENAULT oferece-lhe este excepcional e vantajoso conjunto de quatro seguros completamente grátis por um ano.

Informe-se no Concessionário Renault

Colaboração
Companhia de Seguros IMPÉRIO



RENAULT é ainda mais seguro!



Só se for para melhores condições

PESCADORES RECUSAM-SE A DEMOLIR AS BARRACAS DO PORTO DE SESIMBRA

Nenhum dos mestres ou pescadores do porto de Sesimbra havia cumprido até esta manhã o aviso anteontem afixado pela Junta Autónoma do Porto de Setúbal, para remover as barracas que se alinham, «coladas» uma às outras, perto da lota, duas centenas das quais arderam há duas semanas num violento incêndio atestado por negligência. «Se for para nos darem melhores condições, todos estamos de acordo», disse um dos mestres do porto de Sesimbra.

O edital para a remoção de «caixas» destinadas à guarda de aprestos de pesca no porto de Sesimbra foi colocado quarta-feira de manhã na madeira de algumas das cerca de trezentas barracas que resistiram ao fogo, dando-lhes um prazo que expira esta tarde. «Levamos 14 anos aqui, estamos junto à lota e mais seguros que no local para onde nos querem transferir», afirmaram-nos Valdemar Pinhal e José Augusto, dois dos pescadores com quem trocámos algumas impressões sobre a questão.

«Fica muito retirado para a nossa vida», contrapuseram (referindo-se ao local para onde a JAPS os quer mudar) os mestres José Mateus Cascais e António Miguel de Sousa Vicente, donos dos barcos «Sopesca» e «Virgem da Ajuda», respectivamente.

Segundo eles, o aterro de frente do «Lobo do Mar», o restaurante mais próximo do porto

de Sesimbra, não é o local mais apropriado para a instalação das barracas que presentemente se erguem junto à lota, encostadas umas às outras. Tal disposição facilita a propagação do fogo, tendo sido essa a razão por que arderam cerca de duas centenas no penúltimo sábado de Julho. «Estavam muito juntinhas e, por isso, arderam muitas», disse-nos António Rapaz, que trabalha numa das barracas por conta de outrem.

Água pelos joelhos

Uma dúvida paira entre os pescadores e mestres que têm ou se servem da sua barraca, onde guardam o seu «tráfego», termo que entre eles significa tudo o que diz respeito aos artigos para (e de) pesca: a Junta Autónoma do Porto de Setúbal, que tem jurisdição sobre a área, estará disposta a obrigar ao cumprimento do «aviso» até às últimas consequências?

Os mestres José Mateus e António Vicente deixaram essa questão no ar e gostariam de saber se não teria sido preferível erguer um armazém de tijolo e cimento ao longo do espaço ocupado pelas barracas, onde cada um tivesse a área de cada barraca, pagando dois ou três mil escudos por mês. Segundo eles, a JAPS deveria ter optado por tal solução em vez de transferir madeira de um lado para o outro. «Arrancamos a madeira

daqui e vamos pô-la em frente do 'Lobo do Mar'. Não nos parece uma medida acertada», concluíram ambos.

Mestres e pescadores de Sesimbra não concordam — como é natural — com a mudança. «A gente não está disposta a deixar este local... Vamos lá a ver o que isto dá», acrescentou António Vicente, que, no entanto, avançou que ninguém oporá resistência activa ao que o edital determina. «O local para onde nos querem mandar é bem pior que este. Se não colocarem lá cascalho pequeno em grande quantidade, no Inverno ficaremos atolados em lama», observou Valdemar Pinhal, atento à conversa e que conhece bem o local — disse.

«A água chega-nos aos joelhos no Inverno, naquele local», atalhou, por turno, António Rapaz.

«Exemplo caótico»

O «aviso» da Junta Autónoma do Porto de Setúbal (JAPS), assinado pelo engenheiro-director José Catela Neves, considera que a área envolvente ao Porto de Abrigo de Sesimbra «é em si mesmo um exemplo caótico de ordenamento de espaços».

Atendendo a que o ponto de ruptura de sua gestão foi recentemente atingido e que «as utilizações abusivas» e a «imprevidência» implicaram o «grave sinistro» de 22 de Julho findo, o edital determina a remoção das

barracas, a que chama «caixas», que se encontram ao longo do arruamento compreendido entre a lota e os estaleiros de reparação naval e parque de campismo.

São essas «caixas» que terão que ser transferidas até hoje, porque se trata da «prioridade um». A «prioridade dois» respeita às «caixas» que se encontram na zona adjacente à lota de pesca. A terceira «prioridade» toca às barracas que arderam no passado dia 22, não vendo a JAPS «inconveniente funcional» que essas «caixas» de aprestos sejam substituídas por outras, no local para onde todas serão transferidas.

As dimensões máximas das «caixas» de aprestos serão de 2 vezes 3 metros de base e dois metros de altura — determina ainda o edital da JAPS, dependente da Direcção-Geral de Portos, que sublinha o facto de existirem naquela área «vastos terraplenos sem utilização imediata», não vendo qualquer inconveniente em cedê-los parcialmente, a título meramente precário. E só — acrescenta o «aviso» para instalação das caixas de aprestos destinados a apoios de embarcações de pesca devidamente legalizados e com actividades dentro dos normativos que a lei exige», concluiu.

«Não queremos, nem podemos, trabalhar na rua, mas o local para onde nos querem mandar precisa de muito cascalho para que nos sintamos em segurança», frisou Valdemar Pinhal.

EPUL urbaniza bairro da Horta Nova

A EPUL iniciou a urbanização do Bairro da Horta Nova, na freguesia de Camide, em Lisboa, com a consignação da execução dos arruamentos e colectores de esgoto, por 70 mil contos, à empres Terenas e Filho.

A Horta Nova será, nos próximos três anos uma das áreas de mais rápido crescimento das construções da Empresa Pública de Urbanizações de Lisboa, estendendo a decorrer concurso público para a construção de 80 fogos e seis lojas, que fazem parte do projecto global de 512 habitações destinadas a alojar os moradores das casas prefabricadas, extremamente degradadas, que existem no local. Posteriormente, a EPUL construirá mais 600 fogos, para ven-

da, na zona contígua.

Por outro lado, A EPUL adjudicou à empresa Moniz da Maia, Serra e Fortunato, por 530 mil contos, a construção do empreendimento designado por C3, em Telheiras, que inclui 11 edifícios, com 134 fogos, destinados, segundo a informação da EPUL, «à classe média». Ainda em Telheiras, em Outubro, a EPUL iniciará a venda do empreendimento do Alto da Faia. Na primeira fase serão vendidos 92 dos 603 fogos construídos.

Finalmente, a empresa adjudicou à Sotencil, por 100 mil contos, a construção de um edifício de «alto standard» na Rua de S. Bernardo à Estrela, com oito habitações, garagens e piscina.

Consagrado no Orçamento

de Estado para 88

Câmara do Seixal contra fim do imposto de incêndios

A Câmara Municipal do Seixal vai protestar junto do Governo e da Assembleia da República contra a legislação sobre imposto para o serviço de incêndios. O município afirma-se «surpreendido» com o artigo 42 da Lei do Orçamento de Estado de 1988 que instaura «uma verdadeira indefinição no sistema, não prevendo a cobrança do imposto para o serviço de incêndios, que constitui receita do município».

O comunicado da câmara afirma que as verbas provenientes do imposto se destinavam, desde o Código Administrativo,

vo, a manter o serviço de incêndios, especialmente para aquisição de materiais, e foi «sempre entregue à Associação de Bombeiros Voluntários do Concelho do Seixal desde a sua fundação».

«Retirada a verba mas persistindo a necessidade, os bombeiros voluntários ver-se-ão obrigados a reduzir a sua capacidade de intervenção», considera aquele município que também está preocupado porque «se reduzem as receitas municipais» com medida «revogatória da lei das Finanças Locais».

Montijo quer dique no estuário do Tejo

A Câmara do Montijo solicitou ao Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial a viabilidade técnica da execução de um dique no estuário do Tejo, disse ontem o presidente do Município, João Primo Jaleco.

João Primo Jaleco referiu que «é necessário um estudo prévio sobre a viabilidade técnica e económica de efectuar dragagens naturais, por execução de um dique de retenção de águas».

Para o edil, «há também a possibilidade de execução de caldeiras de armazenamento de águas na praia-mar para posteriormente serem lança-

das na baixa-mar, provocando correntes de varrer».

«Caso as conclusões do estudo apontem para a viabilidade da execução do projecto, e uma vez que interessa quer ao porto de Lisboa, quer à Transtejo, quer à Câmara Municipal do Montijo, a execução será posta em prática», acrescentou.

Primo Jaleco disse ainda que «já foi estabelecido um acordo entre as três entidades no sentido de participarem em partes iguais no projecto e na construção dos diques. Se a execução for viável recorrer-se-á aos fundos comunitários.»

CML adjudicou sistema de esgotos à Hidroprojecto

A Câmara Municipal de Lisboa adjudicou à Hidroprojecto dois trabalhos relacionados com o sistema interceptor e de tratamento de esgotos da cidade, no valor total de cerca de 30 mil contos. Os trabalhos são a

recepção e verificação do equipamento destinado ao sistema, no valor de 22 mil contos, e o estudo para abertura de concurso de concepção-construção para a zona de Algués-Alcântara, no valor de cerca de 7,5 mil contos.

Pensões de velhice, invalidez e assistência

Governo de Macau cria Fundo de Segurança Social

O Governo de Macau vai criar até ao final deste ano um Fundo de Segurança Social (FSS) que assegurará pensões de velhice e invalidez, bem como a assistência no desemprego, à população do território. O FSS revestirá a forma de um instituto público dotado de autonomia administrativa, financeira e patrimonial, sujeito à tutela do governador do território.

Os recursos para o Fundo provirão de uma dotação atribuída anualmente no Orçamento Geral do Território de uma percentagem sobre os prémios simples de seguros directos de acidentes de trabalho e de contribuições a liquidar pelas entidades empregadoras resultantes da aplicação de percentagens sobre o montante bruto dos salários pagos em cada mês.

Fonte governamental disse à Lusa que o montante dos descontos poderá atingir 1,5 por cento sobre a massa bruta dos salários dos trabalhadores residentes, devendo a entidade patronal responsabilizar-se pela liquidação de dois terços do desconto.

Ao trabalhador residente, que obrigatoriamente passará a integrar o sistema de Segurança Social, cabe uma quotização mensal que não poderá ultrapassar 0,5 por cento do seu salário bruto, devendo apenas complementar o desconto da entidade empregadora.

Para os trabalhadores não residentes o regime contemplado é diferente, prevendo-se que não venha a liquidar qualquer desconto, por não ser beneficiário, embora sobre a entidade patronal recaia uma taxa obrigatória de dois por cento sobre o salário bruto liquidado.

De acordo com o texto, que será proximamente submetido à apreciação dos Conselhos de Concertação Social e Consultivo, o regime de Segurança Social a executar pelo FSS compreende especificamente as modalidades de prestações de pensões de velhice e de invalidez e a assistência no desemprego.

Genericamente, incluem-se no âmbito do FSS as providências que se destinem a fazer a reparação devida pela incapacidade ou morte resultante de acidente de trabalho ou de doença profissional e os pagamentos dos créditos por salários ou indemnizações devidas em caso de falência, insolvência ou insuficiência económica da entidade empregadora.

As pensões de velhice, segundo a lei a que a Lusa teve acesso, será atribuída aos residentes no território de Macau que reúnam cumulativamente idade igual ou superior a 70 anos, permanência contínua no território há pelo menos sete anos, e tenham descontado durante pelo menos, cinco para o regime geral da Segurança Social.

NACIONAL



Balanco de programa de três milhões de contos

INSUCESSO ESCOLAR: GOVERNO SATISFEITO

O ministro da Educação, Roberto Carneiro, exprimiu esta manhã em conferência de imprensa a sua satisfação pelos resultados da primeira fase do Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Escolar.

De acordo com as estatísticas elaboradas pelo Ministério da Educação, a redução do insucesso nesta primeira fase atingiu os 14,7 por cento em relação à média dos valores verificados nos últimos dois anos. Tal percentagem ultrapassou, portanto, em larga medida a meta de 5 por cento prevista no âmbito do programa para esta primeira fase.

Ainda de acordo com os resultados divulgados pelo ME, apenas em 7 concelhos não foi alcançada a meta de redução do insucesso em 5 por cento, calculando-se em 15 mil o número de alunos que num total de 114 mil, terá reprovado.

Frisou o ministro que as estatísticas nacionais dos últimos seis anos mostram que pela primeira vez se conseguiu reduzir de forma drástica o insucesso escolar.

O programa começou a

ser aplicado há sete meses e envolveu 60 concelhos e quatro delegações escolares de Lisboa. A segunda fase do programa deverá começar no início do próximo ano lectivo, alargando-se a sua aplicação a mais 78 concelhos, o que equivale a mais de 160 mil alunos; a terceira fase atingirá a totalidade do continente, ou seja, cerca de 700 mil alunos em 275 concelhos.

O programa é apenas aplicado em escolas do ensino básico.

Roberto Carneiro salientou que no entanto não há razões para triunfalismos. «As estatísticas aí estão», disse, «e as estatísticas valem pelo que valem. Mas devemos usar de prudência. Este é um programa complexo, pesado, que envolve vários departamentos governamentais e, por isso a nossa atitude deverá ser de prudência, embora confiantes.»

O ministro referiu aspectos positivos da aplicação da primeira fase do programa, chegando mesmo a referir que quase mais importantes do que as estatísticas são o empenhamento dos

que localmente intervieram nas acções, desde professores, câmaras municipais, autarcas de um modo geral, funcionários administrativos e jovens que trabalharam sobretudo como animadores.

Leonor Beleza, cujo Ministério está também empenhado neste programa referiu algumas dificuldades a nível de saúde encontradas nalguns concelhos mais desprotegidos. Prometeu, todavia, que no próximo ano lectivo, ou seja na segunda fase, esses problemas serão resolvidos.

Os representantes dos outros departamentos governamentais, Álvaro Amaro (Ministério da Agricultura), Bagão Félix (Segurança Social), Couto e Santos (Ministro Adjunto e para a Juventude) e Nunes Liberato (Administração Local e Ordenamento do Território), intervieram no mesmo sentido, isto é, embora satisfeitos com os resultados e todos salientando a boa colaboração e cooperação interministerial, prometeram resolver os problemas na próxima fase.

As bananas do nosso descontentamento Liberalizar a importação —defendem os armazenistas

Armazenistas de bananas reclamaram ontem, em Coimbra, que a sua importação seja liberalizada. Dirigentes da União Associativa dos Armazenistas sustenta que se tal passo for dado, a banana poderá ser vendida ao público por menos 70 ou 80 escudos em quilo. Em conferência de Imprensa, a UAAB manifestou-se favorável à vinda da banana madeirense «desde que seja realmente banana», porque cerca de 80 por cento não chega ao continente de acordo com as normas em vigor.

A insistência na liberalização da importação de bananas surge poucos dias depois do «caso Aspen», o navio que largou ferro do Porto de Lisboa depois de ter sido retido durante nove dias, por alegada suspeita de droga a bordo. O «Aspen» acabou por deixar Lisboa ainda com mais de mil toneladas de bananas a bordo, provocando a especulação do produto no mercado nacional. A descarga da banana foi suspensa por decisão da empresa importadora, que ordenou o cancelamento do contrato de fornecimento. «A comercialização da banana é um negócio da China para os cofres do Estado», disse o consultor jurídico da UAAB.

«Todos ganhariam com a liberalização da sua importação», afirmaram dirigentes da União Associativa dos Armazenistas da Banana, fruta que hoje nos chega como há poucos anos chegava o bacalhau, suscitando açambarcamentos, especulação, favores e a intervenção do Estado para cobrar os respectivos impostos.

Por essa razão, ontem, em Coimbra, dirigentes da UAAB preconizaram o estabelecimento de uma margem de comercialização para os importadores em determinadas situações e a atribuição de um subsídio à Região Autónoma da Madeira, para permitir a «reestruturação da produção».

A União Associativa dos Armazenistas da Banana acusou o Estado de ser o «responsável por eventuais casos de especulação», acentuando que «é ele quem ganha nos concursos de importação».

Carlos Carvalho sustentou, por sua vez, que a banana poderia ser geralmente vendida ao público por menos 70 ou 80 escudos por quilo, acrescentando que a diferença em relação aos preços actualmente praticados em «arrecadada pelo Estado». Acusou ainda o Estado de não pôr a concurso as quantidades suficientes para satisfação do mercado.

Segundo os directores daquele organismo, a importação de banana enferma de uma «grande hipocrisia, porquanto o mesmo estado que beneficia do negócio permite-se punir, depois, intervenientes no circuito de comercialização».

Empenhada em mostrar que os armazenistas de banana «não são criminosos nem especuladores», a respectiva União Associativa manifestou o propósito de «desencorajar energicamente que ela seja vendida pelos importadores aos armazenistas a preços que não permitam a estes praticarem, por sua vez, preços que se contenham dentro dos limites legais».

Para inventariar recursos naturais Ecologistas descem o rio Paiva

Uma equipa, composta por biólogos, botânicos, geólogos e um etnólogo, iniciou ontem uma descida-estudo do Paiva, com o objectivo de proceder à inventariação dos recursos naturais deste rio, considerado um dos menos poluídos da Europa.

A descida, intitulada «Rio Paiva — estudar e proteger», é organizada pelo núcleo da região do Paiva da Associação Nacional de Conservação da Natureza e pretende avaliar as possibilidades de criação de uma área protegida no «Vale do Paiva».

Os ecologistas propõem-se percorrer, durante dez dias, mais de uma centena de quilómetros, desde a Aldeia de Carapito, no concelho de Moimenta da Beira (Viseu), até ao Lugar de Castelo, no concelho de Castelo de Paiva (Aveiro).

Durante a descida, os defensores da natureza vão proceder também à inventariação das «agressões» de que todo o Vale do Paiva é alvo e ao levantamento dos aspectos socioeconómicos e etnográficos do Rio Paiva, afluente da margem esquerda do Douro, que nasce junto à Aldeia de Carapito e desagua no Lugar de Castelo.

Segundo Américo Oliveira, da QUERCUS, a educação ambiental das populações ribeirinhas, utilizando material audiovisual expressamente concebido para o efeito, é um dos objectivos da iniciativa.

Um barco devidamente equipado e um jipe prestam apoio à equipa participante na descida, que visa ainda chamar a atenção das autoridades responsáveis, designadamente a Secretaria de Estado do Ambiente, a quem será enviado um estudo pormenorizado da região, para a necessidade de «salvar enquanto é tempo um dos últimos redutos da vida selvagem do nosso país».

Américo Oliveira disse à agência Lusa que a região do Vale do Paiva tem sido «vítima não só de incêndios, como da plantação de eucaliptos».

Numa observação geral das vertentes do rio, em zonas sem intervenção do homem, estão presentes «mosaicos» de vegetação autóctene, notando-se junto à margem a presença constante de salgueiros, amieiros e freixos — acrescentou Américo Oliveira.

Relativamente ao aspecto faunístico, referiu a presença de alguns mamíferos, nomeadamente a lontra, o gato-bravo, o javali, a raposa e o texugo.

Todo este património — salientou o dirigente da QUERCUS — necessita de urgente protecção para que acções nefastas como a destruição da flora autóctene, a caça à lontra e outros animais, a pesca com dinamite ou redes de margem a margem e os esgotos sem o devido tratamento sejam banidas do Paiva.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



**CRÉDITO
PREDIAL
PORTUGUÊS**

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50\$50	56\$50
ALEMANHA FED. (marco)	80\$10	81\$50
ÁUSTRIA (xelim)	11\$40	11\$60
BÉLGICA (franco)	35\$33	35\$83
BRASIL (cruzado)	3\$50	5\$50
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125\$20	127\$70
(notas de 5 a 1000)	125\$70	128\$20
DINAMARCA (coroa)	21\$05	21\$45
ESPAÑA (peseta)	1\$187	1\$307
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	150\$95	154\$45
(notas de 5 a 1000)	151\$45	154\$95
FINLÂNDIA (marka)	33\$95	34\$55
FRANÇA (franco)	23\$75	24\$45
HOLANDA (florim)	70\$95	72\$05
IRLÂNDIA (libra)	216\$70	220\$70
ITÁLIA (lira)	\$099	\$114
JAPÃO (iene)	1\$094	1\$149
NORUEGA (coroa)	22\$15	22\$65
REINO UNIDO (libra)	258\$65	263\$15
SUÉCIA (coroa)	23\$40	23\$90
SUIÇA (franco)	96\$05	97\$55
VENEZUELA (bolívar)	3\$933	4\$933

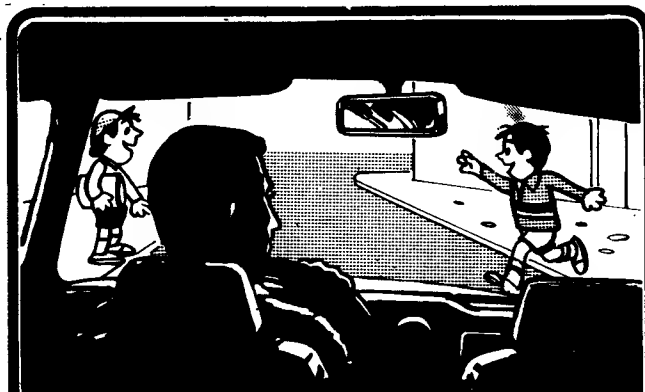
OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



**FRANCISCO MENDES MIRANDA
FALECEU**

Suas irmãs, cunhada e sobrinha participam que, hoje, pelas 16.00 horas será realizado o funeral da Igreja de S. Domingos de Benfica (Furnas) para o cemitério de Benfica.



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua, distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

BOLSA ANIMADA COM ALGUMAS TROCAS

Recuo do volume de negócios com repercussões no número e dimensão das transacções está a ser dominante destes primeiros dias de Agosto, a revelar-se como um verdadeiro «período estival» para o mercado secundário. Contudo, o fecho da semana acabou por revelar alguma animação com oito transacções a ultrapassarem a casa das mil unidades e a pressionar o número de subidas das cotações.

Com efeito, depois da sessão de ontem ter registado apenas a subida de 13 por cento das cotações existentes, hoje o mercado fê-lo subir para cerca de um quinto daquele universo, reduzindo o número das descidas ontem verificado, de 27 para 16 por cento. A parcela das que não viram alteradas as suas cotações cresceu, passando de cerca de 20 por cento para 26, mantendo-se ainda o pesado nível das que não registaram qualquer troca.

Registe-se ainda o volume de títulos transaccionados da Cires, Marconi-portador, Citibank-portador, Carnes Nobre que verificaram trocas de mãos, respectivamente, de 5.640, 3.032, 2.770 e 2.000 unidades. Quanto às principais alterações de preços, realce para três subidas e três descidas. As primeiras dizem respeito à C.P. Higiene, Rações Valouro e Reditus com 45 e, para as duas últimas, 14 por cento, enquanto as descidas se registaram nos títulos de Salvador Caetano, Cabelte e Veldec com, respectivamente, 25, 17 e 13

por cento.

Na sessão de ontem, a linha descendente da actividade bolsista voltou a desenhar-se com os principais índices a dar sinal da diminuição do volume de negócios. Assim, o mercado oficial de acções sentiu uma quebra de 33 por cento, relativamente à véspera, no quantitativo de títulos trocados. Apenas 144 805 papéis acabaram por ser transaccionados, num total de 313 870 contos, o que, apesar de tudo, ainda correspondeu à maior parcela do montante gerado ontem.

O segmento não accionista apenas foi desperto pelo movimento em torno dos Títulos de Participação do Banco Pinto & Sotto Mayor e da troca de 2031 cautelas da Cifsa 27.500\$ cada.

Os investidores dão, assim, mostras de uma quebra significativa da sua actividade, que poderá ser interpretada pela redução habitual neste período do ano. Esta é a opinião do presidente da Bolsa de Valores de Lisboa, Álvaro Dâmaso que, em declarações recentes, lembrou o volume de transacções do mês de Julho, considerado como o melhor mês depois do «crash» bolsista de Outubro passado. Cerca de 1,1 milhões de títulos trocados em Julho e 62 milhões de contos nos primeiros sete meses deste ano, são indicadores, para Álvaro Dâmaso, de que o mercado se animará, mostrando-se confiante no futuro pós-férias.

Subidas

MOTA - 5.250\$ (transaccionadas 1050 acções; preço anterior: 5.100\$); INFORGAL - 3.520\$ (20; 3.500\$); R. VALOURO - 1.850\$ (40; 1.610\$); CARNES NOBRE - 2.400\$ (2000; 2.360\$); DOM PEDRO - 2.360\$ (50; 2.340\$); SUMOLIS - 6.400\$ (440; 6.000\$); PRAZOL - 2.260\$ (30; 2.240\$); ALCO - 510\$ (200; 500\$); COPAM - 3.400\$ (40; 3.200\$); TORRES NOVAS - 2.160\$ (50; 2.140\$); TERNOR - 1.460\$ (510; 1.450\$); TERTIR - 2.640\$ (20; 2600\$); MARCONI (port.) - 12.900\$ (3032; 12.850\$); ARBORFIL - 3.200\$ (110; 3.120\$); FIACO - 3.000\$ (140; 2.880\$); NOVOPAN - 4.000\$ (605; 3.920\$); B.P.I. (port.) - 7.100\$ (480; 7.000\$); B.P.I. (nom.) - 5.800\$ (126; 5.700\$); LUSOLEASING - 16.200\$ (20; 16.000\$); B.C.P. (port.) - 94.900\$ (600; 94.400\$); PENINA - 3.300\$ (420; 3.260\$); IMOLEASING - 5.900\$ (40; 5.850\$); FISIPE - 4.320\$ (700; 4.260\$); C.P. HIGIENE - 2.500\$ (20; 1.720\$); ESPÍRITO SANTO - 7.500\$ (200; 7.350\$); CIPAN - 3.800\$ (250; 3.600\$); INDASA - 3.000\$ (20; 2.900\$); C.P. COBRE - 13.100\$ (121; 13.000\$); REDITUS - 2.340\$ (50;

2040\$); ARISTON - 3.440\$ (120; 3.400\$); CEL-CAT - 2.980\$ (30; 2.800\$); MAGUE - 2.660\$ (250; 2.620\$).

Descidas

VIDAGO - 2.100\$ (transaccionadas 30 acções; preço anterior: 2.180\$); TRIUNFO - 1.200\$ (479; 1.210\$); SOMAGUE - 5.150\$ (50; 5.200\$); A. GAUDÊNCIO - 1.580\$ (470; 1.600\$); M. TABACOS - 3.900\$ (30; 3.960\$); VILA-FRANCA - 1.000\$ (20; 1.100\$); MARCONI (nom.) - 9.850\$ (289; 9.900\$); LOCAPOR - 5.750\$ (50; 5.800\$); VELDEC - 3.000\$ (50; 3.400\$); BORDALINA - 1.700\$ (50; 1.740\$); CORTICEIRA AMORIM - 4.200\$ (10; 4.220\$); SOFINLOC - 12.000\$ (60; 12.200\$); HELLER - 5.900\$ (70; 5.950\$); EUROLEASING - 10.600\$ (75; 10.700\$); P. CAVALEIROS - 2.400\$ (250; 2.480\$); MABOR - 4.420\$ (120; 4.460\$); SONAE - 11.550\$ (440; 11.600\$); S.P. SEGUROS - 12.700\$ (30; 13.000\$); GRÃO-PARÁ - 2.260\$ (175; 2.300\$); MUNDICENTER - 8.000\$ (30; 8.300\$); INAPA - 18.550\$ (216; 18.700\$); LISNAVE - 2.260\$ (15; 2.300\$); CABELTE - 4.120\$ (220;

4.840\$); S. CAETANO - 5.500\$ (30; 6.250\$)

Preços repetidos

MACEDO COELHO - 1.750\$ (transaccionadas 82 acções); SOARES DA COSTA - 2.000\$ (320); EMPOR - 1.730\$ (30); P. FERNANDES - 2.060\$ (520); A.C. SANTOS - 2.100\$ (50); SOJA - 6.000\$ (806); INÓ - 3.000\$ (200); HOTEL AGOS - 1.490\$ (200); TRANSBEL - 1.450\$ (40); A. MOAGENS - 1.550\$ (20); A. VERDES - 1.980\$ (20); OREY ANTUNES - 1.300\$ (3); FITOR - 2.000\$ (40); AMORIM E IRMÃOS - 3.640\$ (10); CAIMA - 12.250\$ (285; 12.250\$); LITHO FORMAS - 2.740\$ (190); CIFS - 28.000\$ (151); B. MANUFACT. HANOVER (port.) - 6.200\$ (1973); B.C.I. (port.) - 7.050\$ (100); B.C.I. (nom.) - 4.800\$ (20); B.C.P. - 71.900\$ (430); CITIBANK (port.) - 4.460\$ (2770); L. IBERFAR - 3.840\$ (50); CIRES - 7.500\$ (5.640); LEASINVEST - 15.000\$ (30); C.S. GARANTIA - 8.500\$ (150); TRABALHO - 13.500\$ (70); FENALU - 4.000\$ (10); TIME SHARING - 1.350\$ (100); POLIMAIA - 2.380\$ (300); CRISAL - 3.300\$ (1.135); LUZOSTELA - 1.800\$ (270);

CEREXPORT - 2.220\$ (190); FRAMADA - 1.740\$ (40); OLIVA - 1.900\$ (20); LUSOTUR - 7.000\$ (1301); SOPETE (nom.) - 4.000\$ (10); ESTORIL-SOL (port.) - 2.300\$ (670); LUSOMUNDO - 5.600\$ (120); EFACEC - 5.600\$ (640); P.M. ALFA - 4.900\$ (50);

Não transaccionadas

FINAGRA, ESTORIL-SOL (nom.), SOPETE (port.), G.A.P., SICEL, S.T.E., I.T.I. (port.), I.T.I. (nom.), S.F. PRAIA, SOLVERDE, TELECINE-MORO, PERSUINOS, SOLIDAL, CURIA, PROALIMENTAR, COMPTA, H. SERRANO, REFRIGE, SOPOL, ERG, SOMEK, TAMEGA, ENGL, SABEL, S.G.O., J.S. CORREIA, F.N.M., COFACO, SOPRAGOL, VASCO DA GAMA, EMASA, TRANSMOTOR, ORBITUR, JUPITER, TUROPA, SOPONATA (port.), SOPONATA (nom.), R. PROGADO, FEP-SA, CONTENTORES, TRANSINSULAR (port.), TRANSINSULAR (nom.), LOCAPOR, LUIS CORREIA, SIAF, CHAMP CORK, IPOCORK, NOVEMBAL, COPIDATA, CITIBANK (nom.), COTACO, SONAGI, HIDROPROJETO, BEIRA VOUGA, VISTA ALEGRE, FERREIRINHAS, B. MANUFACT. HANOVER (nom.)

Mira Amaral admite divergências entre PEDIP e PCEDED

O ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, admite a existência de divergências entre os objectivos do Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP), sob sua tutela ministerial, e os critérios de avaliação de projectos de investimento, previstos no Programa de Correção Estrutural do Déficit Externo e do Desemprego (PCEDED), sob alçada do Ministério de Miguel Cadilhe.

No encontro com a comunicação social, ontem realizado, para a divulgação do programa de sensibilização do PEDIP, Mira Amaral reconheceu que os factores objectivos que estiveram na base da elaboração do PCEDED já não têm, hoje, a importância que no ano passado manifestavam, nomeadamente o desemprego, o que estaria a motivar a revisão daquele programa de correcção.

Neste momento, e de acordo com os objectivos subjacentes

ao PCEDED, os projectos de investimento deverão responder a dois critérios de análise relativos ao coeficiente capital/produto e prazo de recuperação em divisas. Na sua opinião, e quanto ao primeiro deles que privilegiava investimentos criadores de postos de trabalho, «o desemprego já não tem a importância que tinha há dois anos», o que pressupõe a desadequação do critério relativamente à realidade. Sobre o segundo,

que incentivaria projectos de vocação exportadora em prejuízo de iniciativas com distintos objectivos como seja a sua relevância para o desenvolvimento regional, Mira Amaral acabou por responder às questões que lhe foram colocadas com uma seguinte expressão: «Certamente o ministro das Finanças explicar-lhe-á melhor que eu a importância macro-económica para o equilíbrio externo da recuperação de divisas»...

Médico diz que candidato democrata não tem problemas de saúde

DUKAKIS CONTINUA À FRENTE DE BUSH NAS SONDAGENS

Michael Dukakis, candidato democrata à Casa Branca, tem uma vantagem de 10 pontos sobre o seu rival republicano, George Bush, em quase todos os estados, à excepção dos do Sul, segundo revela a última sondagem realizada pela «Gallup». O estudo realizado pela «Gallup» para a editora «Times Mirror» demonstra uma mudança de atitude dos eleitores face ao papel do governo relativamente aos triunfos do presidente Reagan em 1980 e 1984.

Actualmente o candidato democrata tem uma vantagem que varia segundo a demografia e a situação geográfica dos estados.

As situações desfavoráveis para Dukakis ocorrem em alguns estados do Sul onde ainda não se sabe qual o efeito da nomeação do conservador Lloyd Bentsen como candidato democrata à vice-presidência dos Estados Unidos.

O candidato republicano às eleições presidenciais norte-americanas, George Bush, criticou o entretanto o seu adversário democrata, Michael Dukakis, por ser brando relativamente a questões de defesa e rejeitar o papel dos Estados Unidos como dirigente mundial.

No que promete vir a ser um tema de relevo na campanha eleitoral, Bush afirmou que as políticas externa e de defesa de Dukakis se afastam bastante das normas aceites depois da Segunda Guerra Mundial.

«As suas posições, vistas em conjunto, equivalem a um afastamento do consenso bipartido

do pós-guerra sobre política externa (...) e a uma rejeição do papel dos Estados Unidos como líder mundial e um repúdio da doutrina de Truman e da visão de John Kennedy» — disse Bush, falando a antigos combatentes numa academia militar hispânica em Corpus Christi (Texas).

Bush criticou o candidato democrata por defender um congelamento dos arsenais nucleares e se opor a um novo míssil MX e à Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE) do presidente Ronald Reagan.

Falando mais tarde perante outra audiência, Bush tentou capitalizar o que os estrategos pensam ser uma das armas mais fortes da sua campanha — explorar a falta de experiência de Dukakis sobre política externa e as suas tendências moderadas relativamente à defesa.

O ataque lançado por Bush desencadeou um debate a longa distância com Dukakis, que na quinta-feira esteve no Mississippi a apresentar os seus pontos de



Michael Dukakis está agora sob fogo duplo: o presidente Reagan sugere que o candidato democrata tem problemas de saúde, enquanto George Bush aponta para a sua alegada brandura em matéria de defesa

vista sobre questões de ambiente.

«Creio que o vice-presidente sabe que não é assim» — disse Dukakis. «Quero uma América forte. Todos os americanos querem uma América forte. E não é isso que temos, nem vamos ter com o vice-presidente Bush.»

Saúde de Dukakis é tema de campanha

Michael Dukakis, goza de excelente forma física e psíquica, garantiu ontem o seu médico pessoal, na sequência de rumores e de uma afirmação feita pelo presidente Ronald Reagan.

O doutor Gerald R. Plotkin,

médico de Dukakis nos últimos anos, fez a declaração na sequência de rumores sobre duas alegadas depressões de Dukakis nos anos 70.

A questão ganhou, no entanto, ênfase quando o presidente Ronald Reagan, interrogado na quarta-feira de manhã sobre se Dukakis devia revelar o seu pas-

sado clínico, se referiu ao candidato democrata à Casa Branca como «inválido».

O presidente desculpou-se alguns minutos depois, dizendo que tinha tentado gracejar.

Dukakis não pareceu muito incomodado com as palavras do presidente e disse «que na verdade não tinha sido necessário pedir desculpa». «Ocasionalmente todos cometemos erros», salientou.

Dukakis «não teve problemas psicológicos, nem doenças, nem foi submetido a tratamentos», afirmou o médico assistente do candidato durante uma conferência de imprensa.

Os rumores que circulavam sobre a saúde de Dukakis, empolados pela afirmação de Reagan, indicavam que o candidato democrata à Casa Branca sofrera duas depressões, tendo recebido tratamento.

Segundo esses rumores, Dukakis sofreu uma depressão nervosa depois de o seu irmão mais velho, Stelian — que se submetera a tratamento psiquiátrico na sequência de uma tentativa de suicídio — ter morrido num acidente de viação em 1973, em que o condutor do veículo que o atingiu se pôs em fuga.

Outro rumores dizem que Dukakis sofreu nova depressão depois de ter perdido a reeleição para governador do Estado do Massachusetts, em 1978.

Novo desaire no programa espacial norte-americano

Falhou mais um teste do vaivém "Discovery"

Problemas técnicos levaram ontem a NASA a abortar um teste crucial de disparo de motores no vaivém «Discovery», segundos antes do início previsto para a operação, provocando um novo desaire no programa espacial norte-americano.

Funcionários da agência norte-americana de Aeronáutica e do Espaço (NASA) disseram que os técnicos tinham recebido ordens para começar a esvaziar o combustível do tanque externo, afirmando que o processo deveria provocar um atraso de pelo menos 48 horas na realização do teste.

Esta foi a terceira tentativa malograda de teste de lançamento do vaivém espacial «Discovery», considerado uma experiência fundamental para o êxito de uma próxima missão da nave e que já foi adiado por duas semanas.

Os funcionários disseram que o problema surgiu cinco segundos antes da ignição, prevista para as 7h30 locais (12h30 em Lisboa), quando o dispositivo do monitor de temperatura de um dos motores parou automaticamente.

A experiência, com uma duração prevista de 20 segundos, era considerada um teste decisivo à capacidade da agência espacial norte-americana de ultrapassar o desastre com um outro vaivém, o «Challenger», no qual morreram os sete tripulantes que seguiam a bordo da nave,

segundos após o lançamento, em Janeiro de 1986.

«Foi muito decepcionante», disse um dos técnicos do vaivém, Gary Burton, «Muita gente estava à espera do teste, como o próximo passo para o lançamento».

Missão tripulada a Marte

A União Soviética espera criar um foguetão atómico para a propulsão de uma missão tripulada a Marte — disse quinta-feira, nos Estados Unidos, o cientista soviético Vasily Moroz.

«Um novo tipo de foguetão» terá de ser criado para a viagem de ida e volta que levará homens a Marte — afirmou Moroz em conferência de imprensa dada em Baltimore, onde participa numa assembleia geral da União Astronómica Internacional.

Os soviéticos estão a trabalhar num foguetão «atómico-eléctrico» que poderia acelerar uma nave destinada à exploração de Marte — indicou o cientista.

Vasily Moroz confirmou a elevada prioridade que a União Soviética concede actualmente à exploração do planeta Marte.

Em 1994 irá para aquela planeta uma nave não tripulada que transportará um veículo robotizado capaz de percorrer centenas de quilómetros, de recolher amostras e de efectuar medidas da

atmosfera.

No seu entender, uma missão tripulada a Marte poderá ser montada a partir de 2005 ou 2010, com recurso a uma nave que seria montada em órbita terrestre, e a partir daí propulsionada por um dos novos foguetões.

Seis homens iriam nessa primeira missão a Marte.

Explosões nucleares

O tratado que proibiu as explosões nucleares na atmosfera, no espaço e no mar, assinado em Moscovo pela União Soviética, Estados Unidos e Grã-Bretanha faz hoje 25 anos.

Aquele documento, conhecido pelo tratado dos «Três Neios», foi o primeiro assinado sobre a matéria nuclear entre o Leste e o Ocidente, na época separados pela «cortina de ferro», da «guerra fria» e veio contribuir para uma drástica diminuição das precipitações radioactivas provocadas pelos ensaios nucleares na atmosfera.

Mais de 100 países assinaram desde então o tratado que, no entanto, não pôs fim aos testes nucleares iniciados pelos Estados Unidos em 1945 e pela URSS em 1949, os quais passaram a ser feitos subterraneamente.

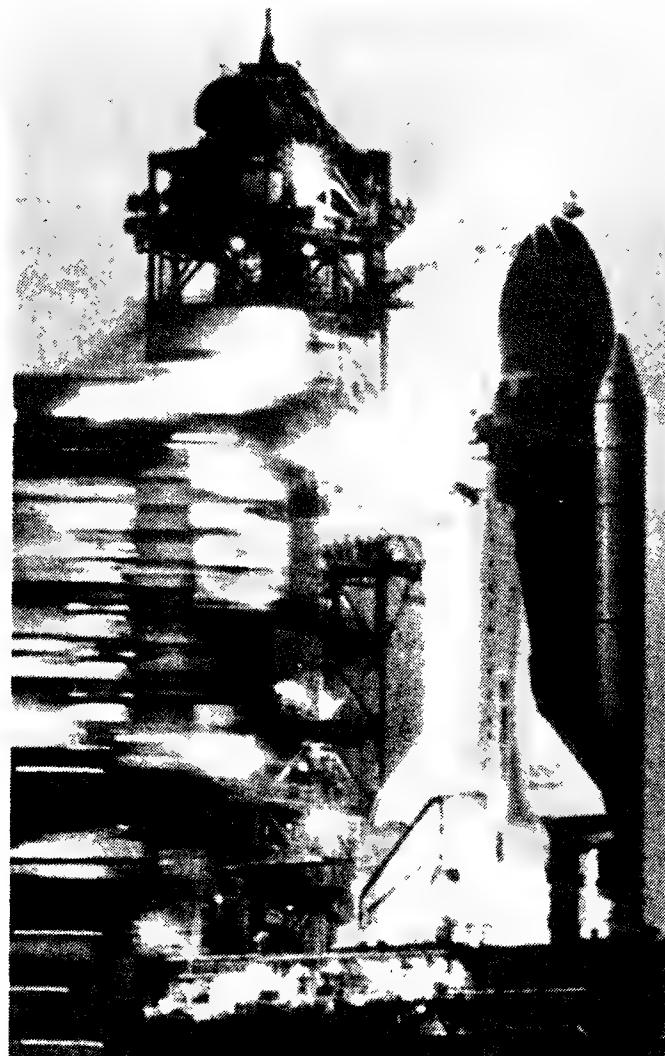
Os testes nucleares são supostamente necessários para verificar a operacionalidade das cargas nucleares, proceder à sua

miniaturização, aperfeiçoar certas características de uma explosão nuclear (caso da bomba de neutrões) ou ainda para utilizar a energia desta para outro tipo de armas, como acontece com os «lasers» que estão a ser criados pelos Estados Unidos no âmbito da «guerra das estrelas».

Isso não impediu que em 1974 tivesse sido assinado entre a URSS e os Estados Unidos um tratado sobre a limitação dos ensaios nucleares subterrâneos, que prevê um máximo de 150 quilotoneladas para a carga detonada. Este tratado, tal como o de 1976 sobre ensaios nucleares com fins pacíficos, nunca foi ratificado por Washington que alegou a impossibilidade prática de verificar o cumprimento das limitações.

Em 6 de Agosto de 1985, 30.º aniversário de Hiroxima, o «leader» soviético Gorbachev decretou uma moratória unilateral das explosões soviéticas, que duraria cerca de um ano e meio, numa tentativa de obrigar os americanos a negociar o fim dos testes.

Finalmente, só após a cimeira de Reiquejavique, os dois países encetaram em 1987 um processo de negociações que se traduziu fundamentalmente, até agora, na realização de testes conjuntos para acertar os meios de controlo, por forma a que os tratados de 1974 e 1976 entrem em vigor, apesar de ambos já os respeitarem na prática.



A NASA não escondeu o seu desapontamento face ao novo atraso nos testes do vaivém «Discovery»



Estudantes pró e antigovernamentais lutam entre si na Universidade do Chile.

Mais reabilitações em breve na URSS

A Comissão do Politburo soviético encarregue de rever casos de repressão da época de José Estaline está a considerar a possível reabilitação em breve de muitos revolucionários bolcheviques, anunciou a agência noticiosa TASS. Actualmente, a comissão está a apreciar os casos de Lev Kamenev, Grigory Zinoviev e muitos outros executados depois de julgamentos sumários nos anos 30 e agora ilibados de acusações criminais pelo Supremo Tribunal da URSS, refere a agência. A TASS acrescenta que a comissão já analisou um relatório do Tribunal e está a «prosseguir o seu trabalho». Entre os casos analisados para reabilitação encontram-se os de pessoas envolvidas nas alegadas conspirações «Centro de Moscovo», «Centro Antisoviético Unido Trotsky-Zinoviev», «Centro Trotskysta Antisoviético» e «União de Marxistas-Leninistas». Leon Trotsky, o principal adversário de Estaline na década de 20 não figura, contudo, nos casos sob consideração para reabilitação. No mês passado, o comité reabilitou Nikolai Bukharin e Alerxei Rykov, dois destacados opositores de Estaline executados em 1938. Este processo de reabilitações ocorre no âmbito da reavaliação da história soviética que o actual número um do Kremlin, Mikhail Gorbachev, tem vindo a promover desde Novembro último.

Shultz em visita oficial ao Brasil

O secretário de Estado norte-americano, George Shultz, que se deslocou ao Brasil em visita de trabalho, encontra-se hoje com autoridades brasileiras para debater a situação na América Central e questões comerciais. Shultz chegou à capital brasileira na quinta-feira à noite, proveniente do Uruguai e encontra-se hoje com o ministro brasileiro dos Negócios Estrangeiros, Roberto de Abreu Sodré, após o que almoçará com o presidente José Sarney, no palácio presidencial. O Brasil é o quarto país visitado por Shultz na digressão que actualmente realiza a nações da América Latina, depois da Guatemala, Argentina e Uruguai. Antes de deixar Brasília, o secretário de Estado norte-americano dará hoje à tarde uma conferência de Imprensa, logo após um encontro com o ministro brasileiro das Finanças, Mailson da Nóbrega. Shultz segue ao fim da tarde para o Rio de Janeiro, onde passará o fim-de-semana a jogar golfe e em encontros particulares. Na segunda-feira, Shultz parte para a Bolívia.

Birmânia: convocada greve geral

Os grupos que se opõem ao homem forte da Birmânia, general Sein Lwin, convocaram uma greve geral para a próxima segunda-feira. Centenas de manifestantes, na sua maioria estudantes, marcharam quinta-feira pacificamente pelo centro de Ranguna, para protestar contra a lei marcial decretada na véspera pelas autoridades birmanesas, informaram fontes diplomáticas em Seul. Os manifestantes pediram a destituição do general Sein Lwin, um regime democrático e a libertação dos dissidentes recentemente detidos. Forças do Exército dispersaram a manifestação disparando tiros para o ar. Não se verificaram incidentes violentos. Desde que o general Sein Lwin assumiu o poder têm sido convocadas várias manifestações para protestar contra o seu regime, sobretudo depois da declaração da lei marcial e da proibição aos familiares de visitar os dissidentes presos. Sein Lwin, de 64 anos, declarou a Lei Marcial em Rangoon oito dias depois de assumir a Presidência do partido governamental (PPSB), substituindo o veterano Ne Win. Segundo uma declaração lida quarta-feira à noite pela Rádio Rangoon, depois de dias de manifestações estudantis, «surtiu uma situação que os órgãos regionais de poder já não podem controlar».

Com acordo de cessar-fogo em Angola?

CONVERSÇÕES DE PAZ CHEGAM HOJE AO FIM EM GENEVRA

As conversações quadripartidas de paz para Angola continuam hoje, em Genevra, depois das partes envolvidas terem resolvido prolongar por mais um dia a actual ronda de negociações. Fontes próximas da reunião disseram que está a ser preparado um acordo com vista à independência da Namíbia e à retirada das forças cubanas e sul-africanas de Angola, enquanto participantes das conversações manifestaram esperança de que da presente ronda saia, pelo menos, um acordo de cessar-fogo. Em Pretória, o presidente Pieter Botha convocou, entretanto, uma reunião de emergência com as autoridades sul-africanas que governam a Namíbia.

Os representantes dos governos de Pretória, Luanda e Havana, sob a mediação dos Estados Unidos, estiveram ontem reunidos por mais de nove horas no Centro Internacional de Conferências de Genevra. No final, foi anunciado que as conversações continuavam hoje.

Neil Van Heerden, chefe da delegação sul-africana, sublinhou que o cessar-fogo em Angola entre as tropas angolano-cubanas e as forças sul-africanas «é um dos principais pontos actualmente em discussão». «Todas as partes gostariam de chegar a um ponto em que possamos levar algo de volta connosco», disse Van-Heerden.

O responsável sul-africano sublinhou, contudo, que existiam ainda muitos assuntos que «precisavam de ser clarificados nesta e em futuras reuniões». «Temos pela frente um caminho longo e complicado. Estamos ainda a grande distância do fim», acrescentou.

Por seu turno, Armando Espírito Santo, da delegação angolana, disse que se registaram progressos, enquanto um membro da delegação de Cuba afirmava: «estou optimista, como sempre». Antes, o chefe da delegação de Luanda, general António França, afirmara aos jornalistas que estava feliz com o progresso registado nas negociações.

Para o mediador das negociações, o subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, o «cessar-fogo em Angola terá de ser uma realidade mais cedo ou mais tarde», acrescentando: «estou a trabalhar nesse sentido».

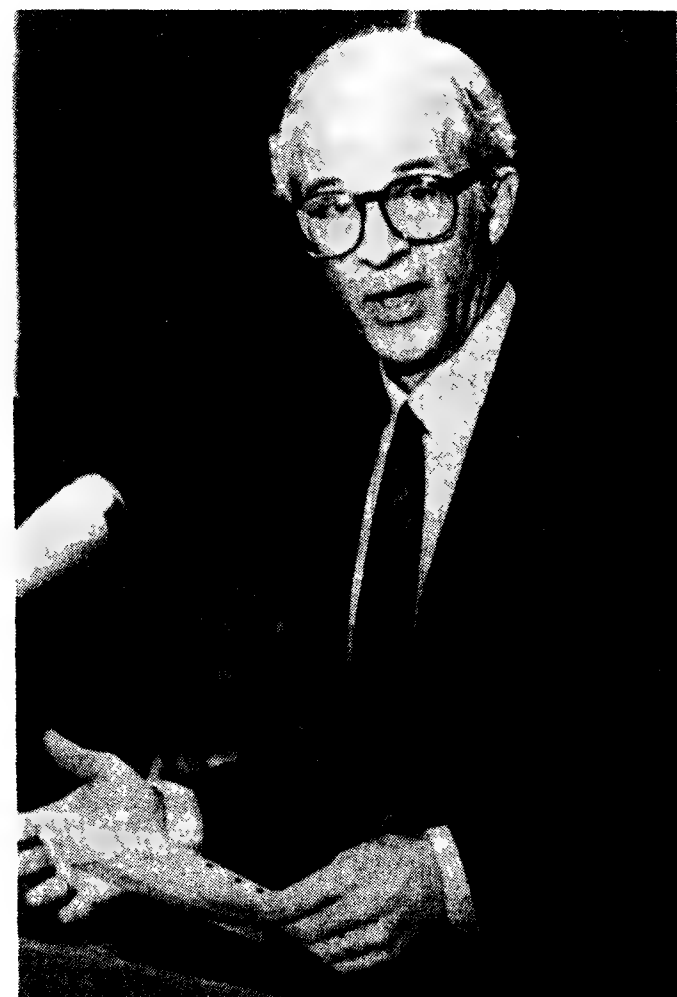
O responsável norte-americano sublinhou ainda que a ordem de trabalhos das negociações é «muito extensa, abrangendo assuntos políticos, militares e outros».

Acordo em preparação?

Fontes próximas da reunião

disseram ao princípio da tarde de ontem que estava a ser preparado um acordo com vista à independência da Namíbia e à retirada dos contingentes militares estrangeiros de Angola. Este acordo

incluiria, designadamente, um calendário de movimentação das forças militares estrangeiras presentes em Angola e na Namíbia. Uma outra fonte declarou, contudo, que as negociações não estavam a desenrolar-se tão rapi-



Chester Crocker diz que o cessar-fogo em Angola é inevitável.

Investigadores norte-americanos anunciaram ter sintetizado uma proteína, encontrada em testes de laboratório, para evitar que o vírus da Sida infecte células humanas. Pelo menos em laboratório, tal proteína parece evitar que as células imunes do organismo sejam infectadas pelo vírus - disse Lee Eiden, do Instituto Nacional de Saúde Mental, chefe da equipa médica que efectuou a pesquisa. Os resultados obtidos em laboratório são suficientemente encorajadores para que em Setembro a proteína comece a ser experimentada em macacos infectados por um vírus semelhante ao da Sida. No entanto, é ainda cedo para dizer se a proteína poderá efectivamente impedir que o vírus infecte os humanos ou deter o progresso da doença num indivíduo já infectado.



O secretário norte-americano da Defesa acompanhado do almirante soviético Mikhail Khronov durante a visita que efectuou a Sebastopol. O secretário da Defesa soviético, Dmitri Yudin, amigo de Carlucci durante os quatro dias em que esteve na situação militar das duas superpotências.

Irão e Iraque aceitam negociações directas para acabar com a guerra

O secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, afirmou que o Irão e o Iraque aceitam o conceito de negociações directas para solucionar o conflito do Golfo Pérsico e que a única questão por resolver é a data.

A questão da marcação da data para as conversações complicou as conversações sobre a entrada em vigor de um cessar-fogo e de um plano de paz das Nações Unidas. O Iraque exige a realização das conversações antes de um cessar-fogo e o Irão afirma que as mesmas só poderão verificar-se depois do cessar-fogo. "Penso que ambas as partes estão interessadas numa solução pacífica... o conceito de conversações directas é aceite por ambos os lados e a questão resume-se à marcação da data. Isso é algo em que estou a trabalhar", acrescentou Perez de Cuellar. Falando a noite passada aos jornalistas, Perez de Cuellar afirmou que ambos os países tinham conhecimento das suas ideias sobre uma fórmula para resolver as divergências. "Espero que eles (Irão e Iraque) respondam em breve às minhas sugestões", declarou.

Vários diplomatas próximos das negociações das Nações Unidas sobre um cessar-fogo no Golfo Pérsico afirmam que as conversações não estão, de forma alguma, num ponto de colapso, apesar dos poucos sinais externos de progresso. "As coisas não estão de forma alguma tão más como parecem", disse um membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Outra fonte, evidenciando uma posição ainda mais optimista, afirmou: "Penso que estamos próximos da algo que eu consideraria positivo". A proposta de Perez de Cuellar aos dois países beligerantes aponta no sentido de as conversações directas começarem no mesmo dia do anúncio do cessar-fogo, que poderá ocorrer no máximo dentro de dez dias.

O conflito

O Iraque negou ontem que os seus aviões tivessem lançado bombas químicas sobre uma cidade iraniana e acrescentou que essas afirmações visam obstruir acções para acabar com a guerra. A agência noticiosa iraniana (Irna) afirmou, numa notícia recebida anteriormente em Chipre, que tinha aumentado para 1.700 o número de feridos em consequência dos gases tóxicos contidos nas bombas lançadas na terça-feira por jactos iraquianos sobre a cidade curda de Oshnavieh, no Norte do Irão.

Na terça-feira um relatório da ONU afirmava que os seus investigadores tinham visto vítimas dos gases utilizados na guerra em ambos os países beligerantes e acrescentava que havia provas do uso repetido de armas químicas pelas forças de Bagdad. Ontem o Irão negou que as suas canhoneiras tenham atacado um petroleiro de pavilhão norueguês no Golfo Pérsico, segundo a Irna.

24 HORAS

Opositores detidos na Polónia

Oito elementos de um grupo independente de oposição foram detidos quando lançavam panfletos de um comboio em andamento, foi anunciado em Varsóvia. As forças de segurança prenderam os oito membros do grupo quando o comboio parou na estação ferroviária de Piotrow Trbyunalski, revelou uma fonte da oposição que pediu o anonimato. Piotrow Trbyunalski encontra-se localizada a 126 quilómetros a Sul de Varsóvia. A mesma fonte localizou que os detidos pertencem à confederação para a independência da Polónia, grupo que se opõe à influência soviética no país.

Asilo a sikhs

A Bélgica ofereceu asilo temporário a 14 dos 21 indianos sikhs que tiveram um naufrágio na Dinamarca quanto pretendiam emigrar ilegalmente para o Canadá, afirmou o Ministério da Justiça. Foi recusada a entrada aos outros sete, que poderão apelar da decisão, afirmou o Ministério. O grupo, constituído unicamente por homens, aguarda, desde a passada sexta-feira, uma decisão do seu futuro no aeroporto de Bruxelas. O ministério afirmou que será dado asilo temporário aos 14 sikhs enquanto se estuda o seu pedido de asilo permanente.

A crise panamiana

O deposto presidente panamiano Eric Delvalle está a preparar uma declaração na qual poderá anunciar estar disposto a negociar com o general Manuel António Noriega uma fórmula que solucione a crise do seu país, foi anunciado em Miami. «Um exilado panamiano em Miami, José Blandon, muito próximo ao ex-presidente, declarou que Delvalle lhe teria dito que Noriega enviou recentemente um emissário com o propósito de iniciar um processo de negociação», publicou ontem «El Nuevo Herald».

Pedida extradição de Rega

A justiça argentina pediu à sua congénere norte-americana uma ampliação da extradição do ex-ministro José Lopez Rega por causa de dois homicídios atribuídos à Aliança Anticomunista Argentina (AAA), de cuja fundação é acusado. O juiz federal Martin Irurzun fez o pedido através do Ministério argentino dos Negócios Estrangeiros, ao mesmo tempo que enviou à Justiça dos Estados Unidos diversas provas sobre a ligação da AAA com os homicídios dos jovens Mauricio Borghi e Carlos Eduardo Betemps.

Soldados desaparecidos

Os Estados Unidos manifestaram-se surpreendidos com a decisão vietnamita de suspender a cooperação para encontrar os restos mortais dos soldados norte-americanos desaparecidos durante a guerra do Vietname. A administração Reagan afirma-se baralhada pela atitude agora tomada pelas autoridades de Hanói mas mantém-se disposta a prosseguir a procura dos corpos das vítimas norte-americanas, independentemente dos problemas políticos que continuam a dividir os Estados Unidos e o Vietname. «Francamente, não estamos a perceber o que eles querem ao recusarem neste ponto da situação», disse o porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater.

A morte de ministro brasileiro

O ministro brasileiro da Indústria e Comércio, José Hugo Castelo Branco, morreu ontem no hospital das Forças Armadas de Brasília por causas não divulgadas, foi anunciado na capital brasileira. Castelo Branco, de 63 anos, a quem foi detectado um cancro nos intestinos há dois anos, foi internado no referido hospital no passado dia 1. Titular do Ministério da Indústria e Comércio acerca de 30 meses, tentou sem conseguir, durante o seu mandato, a privatização de importantes organismos estatais como os institutos do café, açúcar e álcool.

Emboscada: dois mortos

Dois trabalhadores foram mortos quando um grupo de homens armados levou a cabo uma emboscada à carrinha em que seguiam, perto da cidade fronteiriça de Beleek, Norte da Irlanda.

A Polícia diz que os homens armados se encontravam em uniforme de combate e abriram fogo do interior de um carro roubado.

O atentado ocorre na mesma semana em que o IRA intensificou a sua campanha de guerrilha para expulsar o domínio britânico da Irlanda do Norte.

Governo da Guatemala desmente tentativa de golpe de Estado

O Governo da Guatemala afirmou "ser absolutamente falso" ter ocorrido uma tentativa de golpe militar ontem anunciada por um canal local de televisão.

Cláudia Arenas, porta-voz do Governo do Presidente Vinicio Cerezo, disse que três civis foram detidos durante o fim-de-semana por "tentarem tocar nas portas de quartéis".

"Mantivemos este assunto em segredo com o propósito de não dar grande importância ao sucedido, mas uma fuga informativa originou esta desinformação", sublinhou Arenas.

Arenas acrescentou ser "absolutamente falso que este problema tenha sido o motivo pelo

qual o Presidente Cerezo não vai assistir à tomada de posse do novo Presidente do Equador, Rodrigo Borja".

Outras fontes oficiais próximas da Presidência disseram que os três civis foram detidos por incitarem os oficiais do exército a um levantamento.

Este desmentido do Governo surge por causa do noticiário "Teleprensa" do canal 11 da televisão guatemalteca ter anunciado que o comandante do quartel-general do exército, general Roberto Mata Galvez, e oficiais leais, frustraram durante o fim-de-semana uma tentativa de insubordinação.

Visita inesperada de ministro soviético ao Afeganistão

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, chegou ontem a Cabul para uma «visita de trabalho» que não fora previamente anunciada. Shevardnadze foi recebido no aeroporto de Cabul pelo seu homólogo afegão, Abdul Wakil.

A visita do chefe da diplomacia soviética ocorre imediatamente após conversações em Moscovo com o ministro paquistanês dos Negócios Estrangeiros, Yakub Khan. Nas conversações que manteve com o seu homólogo paquistanês, Shevardnadze afirmou que o Pa-

quistão está a praticar uma política de «terrorismo internacional» no que respeita ao Afeganistão e advertiu que «essa situação não pode durar indefinidamente sem que haja uma resposta por parte da URSS».

Moscovo considera que os acordos de Genebra não estão a ser cumpridos pelo Paquistão, que continua a apoiar a resistência afegã. Segundo o estipulado em Genebra, a retirada total das forças soviéticas do Afeganistão deveria ser acompanhada pelo fim da ingerência externa nos assuntos afegãos.

Jordânia reforma funcionários na margem Ocidental

A Jordânia anunciou ter mandado passar à reforma alguns dos seus funcionários públicos na margem Ocidental do Jordão, disse a agência noticiosa jordana Petra. A medida segue-se à decisão jordana, anunciada no domingo, de cortar os seus laços legais e administrativos que vigoravam há 38 anos com a margem Ocidental. Os funcionários a reformar trabalham em instituições jordanas na margem Ocidental. Um funcionário superior jordano disse que a medida afectará 5.300 funcionários civis e professores admitidos antes de 1967, quando Israel conquistou a margem Ocidental durante a guerra do Médio Oriente. Ontem a liderança clandestina do levantamento palestino nos territórios árabes ocupados por Israel saudou a decisão jordana de cortar os laços legais e administrativos com a margem Ocidental, segundo um manuscrito em árabe distribuído em Nicósia. No entanto ignora-se ainda como é que a OLP tenciona preencher o vazio administrativo e legal deixado pela decisão jordana. Entretanto foi anunciado que o secretário de Estado adjunto norte-americano Richard Murphy deverá visitar Beirute, segundo depois para o Egipto, Síria, Jordânia e Israel, para conversações sobre o plano de paz dos EUA para o Médio Oriente.

Defesa, Frank Carlucci, Mikhail Khronopulo, passa revista a que efectuou à base naval de o, Dmitri Yazov, disse ter ficado as em que ambos debateram a

um das pre-ia. ou, não pi-

damente como era desejado por algumas partes, porque a delegação sul-africana terá afirmado «não estar mandatada para discutir algumas das matérias em agenda».

Sabe-se, no entanto, que foi ultrapassado o «ambiente de ruptura» registado de terça para quarta-feira na sequência da divulgação pública, pela África do Sul, de uma proposta apresentada pela sua delegação em Genebra. Angola, Cuba e os Estados Unidos acusaram então Pretória de violar o compromisso de «silêncio», assumido por todas as partes envolvidas nas negociações.

Nessa proposta, rejeitada por Luanda e Havana, a África do Sul condicionava a independência da Namíbia ao desmantelamento de bases do Congresso Nacional Africano (ANC) em Angola e à retirada total das forças cubanas desse mesmo país no prazo de um ano.

Botha reúne com governo da Namíbia

O presidente sula-fricano, Pieter Botha, convocou, para Pretória, uma reunião urgente com as autoridades que governam a Namíbia, território sob administração ilegal da África do Sul.

Recorde-se que o processo de implementação da independência desta enorme região desértica do sudoeste africano, estipulado em 1978 pelas Nações Unidas, está actualmente a ser discutido em Genebra.

SÓ OS VALETES SALTAM

Neves de Sousa
nosso enviado especial



Quando o calor aperta...

Restaurante Cervejaria «O BIGODES»

Com nova gerência:

Chez Bernard

Praia de St.ª Cruz - 2560 TORRES VEDRAS

Tel.: 97217



PORA DE SANTOS

RESTAURANTE CERVEJARIA

ESPECIALIDADES NO CHURRASCO

ABERTO DAS 10H. às 02H. • ENCERRA aos DOMINGOS

LARGO DE SANTOS, 1-E ☎ 665862 1200 LISBOA



Café Restaurante
MAX

MAXIMINO FRUTUOSO

ABERTO TODO O ANO

TORRES VEDRAS ☎ 93275 — PRAIA DE SANTA CRUZ

Uma das mais difíceis etapas de qualquer Volta a Portugal de sempre, não apenas pela extensão (245 quilómetros) mas por ter sido vivida sob calor inclemente, poderia ter ficado tristemente assinalada por dois casos, de carácter completamente diferentes. O primeiro, aconteceu quando se fazia a exacta charneira entre o Algarve e o Alentejo, depois da travessia de uma ponte estreita e quando a estrada fazia cotovelo para a direita: um «pelotão» de cavalos, subitamente enfurecidos ou espantados com a chifrineira da caravana, arrancou do prado em voo picado e atirou-se para a frente do cortejo, obrigando o grosso das hostes a colocar pé no chão, já toda a gente preparada para dar às de vila diogo, as bicicletas que se lixassem, eis que os corcéis estacam, como o célebre cavalinho da Nazaré mesmo a uma passada de provocarem rasteira quase geral.

O segundo percalço teve como protagonista Manuel Cunha, que, pouco depois de transpor a meta, ficou a cambalear para logo se estatelar ao comprido, com perda de sentidos. Levaram-no até junto do carro da Rádio Comercial, onde ficou sentado com os olhos completamente virados para um qualquer horizonte muito nebuloso. Veio o dr. Manuel Barreiro de Magalhães que, após uma sumária observação, logo mandou que estendessem ao comprido o vencedor da última Volta e, levantando-lhe os pés, dando-lhe açúcar e água, lá o fez reanimar o suficiente para, de maca, ir para junto dos colegas, sob intensa vigilância médica durante toda esta noite. Que diagnósticos, dr.?

Há duas hipóteses: crise vagal (problema do nervo vago, dos nervos parassimpáticos) ou hipoglicemia súbita, provocada por alimentação incorrecta durante a etapa. Espera-se (e confia-se nisso) uma pronta recuperação, de molde a que o Manuel Cunha possa regressar em condição perfeita à estrada. Não digo que para fazer grandes aventuras na tirada para Castelo de Vide mas para aguentar o andamento, e no dia de repouso, ficar apto para todo o serviço.

Três ao trabalho dois à boa vida

À abalada, não respondeu Elias Campos (Vigor/Lousa) mal feito da queda que o colocou a pão e laranjas. Os 115 sobreviventes atiraram-se à estrada com uma vontade maluca de que a tirada acabasse ali mesmo, tal era o calor (bem tórrido) que envolvia a caravana. Mesmo assim, as tentativas de fuga começaram, esboçadas por José Ferreira (Boavista) e José Marques (Bom Petisco/Tavira), mas a primeira contagem de montanha é traçada por um pelotão chefiado por Manuel Abreu (Garcia Joalheiro), José Santiago (Boavista), Paulo Pinto e Jorge Silva (Sicasal/Torreense). Todavia, a grande escapada tinha o sinal marcado para os vinte quilómetros: Constâncio Reis (Bom Petisco/Tavira) abala e vai para a aventura.

No seu enalço, tentam sair Manuel Grilo e Orlando Neves (Ruquita/Feirense), Joaquim Almeida (Orima/Cantanhede) e Carlos Marta (Vigor/Lousa). Apenas Orlando e Almeida conseguem os seus intentos, mas daí a duas dezenas de quilómetros, a dupla está acompanhada por Benjamin Carvalho (Salgueiros/Malhas Comax) e Juan Zapatero (Zahor), um quadrunvirato que faria charneira com o sempre inconsistente Constâncio ao quilómetro 66. Já se tinha feito a contagem de montanha, no Casteirão (ordem: Constâncio, Orlando, Almeida) quando o grupo marcava três minutos de avanço sobre o pelotão e José Rosa (Vigor/Lousa) abandonava, sem uma pingüinha de vigor para, na Lousa, escrever a continuidade do seu sonho.

Várias vezes estivemos junto do quinteto em fuga: três homens trabalhavam por todos (Benjamim, Orlando e Almeida) mas Zapatero e Constâncio limitavam-se a ir na roda dos parceiros. Porquê, eng. Brito da Mana? O director da turma tavi-reense logo explica:

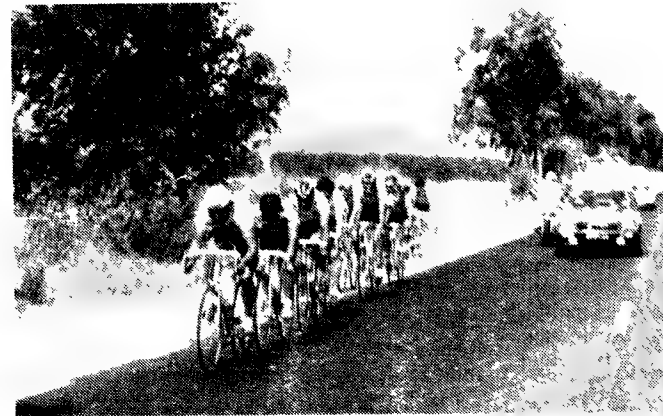
— A Zahor e a Bom Petisco/Tavira estão, de momento, na posse das duas melhores camisolas. Para quê e porquê comandar qualquer ataque?

Exacto: muitas vezes o que parece incompreensível tem a sua lógica explicação.

sistência a sua capacidade física.

Mais um tempinho e outro espanhol zarpava para o pátio lar: Garcia Munoz, também da dita Zahor onde, a partir de agora, o camisola amarela tem apenas cinco colegas para o trabalho de sapa que terá de cautelar o seu símbolo até (pelo menos) Castelo de Vide.

O resto da tirada até Redondo seria assinalado por uma passagem de nível fechada (em Évora) o que obrigou a serpente multiculor a travar todos os ímpetos durante doze minutos. No



Uma escapadela para cuidar da vidinha

Até à meta

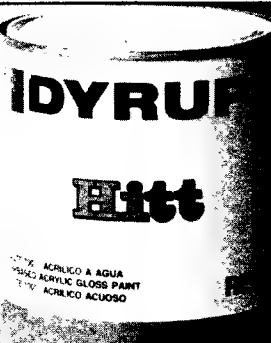
Foi sempre a cortar pano, aqui e além as pernas a irem-se abaixo mas, logo, um instante de fulgor voltar a animar a malta. Mais um espanhol vai embora (Roberto Torres, da Zahor) quando Joaquim Fernandes (Garcia/Joalheiro) sai da grande coluna e fica pedalando entre os maiores e os fugitivos, durante alongados (e atribulados) 103 quilómetros. Um esforço que seria totalmente inglório, pois a sua absorção esteve permanentemente ameaçada desde o primeiro instante, não sendo de entender cabalmente porque prolongou até ao quase limite da ressonância.

recomeço, os fugitivos tinham perdido o ritmo de pedalada e tornou-se fácil ao pelotão absorver larga quota do lucro dos rapazes da frente de tal maneira ao atingir-se a meta, apenas 33 segundos separavam os galopantes dos galgos que os perseguiram.

E veio o desmaio de Manuel Cunha, de seu nome completo Manuel António Tavares da Cunha, nascido a 31 de Agosto de 1962, solteiro, excelente rapaz, primeiro ciclo liceal completado com êxito. Desde 1977 (ano de estreia) representou o Gulpilhães, o FC Porto, a Ovarense o Lousa e a Sicasal/Torreense, estando esta temporada arrematado pela turma espanhola do Clas mas, nesta Volta ao serviço do Recer/Sangalhos. Já foi campeão nacional de rampa, quando era júnior e pedalava pelo Gulpilhães: foi esse título que o lançou para os «dragmes» e foi trampolim para outros sucessos igualmente saborosos (Volta a Portugal, Volta ao Minho, duas Voltas ao Algarve, Prémio de Loures, Prémio de Setúbal e Volta a Gaia).

E, já agora, sabem de que gosta este intransigente admirador do Venceslau?

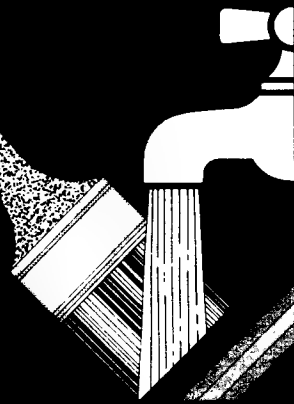
apoio
Mobil



nada mais fácil!

Hitt

ESMALTE
AQUOSO
100% ACRÍLICO



DO BARALHO

De ver vídeos, de ler todos os jornais desportivos que lhe passem à mão, de ouvir música romântica e fazer campismo ou caravanismo.

— Dizem por aí, que a Recer/Sangalhos lhe pagou mais de mil contos para você vir fazer esta Volta pela equipa da Bairrada. É verdade Manel?

— Anteontem, o «Fignon Português» apenas adiantou:

— Não confirmo, nem desminto...

E foi-se a rir: exactamente o contrário do que aconteceu ao fim da tarde de ontem, junto à meta no belo Redondo do excelente vinho e da generosa hospitalidade.

Pequena história

A etapa também ficou marcada por quedas (Joaquim Carvalho, do Ruquita/Feirense, Cayn Theak, do Louletano/Vale do Lobo), sem contarmos que (com dores musculares ou pequenas indisposições) 22 ciclistas foram atendidos por pai ou filho Barreiro de Magalhães, os dois «anjos bons» da caravana voltista. Vincada por inúmeros prémios particulares: que oscilaram entre cinzeiros de mármore, aguardentes, aperitivos, vinho abafado e tinto reserva 82.

É definida por um facto: nenhum dos homens da vanguarda perdeu tempo, mas o luxemburguês Vincenzo Mezzapesa (Ginásio de Tavira/Stand Custódio) chegou todo pendurado ao último risco branco: onze minutos e tal depois dos dois homens que menos labutaram no quinto de fugitivos (Constância e Zapatera) fazerem da frescura bem administrada uma arma para suplantarem quem mais trabalhava em andamento.

O comunicado do júri é duro para largo naipe de artistas: penalidade de 30 segundos e multas de um contido por cabeça a Carlos Santos, José Xavier e José passos (Louletano/Vale do Lobo), Amílcar Neves (Garcia Joalheiro), Venceslau Fernandes (Recer/Sangalhos), António Santos (Orima/Cantanhede), Amaro Antunes (Ginásio de Tavira/Stand Custódio), João Santos (Sicasal/Torreense), David Assunção e Renato Ferraro (Boavista, agora com patrocínio da Sarcot) e Vincent Laveny (Fagor) todos por terem tomado impulso em viaturas.



Elias Campos: adeus Volta

Por terem procurado abrigo atrás de veículos, mais meio minuto no tempo real e dona Maria desembolsada por Paulo Couto (Recer/Sangalhos) e Agostinho Costa (Orima/Cantanhede). Com base na recepção de assistência pelo lado esquerdo, mais trinta segundos nas contas de Delmino Pereira (Boavista/Sarcot) e por abastecimento irregular, outro meio minuto a Zapatera (Zahor) que, para além deste percalço, ainda terá de entregar três contos ao fisco da Volta. Que é como quem diz: ao monte que reverterá para a Federação (anualmente) ajudar a vidinha das associações que querem promover o ciclismo nos escalões etários mais baixos.

Já agora, digamos que dois directores (o do Boavista/Sarcot e da Zahor) vão contribuir para esse montante: ontem, levaram arripes de dois e três mil escudos por infracções ao regulamento da corrida: azadrezado por culpa de Delmiro, espanhol por causa de Zapatera.

Uma voltinha atrás

A noite louletana seria completada na moldura quase maravilhosa de Vale de Lobo onde cumularam de gentilezas a malta da Comunicação Social: e, aqui, uma palavra de alto apreço para Paulo Chaves, que é vice-presidente do ciclismo profissional da turma que defende

as cores do clube algarvio que é apoiado financeiramente pela empresa comandada por Sander Van Gelder. Numa reunião-convívio em que o presidente da edilidade louletana (J. António Guerreiro Cavaco) nos falou com largo entusiasmo do futebol lousanense, do clube de que é presidente da assembleia geral, ficámos sabendo coisas do arco da velha: nem todas podendo ser transpostas aqui para o jornal, por serem ainda «segredos de Estado», dentro do jodemo-rei das nossas áreas. Mas podemos adiantar que o presidente da direcção do Louletano (o jovem empresário Daniel do Adro) encontra-se no Brasil e já está na posse dos «passes» de três autênticas vedetas dos estádios: Mauricinho, Henrique e um dos dois Ricardos que têm sido chamados ao «escrete canarinho».

Na festinha com a Imprensa que se processou no acolhedor Golfer's Inn, de João Soares (com a turma de atendimento incluindo Sebastião, Henrique, Dália, Ricardo e o Rui, filho do João Soares) Paulo Chaves

(director do Vale de Lobo) comparou a sua profissão à de um ginecologista, que «também tem de ver muitas pessoas pelo lado de dentro», enquanto a Paula Duque tocava guitarra e cantava, com o seu Rogério Gil embevecido.

Quanto a conversa (que teve como testemunhas o dirigente benfiquista José Gomes Machado contando como Valdo foi raptado e falando das novidades que o futebol da Luz vai colocar na mesa, até o arquitecto Jaime de Sesa, afirmar que, muito seriamente, tem em mente mudar o «Oporto Cup/Open Sogrape», em ténis, da capital nortenha para a jovem cidade da Maia), o presidente Guerreiro Cavaco foi-nos contando:

— Este é o concelho mais turístico do País, com problemas completamente diferentes no seu triângulo de preocupações superiores: serra, barrocal e litoral. Julgo que tenho feito um trabalho capaz mas, quando o trabalhar o meu mandado, quero deixar o lugar e não aceitar mais qualquer recandidatura.

Desabafa, entre amigos:

— Poucos saberão algumas coisas que posso contar, sem inuito de querer ganhar louvor, apenas para ficarem aqui, em roda de amigos: a população não paga os primeiros cinco metros cúbicos de água que consome, porque quem tem piscina paga para os outros. Temos uma electrificação completa e um saneamento básico impecável. Construimos as piscinas municipais em menos de quatro anos: aí estão, em nada nos envergonhando.

Adianta:

— É o único concelho onde não se paga a recolha do lixo. A Câmara ajuda os transportes escolares: ainda hoje compramos um autocarro de dois pisos que custou 70 mil contos e vai servir a miudagem. E apoiamos as actividades atléticas, porque sabemos bem quanto vale o binómio desporto-turismo. Para o próximo ano, o orçamento da edi-

lidade já prevê (nesse capítulo) um dispêndio de 90 mil contos: até o Quarteirense recebe 420 contos mensais para transportar crianças nos seus veículos.

Um rol de factos, que um dia destes apresentaremos com vagar e maior latitude. Hoje (e reportando-nos apenas à «Volta») diga-se que os dois ingleses que tinham sido contratados pelo Centro de Ciclismo de Loulé para fazerem a corrida saltaram do dorso da «menina» ainda antes de se entrar no Algarve, vão ficar por cá mais quinze dias, em férias pagas por contrato. Que o Orlando Neves nos acabou de proclamar:

— Eu é que merecia vencer a etapa, aqui, no Redondo. Eles (Constância e Zapatera) passaram-me sobre o risco, mas na montanha vou tentar fazer ainda melhor.

Por seu lado, Benjamin dizia para os amigos:

— Por momentos pensei que a vantagem dava para ganhar a camisola amarela: depois, com o andar do pelotão ficava agitado, só quis ganhar a tirada, mas não me deixaram. Foi muito difícil, pela extensão e pelo calor, que foi verda-

deiramente infernal. Mas, cá para mim, estou em crer que a «Volta» só começará a decidir-se quando abalarmos de Castelo de Vide.

Na sala de Imprensa reúnem-se dois grupos: Comunicação Social e Organização. Vão embater frontalmente em termos futebolísticos, na manhã de amanhã. Por isso entram esta noite em estágio, com o mínimo de duração de quatro horas: as que ficam libertas do «espíritismo nocturno» que, se os bons amigos José Mendes e Francisco Antunes (os melhores teclistas) de telex, que já vi e mais uma vez dominam o serviço de apoio aos jornalistas, bem merecendo dos CTT justíssimos louvores pelos serviços prestados à Comunicação Social) permitirem que chegue ao conhecimento de algumas mães de família que pensam que os maridos estão cortejando as meninas de cada final de etapa e, afinal (pobres deles), vão-se limitando a pedir cartas e sempre esperar que melhor que uma dama, chegue às mãos o ás de trunfo.

Precisamente o que também se percebe numa «Volta» em que só afloraram à mesa de jogo pequenos valetes.

Neves de Sousa

FOTOFOTO

• REVELAÇÃO E FOTOS A CORES EM 1 HORA (OFERTA DE ROLO)

• FOTOFOTO "TRADIÇÃO NA QUALIDADE"

CAMPANHA EM: MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS PROJECTORES DE DIAPOSITIVOS FILMES E CASSETES VIDEO

Rua de S. Nicolau, 31
Rua dos Sapateiros, 48
Rua Filipe Folque, 2-C
LISBOA — Tel. 32 34 44

FOTOFOTO

Serviço de transmissões da Volta, assegurado com um rádio cedido gentilmente pela

ELECTRO OURO.

IDYRUP
Hitt

ACRILICO A AGUA
TINTAS ACRYLIC GLOSS PAINT
E E ACRILICO ACUOSO

nada mais fácil!

Hitt ESMALTE AQUOSO 100% ACRÍLICO

TOPÁZIO

Vinho Branco Especial
Especialmente Seco

7.ª Etapa: Loulé-Redondo (245 km)

1.º	Constância Reis. (Bom Petisco/Tavira)	6.40.49 horas - 36.675 km/h
2.º	Juan M. Zapatero (Zahor)	mesmo tempo
3.º	Orlando Neves (Ruquita/Feirense)	m.t.
4.º	Benjamim Carvalho (Salgueiros/Comax)	m.t.
5.º	Joaquim Almeida (Orima/Cantanhede)	6.40.58
6.º	Paulo Pinto (Sicasal/Torreense)	6.41.22
7.º	Manuel Cunha (Recer/Sangalhos)	m.t.
8.º	Vitor Lourenço (Bom Petisco/Tavira)	m.t.
9.º	Eugénio Passos (Bom Petisco/Tavira)	m.t.
10.º	Frank Bouc (Fagor)	m.t.
11.º	António F. (Recer/Sangalhos)	m.t.
12.º	Joaquim S. (Garcia Joalheiro)	m.t.
13.º	Cayn Theakston (Loulé/Vale do Lobo)	m.t.
14.º	Pedro Silva (Vigor/Lousa)	m.t.
15.º	Manuel Carvalho (Salgueiros/Comax)	m.t.
16.º	Manel Kaikinger (Salgueiros/Comax)	m.t.
17.º	José Santiago (Boavista/Sarcol)	m.t.
18.º	António Martinez (Zahor)	m.t.
19.º	Manuel Carrera (Zahor)	m.t.
20.º	Alberto Silva (Garcia Joalheiro)	m.t.
112.ª	(último) Vincenzo Mezzapesa (G. Tavira/Stand Custódio)	6.51.57

Equipas:

1.º	(Salgueiros/Malas Comax)	20.03.33
2.º	(Zahor)	m.t.

Classificações

3.º	(Bom Petisco/Tavira)	m.t.
4.º	(Ruquita/Feirense)	m.t.
5.º	(Orima/Cantanhede)	20.03.42
6.º	(Recer/Sangalhos)	20.04.06
7.º	(Boavista/Sarcol)	m.t.
8.º	(Garcia Joalheiro)	m.t.
9.º	(Loulé/Vale do Lobo)	m.t.
10.º	(Sicasal/Torreense)	m.t.
11.º	(Vigor/Lousa)	m.t.
12.º	(Fagor)	m.t.
13.º	(C.C. Loulé/Caixa Agrícola)	m.t.
14.º	(G. Tavira/Stand Custódio)	m.t.

Geral individual:

1.º	António Martinez (Zahor)	28.56.52
2.º	Luís Sequeira (Bom Petisco/Tavira)	a 2.34
3.º	David Assunção (Boavista/Sarcol)	a 3.01
4.º	António Araújo (Garcia Joalheiro)	a 3.09
5.º	Carlos Pereira (Ruquita/Feirense)	a 3.22
6.º	Sérgio Rodrigues (Bom Petisco/Tavira)	a 3.28
7.º	Carlos Coelho (Garcia Joalheiro)	a 3.47
8.º	Serafim Vieira (Loulé/Vale do Lobo)	a 4.17
9.º	João Santos (Sicasal/Torreense)	a 4.24
10.º	Pedro Silva (Vigor/Lousa)	a 5.01
11.º	José Ferreira (Boavista/Sarcol)	a 5.08
12.º	João Paulo (Orima/Cantanhede)	a 5.21
13.º	António Silva (Ruquita/Feirense)	a 7.04
14.º	Fermin Trueba (Zahor)	a 7.24
15.º	Benedito Ferreira (CC Loulé/Caixa Agrícola)	a 7.59
16.º	Benjamim Carvalho (Salgueiros/Comax)	a 8.23
17.º	John Carlsen (Fagor)	a 9.28

18.º	Cayn Theakston (Loulé/Vale do Lobo)	a 9.35
19.º	José Xavier (Loulé/Vale do Lobo)	10.00
20.º	Jorge Silva (Sicasal/Torreense)	a 10.04
112.º	(último) Paulo Brito (Salgueiros/Comax)	a 1.38.51

Geral equipas:

1.º	(Zahor)	87.09.05
2.º	(Garcia Joalheiro)	a 1.40
3.º	(Boavista/Sarcol)	a 1.43
4.º	(Bom Petisco/Tavira)	a 2.25
5.º	(Loulé/Vale do Lobo)	a 4.48
6.º	(Ruquita/Feirense)	a 5.31
7.º	(Recer/Sangalhos)	a 6.32
8.º	(Sicasal/Torreense)	a 7.23
9.º	(Vigor/Lousa)	a 8.09
10.º	(Fagor)	a 13.06
11.º	(Orima/Cantanhede)	a 18.24
12.º	(Salgueiros/Malas Comax)	21.58
13.º	(C.C. Loulé/Caixa Agrícola)	a 22.04
14.º	(Ginásio Tavira/Stand Custódio)	a 31.53

Pontos:

1.º	Paulo Pinto (Sicasal/Torreense)	22
2.º	Benjamim Carvalho (Salgueiros/Malas Comax)	19
3.º	Constância Reis (Bom Petisco/Tavira)	17

Montanha:

1.º	António Martinez (Zahor)	20
2.º	Paulo Ernesto (G. Tavira/S. Custódio)	13
3.º	John Carlsen (Fagor)	10
4.º	José Santiago (Boavista/Sarcol)	10

Metas-volantes

1.º	Benjamim Carvalho (Salgueiros/Comax)	16
2.º	Orlando Neves (Ruquita/Feirense)	9
3.º	Eugénio Passos (Bom Petisco)	8

Combinado:

1.º	António Martinez (Zahor)	7
2.º	Luís Sequeira (Bom Petisco/Tavira)	28
3.º	John Carlsen (Fagor)	28

Juventude:

1.º	Luís Sequeira (Bom Petisco/Tavira)	
2.º	David Assunção (Boavista/Sarcol)	
3.º	Carlos Pereira (Ruquita/Feirense)	

Centenário

1.º	Paulo Pinto (Sicasal/Torreense)	18
2.º	Joaquim Almeida (Orima/Cantanhede)	10
3.º	Orlando Neves (Ruquita/Feirense)	6

Amabilidade (Troféu Idalino de Freitas)

1.º	Marco Chagas (Loulé/Vale do Lobo)	6
2.º	Manuel Cunha (Recer/Sangalhos)	5
3.º	Roberto Torres (Zahor)	2

Amanhã ninguém pedala

Amanhã é dia de pausa para os «resistentes» (hoje alinharam 112 dos 132 que saíram de Santa Maria da Feira) ciclistas que aqui estão em representação de 14 emblemas. Dia de descanso na bonita e acolhedora localidade de Castelo de Vide, depois de percorridos 1337 quilómetros dos 2687 que constam da totalidade do percurso.

No domingo, é o regresso ao trabalho, rumo a Gouveia com a escalada das Penhas da Saúde e da Torre (206 km de extrema dureza).

Informação

AUXILIARES DE ESTAÇÃO

A CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E.P. pretende admitir para os seus quadros de pessoal Auxiliares de Estação.

Exige-se

- Idade entre 21 e 35 anos incompletos em 31.12.88
- Habilitações literárias: 9.º ano de escolaridade podendo admitir-se excepionalmente habilitação menor até ao 6.º ano completo de escolaridade.
- Situação militar regularizada.

Apresentação de candidaturas

- Os interessados que reúnam as condições exigidas deverão contactar directamente ou por escrito até 11.8.88 o Serviço de Recrutamento — Calçada do Duque, n.º 20, 1294 Lisboa Codex.
- Só serão consideradas as candidaturas:
 - entregues directamente no Serviço de Recrutamento dentro do prazo indicado, ou as enviadas pelo correio, desde que o respectivo carimbo dos CTT marque uma data dentro do mesmo prazo.



Caminhos de Ferro
Portugueses



CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA AVISO

JOSÉ MANUEL DA COSTA CARREIRA MARQUES, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA:
FAZ PÚBLICO, que estão abertas inscrições de 1 a 31 de Agosto para concessão de 15 bolsas de estudo para o ensino médio e superior, devendo os interessados dirigir-se à Divisão Sociocultural (Ensino) a funcionar na Casa da Cultura desta Câmara Municipal a fim de obter o respectivo impresso.

- São condições de admissão:
- Que o concorrente resida dentro dos limites deste concelho há mais de dois anos;
 - A bolsa será ainda concedida aos que não residindo sejam naturais deste concelho, desde que a verba atribuída para esse fim não tenha sido absorvida pelos beneficiários residentes no concelho;
 - A falta de recursos económicos dos concorrentes para a continuação dos estudos;
 - Não possuírem os concorrentes habilitação de qualquer outro curso dentro do grau de ensino para cuja frequência requerem a bolsa.
- Para constar se passou o presente Aviso a que vai ser dada publicidade.

Paços dos Concelhos, 27 de Julho de 1988

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA
José Manuel da Costa Carreira Marques



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública Direcção Operacional Distribuição Sul

CENTRO DISTRIBUIÇÃO ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 7/8/88 (domingo).

Concelho de Sesimbra: Sesimbra (Pannificadora), das 6 às 14 horas.

Por motivo de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia, as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

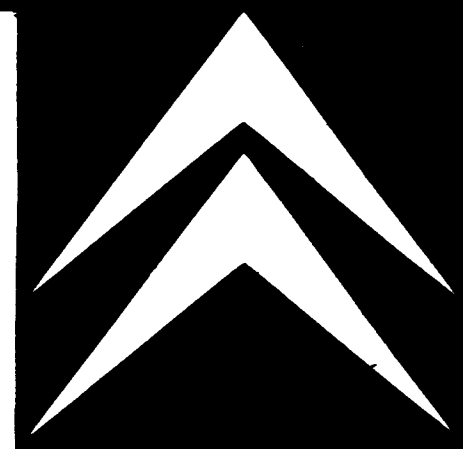
Almada, 5 de Agosto de 1988

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada
O Responsável,
José Resende Nascimento

LUBRICAR

CONCESSIONÁRIO CITROËN

Av. Guerra Junqueiro, 7 A/B
Tels. 89 25 52/88 03 64/80 85 03 — Lisboa



19

A Convenção Republicana

começa em Miami sob o signo da moderação
O Partido Republicano dispõe-se a abordar hoje a convenção nacional sob o signo de um programa eleitoral cuja moderação em todos os domínios justifica o título: «Pensamos coisas novas, procedemos de maneira nova».

Ao mesmo tempo que, nos bastidores, prossegue a ofensiva eleitoral para impedir a nomeação de Richard Nixon como candidato à presidência dos Estados Unidos, no primeiro ou segundo escrutínio, as delegações estudam o programa que o eleito deverá defender e considerar como a orientação da sua administração.

O longo texto distribuído ontem à tarde é, sem qualquer dúvida, revelador da época em que vivemos: edificados pela experiência conservadora rígida e pouco

feliz de 1960, os dirigentes do «Grand Old Party» quiseram renovar uma unidade interna seriamente abalada.

Reeditada uma obra sobre a viagem de Álvares Cabral

Associando-se às comemorações do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, a Agência Geral do Ultramar realizou a edição de um livro que se encontrava esgotado há 28 anos: «Os sete únicos documentos de 1500 conservados em Lisboa referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral».

A primeira edição desta colectânea verificara-se em 1940 e foi seu organizador Fontoura da Costa. A presente edição segue esta primeira, com pequenas altera-

ções de actualização e correcção ortográfica.

(...) Todos os documentos são reproduzidos em fotografia e a sua leitura é precedida de uma nota explicativa da autoria de Fontoura da Costa, com excepção da «Carta de Pêro Vaz de Caminha».

«Western» japonês

O Japão também tem o seu «western», com bandidos, cavalgadas, roubos de gado, cenas de pancadaria e tudo.

Trata-se do filme «O Vingador Solitário» do realizador Sumiya Sato.

O protagonista é o actor japonês Ken Takakura, mas os restantes intérpretes são australianos.

Dado que a paisagem japonesa não tem as características do West americano, o filme foi rodado em determinadas regiões do longo continente que é a Austrália.

EFEMÉRIDES

1529 — É assinada a Paz de Cambrai, também conhecida pela «Paz das Damas», através da qual a rainha D. Leonor, viúva de D. Manuel I, de Portugal, viria a contrair matrimónio com Francisco I, de França.

1600 — Ocorre a conspiração de Gowrie, na Escócia, quando lord Gowrie e o seu irmão, Alexander Ruthven, raptam Jaime VI, que acaba por ser salvo.

1716 — O príncipe Eugénio, de Sabóia, derrota os turcos em Petrovaradine, na Rússia.

1779 — Em Portugal, é criada, através de Carta de Lei, a Academia Real da Marinha.

1850 — Uma lei do Governo australiano concede governos representativos à Austrália do Sul, Tasmânia e Vitória.

1858 — Termina a colocação do primeiro cabo transatlântico.

1884 — A primeira pedra da base da estátua da Liberdade é colocada à entrada do porto de Nova Iorque.

1895 — Morre o filósofo e ideólogo alemão Friedrich Engels.

1949 — Os EUA põem termo ao auxílio à China Nacionalista.

— Um sismo verificado no Equador mata mais de seis mil pessoas.

1951 — O general norte-americano Matthew Ridgway quebra as conversações de paz na Coreia, carregando sobre as forças comunistas e violando, simultaneamente, as regras da desmilitarização.

1953 — O comando das Nações Unidas na Coreia inicia a troca de prisioneiros com a Coreia do Norte e a China.

1955 — Morre a actriz portuguesa Carmen Miranda.

1962 — A actriz norte-americana Marilyn Monroe é encontrada morta no seu apartamento de Los Angeles.

1963 — Os EUA, a Grã-Bretanha e a URSS assinam um tratado proibindo as experiências nucleares na atmosfera, no espaço e sob o mar.

1971 — A Turquia inicia relações diplomáticas com a China e interrompe as relações com a Formosa.

1973 — Dois indivíduos, identificados como membros da Organização Setembrada Negra, desencadeiam um ataque no aeroporto de Atenas, utilizando granadas e metralhadoras e provocando três mortos e 25 feridos.

1983 — O Governo do Alto Volta chefiado por Jean-Baptiste Quedaogo, é derrubado por um golpe de Estado que matou, pelo menos, 13 pessoas e liderado por um oficial do Exército, com ligações à Libéria.

1984 — A atleta portuguesa Rosa Mota conquista a medalha de bronze na maratona dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, com o tempo de 2h26m57s, menos 4.15 minutos do que o seu anterior máximo.

— Morre o actor inglês Richard Burton, com 59 anos.

EM PORTUGAL

	Máx.	Mín.	Pre.	As 06 h.
Bragança	12	12	0,0	Limpo
V. Castelo	15	15	0,0	Limpo
Vila Real	15	15	0,0	Limpo
Porto	20	16	0,0	Limpo
Coimbra	22	20	0,0	Limpo
C. Carvoeiro	16	16	0,0	Limpo
C. Branco	-	-	0,0	-
Portalegre	23	23	0,0	Limpo
Lisboa	20	20	0,0	Limpo
Évora	19	19	0,0	Nebulosa
Beja	21	20	0,0	Limpo
Faro	21	20	0,0	Nebulosa
Sagres	17	17	0,0	Limpo
P. Delgada	15	15	0,0	P. nub.
Funchal	20	20	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 32, Porto 28, Faro 30, Ponta Delgada 24, Funchal 25.

Temperatura da ar. em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

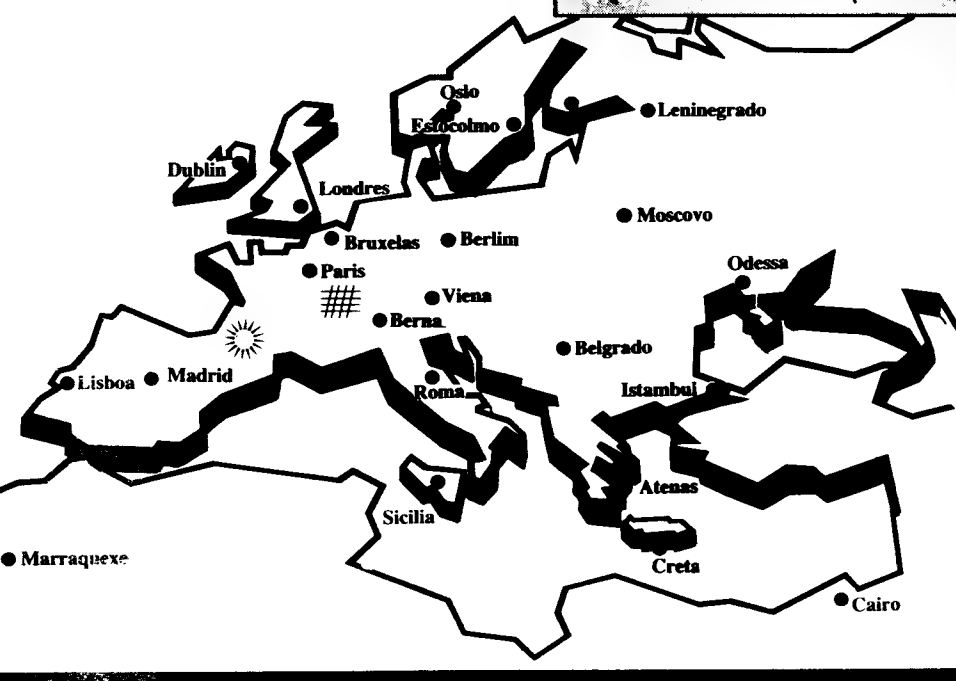
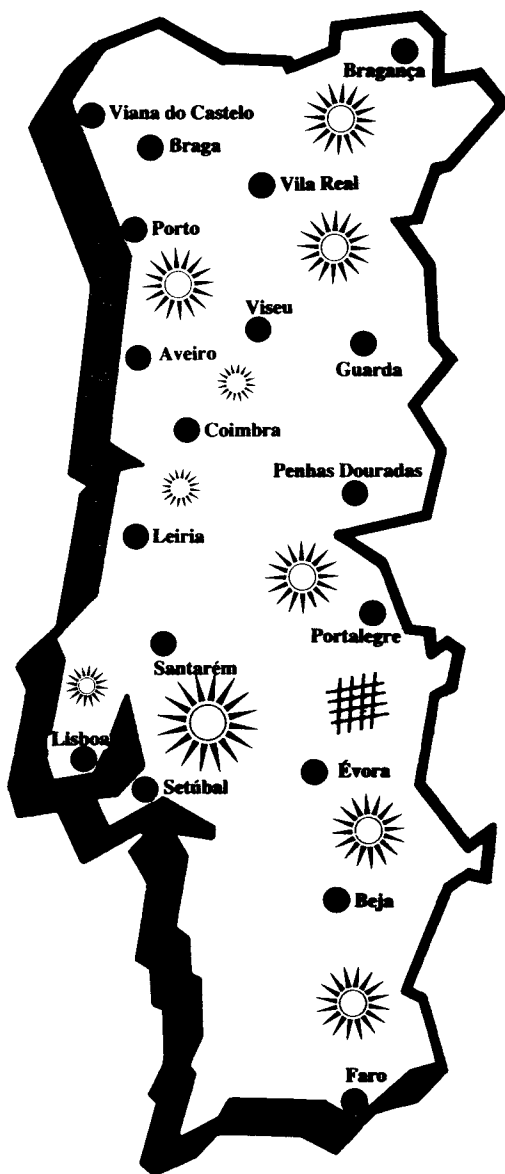
	Máx.	Mín.	As 18 h.
Madrid	14	14	Limpo
Londres	15	14	Muito nub.
Paris	14	12	Muito nub.
Breuselas	14	14	Nebulosa
Amsterdão	15	12	Nebulosa
Ginebra	11	9	Pouco nub.
Roma	22	21	Nebulosa
Oslo	14	10	Pouco nub.
Copenhaga	13	12	Muito nub.
Estocolmo	12	12	Pouco nub.
Berlim	15	14	Nebulosa
Viena	13	10	Encoberto
Varsóvia	13	10	Muito nub.
Almas	29	22	Limpo
Moscou	16	11	Limpo

Temperatura da ar. em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Mín.	Máx.	As 13 h.
Caracas	18	26	Nublado
Johannesburgo	8	21	Limpo
Los Angeles	18	25	Nublado
Montreal	19	33	Nublado
Nova Deli	25	31	Nublado
Nova Iorque	24	32	Nublado
R. de Janeiro	13	27	Nublado
S. Francisco	16	23	Limpo
São Paulo	-	-	-
Tóquio	24	32	Limpo

Temperatura da ar. em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

Em todo o território: Céu geralmente limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste durante a tarde na faixa costeira ocidental. Estado do mar: Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de um a dois metros na costa ocidental e encrespado com ondulação inferior a um metro, na costa sul. Açores:

Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de sudoeste. Períodos de chuva fraca. Estado do mar: Mar de pequena vaga. Ondulação norte de um a dois metros.

Grupo Central: Céu geralmente muito nublado. Vento geralmente fraco de oeste. Estado do mar: Mar encrespado. Ondulação norte de um a dois metros.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco de nordeste.

Na Madeira: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de norte. Aguaceiros fracos nas vertentes viradas a norte.

Estado do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação norte de dois metros. Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro. Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco.

AMANHÃ

Céu geralmente limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste durante a tarde na faixa costeira ocidental. Nebulinas matinais em especial no litoral Oeste.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde. Nebulinas matinais na faixa costeira a norte do cabo Carvoeiro.

MARÉS

Hoje	Prata-Mar	Beiza-Mar
	9.36	3.4 m
	22.09	3.4 m
Amãhã	10.49	3.3 m
	23.31	3.2 m

Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Informação da agência Lusa.

"A Nave Adormecida", de Fernando Dacosta, estreia esta noite no Teatro Aberto

UMA ALEGORIA SOBRE PORTUGAL

Rodrigues da Silva

SALAZAR e Otelo, Cavaco e D. Sebastião... deles se irá falar a propósito de uma peça de teatro. Que ninguém se espante. Como já se sabe pelo título, estamos perante uma alegoria sobre Portugal e o autor é Fernando Dacosta, escritor (e jornalista) com uma rara capacidade de nos fazer ver para além do óbvio.

"A Nave Adormecida", mais do que um país somos nós todos, que haveremos de despertar, se... Desta e doutras condicionais se falará também nesta entrevista, durante a qual Fernando Dacosta (46 anos, autor de quatro peças) dirá: "Depende deste espectáculo o voltar ou não a escrever teatro."

— Pelas minhas contas, esta é a tua segunda peça a ser encenada...

— É verdade, depois de "Um Jeep em Segunda Mão". A "Súplica" passou na Rádio e "Sequestraram o sr. Presidente" nunca chegou a ser encenada.

— Como é que surgiu "A Nave Adormecida"?

— Surgiu porque o João Lourenço, que é um encenador muito inteligente e muito atento à realidade, intuiu que o público começava a estar receptivo para as coisas portuguesas. Então, criou um ciclo de autores nacionais com obras escritas para o seu grupo, o Grupo 4. Nesse sentido, foi contactando com pessoas que escreviam textos (com o Saramago, comigo, com a Clara Pinto Correia, por exemplo) para todas as temporadas poder representar um autor português.

— Quais as condições?

— Ele fez isto de uma forma inteligente. Não se tratou de uma encomenda. Não houve imposição de tema, de tempo, de personagens. E isto é muito importante porque não inibe, nem condiciona o autor.

— Entende-te, portanto, livre...

— Eu tinha decidido nunca mais escrever teatro, depois do processo todo com o "Jeep" que nunca mais passava na RTP, e também porque não se representavam autores portugueses, nem se publicavam textos. Depois do João Lourenço ter falado comigo, lembrei-me de uma ideia que me pareceu poder dar uma peça.

Tinha posto a ideia de parte, fui pegar nela outra vez e trabalhei-a. Este espectáculo vai ser a prova final para mim.

— Prova final?

— Pois. Vai depender deste espectáculo o voltar ou não a escrever teatro.

— Porquê?

— Porque escrever teatro nos condiciona a linguagem. No romance, temos liberdade, existe a volúpia da palavra, não há barreiras para a escrita. Mas o condicionalismo que o teatro impõe é apaixonante porque nos obriga a um maior esforço para dilatar a palavra oral. Por outro lado, há neste momento em Portugal uma geração de encenadores com uma grande criatividade, um grande domínio técnico. Actores sempre houve, mas encenadores há mais agora. Isso representa uma segurança para

quem escreve, porque pode contar com esse apoio dos encenadores e esse apoio é decisivo na recriação cénica da linguagem escrita. Isto é muito importante porque os dramaturgos em Portugal não têm experiência directa do teatro.

Uma viagem fantástica

— Tem havido bons espectáculos a partir de originais portugueses...

— Pois tem. Assim de repente estou a lembrar-me dos do Filipe de Faria com texto da Agustina e do Mário Cláudio, os do Cintra a adaptar Gil Vicente agora e há uns anos António José da Silva, o do João Mota que pôs em cena a peça do Redol, o Bando com o "Montedemo", os espectáculos do Benite em Almada, a "Comunidade" pelo Cândido Ferreira... E deve haver mais, de que não me lembro agora.

— "A Nave Adormecida" o que é?

— É uma alegoria sobre a nossa condição portuguesa, a nossa maneira de ser e inscreve-se num ciclo que me tem ocupado nos últimos tempos e que eu penso fechar com o próximo romance: "Os Infieis".

— Concretiza um pouco mais.

— É uma viagem fantástica jogando muito no simbólico, no ritualista. Tive a sorte de encontrar no Castro Guedes, que encena a peça, a recriação daquilo que eu imaginava.

— E os actores?

— São cinco actores e cinco duplos. É uma estrutura muito complexa. A encenação tem movimentos de ópera, o que dá um efeito muito curioso, distanciador e dilatador do tempo. Do ponto de vista cénico, é uma montagem cara para um espectáculo de menos de duas horas sem intervalo mas, pessoalmente, gosto muito da cenografia e dos figurinos e em especial da música original do Eduardo Paes Mamede. É uma música muito bonita baseada na guitarra portuguesa, no fado português. É um espectáculo muito mágico.

Temos que ser nós o D. Sebastião

— Porquê este título: "A Nave Adormecida"?



"A Nave Adormecida" (foto de ensaios): Irene Cruz, Mário Jacques, Francisco Pestana, Jorge Gonçalves e Melim Teixeira. De 4.ª a sábado, às 21 e 30; domingo, às 16; até fim de Setembro



Fernando Dacosta: "Otelo é um espelho ofuscante da nossa má consciência"

— É um título inspirado em poemas inéditos do Fernando Pessoa para quem Portugal era uma bela adormecida à espera do beijo vivificador. Essa é, aliás, uma característica de toda a grande poesia portuguesa de todos os séculos. Esse beijo não é, no entanto, dado por alguém exterior a nós, mas por nós mes-

mos. Ou seja: D. Sebastião não existe, temos que ser nós o D. Sebastião.

— O que significa que...

— ...Que nesta fase que Portugal atravessa, perdido felizmente o Império, vamos ser obrigados a acordar para nos levantarmos. Se sermos ou não capazes, depende da posição que cada um tiver perante a vida. Mas eu acredito que sim, até porque somos um povo muito criativo, com características muito positivas: a afectividade, o convívio, a utopia, o sonho, a solidariedade.

— Essas são as características boas, mas há as más...

— Pois há. Como somos um povo de extremos, somos capazes também das maiores ignomínias. Veja-se a Inquisição...

— Que continua dentro de nós.

— Exacto. A Inquisição persiste no nosso interior. Veja-se o que estamos a fazer ao Otelo.

— Estamos ou estão alguns?

— Estamos em período de má consciência e quando isso acontece não suportamos espelhos dessa má consciência.

— E qual a causa dessa má consciência?

— Deixámos falhar uma revolução... ou uma utopia. O Otelo é um espelho ofuscante.

— E o outro lado das coisas?

— O outro lado só por si não pegava. A verdade é que as pessoas falam no Otelo mas encontram sempre um alibi para justi-

ficar a indiferença e o medo.

— Desculpa lá voltar atrás: fala um pouco mais sobre a hipótese de deixares de escrever teatro.

— Tenho que me sentir motivado para fazer as coisas como as faço. É por isso que te disse que este espectáculo é decisivo para mim, no sentido de voltar ou não a escrever teatro. Não sou capaz de escrever para a gaveta. Dá tanto trabalho escrever, dá tanto sofrimento, tanta inquietação...

— Para a gaveta escrevia o Pessoa...

— Não escrevia nada para a gaveta. Ele sabia que haveria de ser publicado e fartava-se de trabalhar. Só que o tempo para ele não existia.

— E para ti?

— Eu não sou nada masoquista, gosto de gozar a vida, não sou adepto de submissões, sacrificios, crucificações.

Quem derrubou Salazar foi o Cavaco

— Ainda não falámos de ti enquanto jornalista. Andas nisto há vinte anos?

— Sei lá. Eu ainda fui apresentado ao Salazar! E sabes o que ele me disse? Disse-me: "Então o senhor é o novo recruta da Informação?" Eu que detestava a tropa fiquei pior que estragado.

— Também chegaste a conhecer a sr.ª Maria...

— Conheci, pois. Um dia ela chamou-me de lado e disse-me: "A gente sabe que você é lá das

oposições, mas não estrague a sua vida que é muito novo." A sr.ª Maria e o Salazar sympathizavam comigo, souberam que os meus pais produziam vinho do Porto. — O Salazar apreciava muito, especialmente Dão tinto. E imagina tu que a minha peça estreia no dia em que faz vinte anos que o Salazar caiu da cadeira: 5 de Agosto. Soube isto porque estou a fazer uma reportagem sobre a efeméride.

— Já lá vão 20 anos! O que é que achas que mudou neste país para além do óbvio?

— Para cúmulo da ironia, vinte anos depois de Salazar, o Cavaco vem demonstrar aos salazaristas quanto eles estavam enganados. Pode-se governar Portugal com pulso e sem censura, sem PIDE, com partidos políticos, eleições livres e diálogo, embora o Cavaco não goste muito de dialogar. Quem derrubou Salazar foi o Cavaco, não foi o Cunha, aí tens.

— Mas isso não contraria um tanto o teu optimismo, a tua esperança na capacidade de Portugal se levantar?

— Não. O Cavaco é apenas uma fase. Talvez Portugal precisasse de um indivíduo como o Cavaco nesta altura, para pôr a contabilidade em ordem. E para fazer ressurgir a ideologia.

— Achas mesmo?

— Acho. Repara: o vácuo que o Cavaco introduziu vai criar saudades da ideologia. Termos como "solidariedade", "esquerda", por exemplo, voltarão em breve a ser recuperados. E ainda bem que isso acontece.

TINTALUSA

«A TINTA QUE O BOM PINTOR USA»
MELHOR QUALIDADE • MAIS BAIXO PREÇO

20 L. TINTA AREADA 3300\$00
20 L. TINTA PLÁSTICA LISA 3500\$00

MELHOR TINTA PROFISSIONAL DO MERCADO
(Aceitamos Agentes e Comissionistas)

Pedidos a:
MERCAMAQUI - MERCADO DE MÁQUINAS, LDA.
Rua Artur Lamas, 2 - 1300 LISBOA • Telefone 64 70 23

A BARRACA

Apresenta no RITZ CLUB

Rua da Glória, 57
Reservas: Telf. 32 51 40

O BAILE

a partir da ideia de J.C. Penchenat
e do filme de Ettore Scola

Horário: de terça a dom. às 21.30
Às segundas não há espectáculo

DEFENDA-SE DE LOTACÕES
ESGOTADAS. COMPRA BILHETES
COM ANTECEDÊNCIA

6º MÊS

Com: Maria de Deus Guerra, Maria João Luis, Paula
Santos, Teresa Faria, António Cardoso, Lúcia
Torres,
Leonor Azeiteiro, Margarida Barão, Maria Teresa
Faria, Cássio, José Oliveira, Mónica Rodrigues,
Paula Olin,
Guião e encenação — Hélder Costa

Só até dia 15/8/88

ESCOLA DE FORMAÇÃO TEATRAL
DO
CENTRO CULTURAL DE EVORA



APOIADO PELO FUNDO SOCIAL EUROPEU

CURSO DE FORMAÇÃO TEATRAL
GRUPO IX
INÍCIO A 26 DE SETEMBRO

DESTINADO A JOVENS DOS 18 aos 25 anos
BOLSAS DE ESTUDO PARA TODOS OS ALUNOS

INSCRIÇÕES ATÉ 5 DE SETEMBRO

fichas de inscrição e informações:

centro cultural de evora
teatro garcia de resende
pr. joaquim antonio d'aguiar
7000 evora TEL 23112 75533

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Salva a fachada do Salão Portugal

A Banda de Música da GNR deverá gastar entre 100 a 150 mil contos a recuperar o Salão Portugal, que, pelo menos até ao ano 2038, será a sua sala de ensaios e espectáculos. O protocolo em que a CML cede à GNR aquela casa de espectáculos foi assinado ontem nos Paços do Concelho e prevê que as obras custem apenas 40 mil contos, verba, no entanto, considerada insuficiente por arquitectos citados hoje pela Lusa.

Nos termos do protocolo, a GNR obriga-se a salvaguardar a traça arquitectónica da fachada e do «foyer». Obriga-se ainda, como já referimos anteontem, a colaborar com a CML em acções culturais, nomeadamente à realização de uma temporada anual de concertos e acções de aprendizagem musical para jovens.

O protocolo de cedência do Salão Portugal prevê que, após o ano de 2038, o contrato seja prorrogável sucessivamente de duas em duas décadas.

Rui Veloso agredido na Madeira

Rui Veloso foi provocado e agredido, assim como alguns elementos da sua banda, quando actuavam numa «boîte» do Funchal. O insólito acontecimento ocorreu no passado fim-de-semana, mas só hoje foi revelado, pelo semanário «O Jornal», que citando palavras do próprio cantor e compositor, adianta que a agressão se ficou a dever a um grupo de «meninos bem» da Madeira.

Segundo a mesma fonte, «A Polícia, que compareceu relutantemente, pouco fez, tendo comentado Rui Veloso: «Por incrível que pareça, um desses meninos «betinhos» puxou de uma navalha e apontou-a ao porteiro da boîte, bem na frente da Polícia. A seguir à agressão, os músicos foram perseguidos de carro até ao hotel, enquanto Rui Veloso se retirara mais cedo. Entretanto o hotel foi cercado e, no dia seguinte, Rui Veloso e os músicos da sua banda ficaram fechados. «Só saímos para tocar, sob a protecção de elementos de segurança do concerto» palavras ainda de Rui Veloso citadas na notícia de «O Jornal».

Pode ler-se ainda na edição de hoje de «O Jornal» que um episódio semelhante aconteceu recentemente no Funchal com os Xutos e Pontapés.

MARILYN MONROE



Marilyn Monroe com Montgomery Clift na estreia de «Os Inadaptados». Ela terá dito: «Ele é a única pessoa que conheço em pior estado do que eu»



A esposa de férias, a vizinha ingênua, a sugestão do adultério: uma história açucarada que não resulta 30 anos depois («O Pecado Mora Ao Lado», de Billy Wilder)



«Paragem de Autocarro» de Joshua Logan. Acabada de sair do Actor's Studio, Marilyn Monroe tenta, em 1956, lançar-se numa carreira «mais séria»

26 ANOS DEPOIS

Marina Tavares Dias

OS eleitos dos deuses costumam ser duas vezes amaldiçoados. Como se sabe, morrem jovens, o que constitui a primeira e a mais bela maldição. A segunda das maldições é menos bela e acontece só depois da morte: é o aproveitamento póstumo da obra e da biografia, que quase sempre acabam por encher os bolsos de pessoas que os eleitos teriam desprezado. Isto acontece com poetas geniais que não davam muito troco ao vulgo, como poderia não acontecer com uma atriz cujo tempo de vida foi, em vida, completamente devassado?

Cumprem-se hoje 26 anos sobre a morte de Marilyn Monroe, numa madrugada tornada estranha à força do sensacionalismo. Em 1962, na decadência dos grandes estúdios, Hollywood já tinha perdido a antiga fórmula das lendas vivas: só conseguia fazer mitos a partir das suas vítimas. Marilyn seguiu inconscientemente a fórmula, cumprindo um ritual de rodas dentadas e sonhos alheios. Hoje mesmo, centenas de rosas irão adornar o gavetão onde ficou sepultada no cemitério de Westwood. Hoje mesmo, centenas de cigarreiras, bandejas, postais ilustrados e copos de plástico com a sua imagem serão vendidos à roda do mundo.

Os dados biográficos são conhecidos de todos e ajudaram a esgotar, ao longo dos anos, dezenas de livros geralmente muito maus. Nasceu no dia 1 de Junho de 1926, em Los Angeles, e recebeu o nome condizente com essa época: Norma Jean. Era o ano da morte de Rudolfo Valentino e a mãe, Gladys Monroe Baker, baptizou a menina com a homenagem a outra «estrela»: Norma Talmage. Quando Gladys deu entrada numa clínica psiquiátrica de onde raras vezes voltaria a sair, Norma foi entregue aos cuidados de famílias adoptivas.

As versões daquilo que se

passou depois devem muito à imaginação da própria atriz e, especialmente, à imaginação daqueles que se autodenominam seus biógrafos. Provado, provado, só está o seu casamento aos 16 anos, a partida do marido Jim Dougherty para a guerra e a posterior ascensão de Norma desde empregada numa fábrica a modelo e, mais tarde, a «starlet».

Em 1948, Ben Lyon da Twentieth Century Fox rebaptiza-a de Marilyn e ela escolhe como apelido o nome de solteira da mãe: Monroe. Entra num filme de classe C chamado «Scudda-Hoo, Scudda-Hay» (que nunca passou em Portugal) mas a «sua» cena acaba por ser cortada na mesa da montagem. Não desiste, descobre outros pequenos papéis, acaba por conseguir um «leading role» num filme de que mais ninguém ouviu falar, «Ladies of the Chorus». Depois, filma com Huston e Mankiewicz e consegue um contrato prolongado na Fox.

Em 1951, fascinada pela hipótese do sucesso após muitos anos de provações (que incluíam passar fome) Marilyn Monroe aceita uma campanha à roda da imagem de que depois, até ao fim da vida, não vai poder livrar-se: o «sex-symbol» da geração. Por esse inconsequente fascínio (o mundo finalmente

aos pés e os olhos finalmente ao alto), verá a vida transformada num suceder de artigos sensacionalistas e acabará por morrer de exaustão. Por esse compreensível fascínio será explorada e difamada para além da morte num negócio que ainda rende milhões. Mas sabê-lo-ia ela, na tarde invernal de 1951, quando chegou ao estúdio para assinar um contrato que, finalmente, «lhe dava a liberdade»?

Os seus filmes, mesmo assinados por realizadores importantes como George Cukor, Billy Wilder, Henry Hathaway ou Otto Preminger, dificilmente resistem às décadas que entretanto passaram. A rábula da loura ingênua e estúpida não cativa a mentalidade dos anos 80. Hoje, quase todos os críticos são forçados a reconhecer que apenas dois realizadores, em épocas diferentes da curta vida da atriz, conseguiram compreender o drama que ela então vivia e as potencialidades que derramava: foram eles Joshua Logan em 1956 («Paragem de Autocarro») e Joan Huston em 1960 («Os Inadaptados», último filme completo de Marilyn Monroe).

Mas se a imagem repetida ao longo de 30 filmes não convence já o espectador mais jovem, qual é a razão do eterno sucesso dessa imagem que representa o destino? Aparentemente difícil, a pergunta explica-se a si mesma. Marilyn Monroe personificou a história tantas vezes repetida da «rapariga a quem nunca foi dada uma chance».

Ela é a nossa lenda do Fausto nos tempos pós-feministas: para seres alguém na vida terá de pôr a alma ao serviço da engrenagem. Marilyn Monroe não era uma pessoa muito forte. Entrevistada a propósito da deusa que idolatram, as adolescentes

americanas dos anos 80 respondem mais ou menos assim: «Temos este exemplo daquilo que o mundo pode fazer a uma rapariga com todas as qualidades (inteligência, beleza, talento, generosidade). Temos este exemplo de que basta fraquejar para que essas coisas deixem de ser uma qualidade para passarem a ser uma cruz.»

Marilyn Monroe morreu pregada nessa cruz de cintilantes luzes. Esgotada a fonte principal, o dinheiro começou a jorrar das fontes periféricas. Toda a gente que a conhecia se transformou subitamente no seu melhor amigo, todos os homens que alguma vez se fizeram fotografar a seu lado passaram a considerar-se publicamente seus

amantes. Aqueles que não o fizeram, tiveram quem o fizesse por eles. É impossível estabelecer dados concretos no caos biográfico inventado a partir de 1962. São inúmeros os biógrafos improvisados que garantem ter sido casados com ela ou ter descoberto uma nova pista para o «crime» da sua morte que «envolve» já toda a América e mais um gato (desde Sinatra aos irmãos Kennedy).

Talvez o suicídio não tenha acontecido. Talvez tudo não tenha passado de um acidente com mais uma dose de comprimidos, quando já se tem pouca vontade de continuar vivo. O importante, em todo o caso, é registar um exemplo e uma obra. Marilyn Monroe não viveu o suficiente para se transformar na «atriz séria» que desejava ser. Pouco resta de genuíno que nos possa devolver o seu talento intacto. O último papel em «Os Inadaptados» mostra-nos já a grande atriz que ela poderia ter sido. O enorme talento que ela sempre foi. Infelizmente, o filme tem um argumento mal resolvido, o que abona a favor da atriz, pelo seu enorme esforço.

Marilyn Monroe desistiu do esforço e morreu em consequência dele no dia 5 de Agosto de 1962. O facto de ainda hoje ser alvo de histórias sensacionalistas prova até que ponto eram irreparáveis os danos causados à sua personalidade. Vinte e seis anos depois, numa época apesar de tudo mais generosa para as mulheres, é tempo de a julgarmos pelo seu trabalho e pela sua notabilíssima coragem.

Para que a segunda maldição dos deuses possa ficar aquém da primeira. Que morra cedo aquele que amam (assim é...), mas talvez seja tempo de lançarem uma trovoadas sobre a tenda que os mercadores montaram em cima da sepultura.



Em 1951, o estúdio lança a imagem de «loura, estúpida» que acabará por matá-la

Modelos ao vivo, todos os dias, numa montra do Chiado

GOSTAR DE OLHAR E SER OLHADA

Luísa Alexandra Botinas

Fotos de José Tavares



Sílvia: «Gosto de olhar para as pessoas. Não me sinto um objecto»

À uma hora da tarde, de um Agosto abafado o que mais se vê no Chiado são ingleses de Nikon em riste a eternizar Pessoa e os pombos no filme das suas máquinas ou ainda, sentados nas esplanadas que os comerciantes estrategicamente espalham ao longo da rua.

No entanto, há cerca de uma semana que «camões» e lisboetas, em hora de almoço apressada, se juntam à frente de uma montra para verem desfilar «as meninas» na montra da centenária loja Ramiro Leão. Elas desfilam de vestidos de noite, fatos de banho e roupa informal, sempre sorridentes.

Cá fora os comentários e as «bocas» são férteis em imaginação.

Depois de acabada a sessão, saímos as duas e fomos beber alguma coisa que nos refrescasse as gargantas e as ideias. Ela, a Sílvia, com o mesmo sorriso da montra.

Já é modelo há 5 anos, tirou o curso e começou logo a trabalhar porque teve e alguns conhecimentos.

Quando lhe pergunto o que faz ali a desfilar numa montra diz-me, «já tinha trabalhado anteriormente para a Ramiro Leão passando as suas colecções; desta vez o dr. João Noronha teve a ideia de passar

modelos na montra e pedi-me que contactasse outros manequins e lhes transmitisse a ideia do que se queria fazer». Quanto à ideia, acha que «é giro, diferente e sinto-me perfeitamente à vontade porque gosto muito deste tipo de trabalho por ser diferente». Sílvia também participou de algum modo na criação de todo este trabalho, dele diz que é «cansativo mas compensa porque tudo é espontâneo e nem há coreografia, o que torna realmente cansativo é o calor, o nervoso e a pressa de mudar de vestidos rapidamente».

Sorve mais um golo do refresco pela palhinha sem nunca desmanchar o vermelho perfeito do seu «báton».

Apesar de gostar do que faz neste momento, Sílvia não pensa levar esta carreira até ao fim porque tem outros projectos, «gostaria de enveredar pela música, aliás tenho uns amigos com quem formo um grupo, de momento está parado e nele a minha participação é como vocalista, valorizo mais a minha voz e deixo para segundo plano o visual. Penso que as letras também são muito importantes e por isso lhes dou particular atenção». Estando parado o grupo, a Sílvia prefere esperar e enquanto isso continua o seu trabalho como manequim, embora trabalhe uma média de oito a nove horas por dia sem

nunca ter um horário certo, sempre é melhor do que «ser uma espécie de Samantha Fox» como já lhe propuseram algumas vezes.

Para Sílvia a profissão de manequim começa agora a ser encarada de maneira diferente, já não a olham como um expositor apenas, exige-se mais qualidade e competência. A

concorrência nesta profissão é muito cerrada e tem vindo a aumentar porque como ela diz agora «é moda ser-se manequim, é moda estar na moda». Os cursos de formação de manequins são muito caros e as pessoas hoje já podem exigir melhores salários. Contudo, segundo Sílvia «há quem contrate pessoas sem curso nenhum, só para pagar menos». Ela diz ser «razoavelmente» paga mas não diz quanto...

Mostra-se cansada mas o sorriso continua. Pergunto-lhe se gosta de se mostrar às pessoas, neste caso numa montra. Diz-me que lhe dá um certo gozo, por vezes sente-se inibida mas faz sempre um esforço por se mostrar bem disposta. «Gosto também de olhar as pessoas nos olhos, apercebo-me dos seus comentários e continuo a sorrir, isso ajuda-me. Gosto de olhar para elas, assim não me sinto passiva, um objecto».

O novo e o tradicional

Quem teve a ideia da passagem na montra? Teresa Noronha responde «Foi o dr. João Noronha, proprietário da loja. É uma iniciativa original que está a decorrer desde o dia 29 de Julho com bastante êxito».

Como têm sido os resultados? «Têm sido bons, as vendas aumentaram e as pessoas procuram pelos artigos que vêm dos modelos da montra, a receptividade por parte do público tem sido boa porque as pessoas param para olharem e não ficam indiferentes».

O novo e o antigo na Ramiro Leão, como é? «Apesar de ser uma loja muito antiga que eu considero uma obra de arte, leva a efeito estas iniciativas porque acha que não destoam do espírito tradicional».

PORTALEX, S.A. - CACÉM

FÁBRICA DE EXTRUSÃO DE PERFIS DE ALUMÍNIO ADMITE PARA OS SEUS SERVIÇOS DE MANUTENÇÃO:

ELECTROMECHANICO

Dá-se preferência a candidatos COM COMPROVADA EXPERIÊNCIA EM MANUTENÇÃO INDUSTRIAL.

Enviar carta com «curriculum vitae» à:

Secção de Pessoaal — Ref.ª «Electromecânico»

Pillar Português (Alumínio) PORTALEX, S.A.

S. Marcos — Apartado 23 — 2736 CACÉM CODEX

Homenagem no Brasil a Ferreira de Castro

Um busto do autor de «A Selva» seguiu de Portugal para a cidade brasileira de Humaitá onde será descerrado frente ao seringal «Paraíso» — revelou o presidente da Associação Internacional dos Amigos de Ferreira de Castro, Eurico Alves.

A prefeitura de Humaitá, localidade onde se situa o seringal, celebrou no romance, deliberou prestar múltiplas homenagens a Ferreira de Castro, a pretexto do cinquentenário da

publicação de «A Selva» — esclareceu Eurico Alves.

Numa série de manifestações calendarizadas para Novembro, o escritor emigrante vai ser proclamado cidadão honorário da cidade municipalidade do interior amazónico e o seu nome dado a uma rua, à Biblioteca Municipal e ao maior colégio estadual de Humaitá.

Na mesma altura será inaugurado, numa praça fronteiriça ao seringal «Paraíso», o busto refe-

rido.

«Trata-se dum trabalho em bronze muito bem conseguido, da autoria de mestre António Duarte, e que constitui oferta da Associação Internacional dos Amigos de Ferreira de Castro» — segundo Eurico Alves, que informou, por outro lado, que a Associação a que preside conta com 350 sócios de Portugal, Brasil, Espanha, França, Estados Unidos, Japão e Polónia.

Foi fundada pelo pintor Moacir de Andrade, professor catódrico de Belas-Artes e a sua sede é em S. João da Madeira, próximo de Ossela, onde Ferreira de Castro nasceu há 90 anos.

Atendendo a que foi na cidade do Porto que «A Selva» se publicou pela primeira vez, a Associação ofereceu recentemente à Cidade Invicta uma estátua do escritor.

H O J E P O D E V E R

ARTE JOVEM NO CASINO

Inaugura-se esta noite na Galeria de Arte do Casino Estoril a colectiva «Arte Jovem/Salão da Primavera», iniciativa que pretende pôr em destaque a criatividade dos nossos mais novos artistas plásticos. Cento e oito trabalhos de se-

tenta e quatro autores foram seleccionados por um júri constituído por António Nelson (representante da Caixa Geral de Depósitos), António Valdemar (jornalista e crítico de Arte) e ainda pelos professores da ESBAL Cristina Tavares,

António Pedro Marques e Lima de Carvalho e pelo director da galeria do Casino Estoril, Nuno Lima de Carvalho.

Este júri atribuiu a Mónica Bessa o Prémio CGD/Pintura, no valor de 300 mil escudos; ao escultor João Duarte o Prémio Especial de Aquisição e a Rui Matos o Prémio Estoril-Sol de Escultura, no valor respectivamente de 200 e 300 contos. Foram distinguidos com menção honrosa os seguintes pintores: Hugo Ferrão, Isabel de

Sousa, Miguel Levy Lima, Margarida Cepêda, Rita Pessanha, Ana Crespo, Eduardo Abrantes e Emília Morais.

Com esta colectiva, patente até dia 21 todos os dias das 15 às 24 horas, a empresa proprietária do Casino pretende descobrir e promover atitudes de renovação nas artes nacionais, acreditando «ser no natural inconformismo, da pesquisa e da inquietação juvenis que decorre a reinvenção do progresso e a própria modernidade neste sector».



«Lota 1», de Mónica Bessa, obteve o Prémio CGD

EXPOSIÇÕES

PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA (Galeria de Pintura do Rei D. Luís): até 9 de Outubro, as exposições «A Linguagem dos Nossos Ourives» e «A Linguagem dos Novos Materiais».

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 26 de Agosto, a exposição «Ao Abrigo do Sonho», instalação têxtil de Edith Ambühl. Também as exposições «Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa», «O Traje na Dança», «Traje de Ópera-Guarda-Roupa de Tomás Alcaide» e «Colchas de Ermelinda Cargaleiro».

MUSEU SOARES DOS REIS (Porto): a exposição «O Tempo e o Lugar», dedicada ao pintor da Corte de Luís XIII Philippe de Champaigne.

MUSEU TAVARES PROENÇA JUNIOR (Castelo Branco): uma colectiva de pintura com trabalhos de 19 artistas da «Imagem»-Associação de Artistas Plásticos do Concelho de Almada e ainda do artista convidado, João Sena.

MUSEU DE ETNOLOGIA: as exposições «Timor de Ruy Cinatti», «Índios da Amazônia» e «Têxteis: Tecnologia e Simbolismo».

PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA: a exposição «Tapetes Orientais» da Coleção Calouste Gulbenkian.

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA: até finais de Outubro, todos os dias excepto quartas e feriados, a exposição «Estudos e Recuperação dos Jardins Históricos».

MUSEU DE PENICHE: até 15 de Agosto, pintura e desenho de Margarida Ghira.

PALÁCIO FOZ: exposição de fotografias «Porto Típico - Sítios Desconhecidos», da autoria do fotógrafo português residente em França José Lopes.

AMADORA (Parque

Central): até 30 de Setembro, a I Mostra de Escultura ao Ar Livre organizada pela Câmara Municipal com o apoio do Grupo ARTEVER - Associação de Artistas Plásticos da Amadora.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: até 21 de Agosto, diariamente das 15 às 24, a colectiva «Arte Jovem/Salão Primavera».

FORUM PICOAS (Galeria de Arte dos CTT): até 26 de Agosto, nos dias úteis das 11 às 13,30 e das 12,30 às 19, Pintura de Lino António.

VILAMOURA MARINOTEL: até 5 de Setembro, Cerâmicas de Antão.

GALERIA OGIVA (Óbidos): até 28 de Agosto, exposição dos pintores cerâmicos.

MUSEU DE GRÃO VASCO (Viseu): até 21 de Agosto, a exposição de Fotografia intitulada «Itinerários da Arrábida» e ainda uma exposição didáctica (com oficina) de Celso Pereira.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 3 de Setembro, a colectiva de Pintura «Lisboa e o Tejo» com obras de Silva Palmeira, Francisco Gaia, Aleksandr Mihaltchuk, Gomes Candeias, Oliveira Tavares, Corceiro e Alfredo Luz.

GALERIA CAPITEL (Leiria): até 12 de Setembro, uma grande exposição composta por óleos, aguarelas, guaches, desenhos, pastel, cerâmica, vidros, colagens, serigrafias e esculturas, da autoria de 66 artistas.

COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): até 31 de Agosto, a VIII Exposição Colectiva dos sócios da Árvore.

CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA: até 8 de Agosto, uma exposição de escultura do brasileiro João Batista de Queiroz.

LOULÉ (Galeria do Convento Espírito Santo): até 30 de Setembro, uma exposição antológica de Pintura e Desenho de Manuel Baptista.

GALERIA JF DE CASCAIS: até 16 de Agosto, pintura e escultura de Michael Barrett.

RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão): até 18 de Agosto, diariamente das 12 às 24, uma exposição de Pintura de José Reis.

GALERIA ANTÓNIO CLARA (Av. da República, 38): até 12 de Outubro, todos os dias das 15 às 23, desenho e esculturas de Luís Dourdil, Dorita Castel-Branco, Manuela Pinheiro, Rogério Ribiro e Martins Correia.

GULBENKIAN (zona dos congressos): uma exposição com 200 cartazes do Teatro Polaco do século XX.

GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12-A): até 19 de Agosto, de segunda a sábado das 9,30 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, uma exposição colectiva de Fotografia a cores de Carlos Dias da Silva, Fernanda Gonçalves e João Luís Dória.

MUSEU DE ALCobaça (ala sul): «Lenços & Colchas de Chita de Alcobaça».

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ALMADA: até 15 de Setembro, das 10 às 18, Cerâmica de Raquel Zagallo e Bernardette de Freitas.

MÓDULO (Av. da Boavista, 854-Porto): até 30 de Setembro, uma colectiva de pintura e escultura com obras de 14 artistas da galeria, com o título «1.14. VR88» Encerrada para férias entre 14 de Agosto a 18 de Setembro.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 28 de Agosto, Gravura de Ilda Reis.

FERRAGUDO (Casa Nova): até 5 de Agosto, exposição de fotografia de Aníbal Sequeira, promovida pela Associação Cultural e Desportiva de Ferragudo.

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO (sala de exposições): até 30 de Outubro, At. Re./1988 - Experiências Plásticas.

CASINHO DA PÓVOA DE VARZIM (Galeria de Arte da Póvoa de Varzim): a Galeria

Nasoni do Porto apresenta Pintura de Noronha da Costa e Pedro Tudela.

LIVRARIA DU BOCAGE (Setúbal): Trilogias Fotográficas de Pedro Pereira.

CASA DAS ARTES DE TAVIRA: até 5 de Agosto, um exposição de Ourivesaria.

GALERIA D'ARTE DE VILAMOURA: escultura de Olivier Brice.

SESIMBRA (espaço cultural de Santiago): até 14 de Agosto, pintura e esmaltes de Luís Ralha.

GALERIA INTERNACIONAL DE ARTE (Quinta do Lago-Almancil): até 25 de Agosto, para inauguração da galeria, aguarelas e óleos de John O'Connor.

O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. dr. Alfredo Costa-Sintra): até 10 de Agosto, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 20, «Linhas Lunares»-Desenho de João Dionísio.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril) a Junta de Turismo apresenta uma colectiva de Escultura & Tapeçaria. Dias úteis das 9 às 20, domingos e feriados das 10 às 18.

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição de Sam, «Úterus Communis».

GALERIA DE ARTE ARCADEA (Estoril): exposição de Cerâmica com obras de Jorge Mealha e Janet Brown, de quarta a segunda-feira das 11 às 13 e das 14 às 20.

GALERIA ZEN (R. D. Manuel II, 246-Porto): até 19 de Agosto, pintura de Manuel Baptista, de segunda a sexta das 15 às 20.

GALERIA ALGARVE (Páteo da Aldeia, Arcias de S. João-Albufeira): para inauguração deste novo espaço cultural, uma exposição de aguarelas de Júlio Resende.

CENTRO CULTURAL SÃO LOURENÇO (Almancil): até 9 de Setembro, pintura de António Pimentel.

GALERIA ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Caparica): até 19 de Agosto,

pintura de Pedro Olayo (filho). Todos os dias das 15 às 23. Patente também a exposição permanente da galeria.

GALERIA ATELIER E. C. (Várzea de Colares): até 7 de Agosto, pintura de Manuel da Silva, às quartas das 16 às 19, sextas, sábados, domingos e feriados das 12 às 20 horas.

GALERIA SPATIUM (Tavira): até 16 de Agosto, pintura de Joaquim Bravo.

MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): até 20 de Agosto, uma grande exposição de Eurico Gonçalves, um dos mais importantes nomes do movimento surrealista na pintura portuguesa.

Até 28 de Agosto, uma exposição sobre «Laureano Rocha - 50 anos ao serviço do Turismo e da Cultura setubalenses».

GALERIA ARTEX (R. Nova do Almada, 87): até 10 de Setembro, uma colectiva de Pintura com a participação de Alfredo Luz, Ildia Soares Lopes, Lívio Morais, Mário Silva, Paulo Afonso, Paulo Ossião e Silva Palmeira.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): até 6 de Agosto a exposição «Tauromaquias» - desenhos de José Noel Perdigão. Patente de segunda a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19.

PALÁCIO DOS ANJOS (Algés): a Câmara Municipal de Oeiras expõe até 8 de Agosto, entre as 14 e as 20 horas, o seu património artístico, no total de 35 obras.

MUSEU DE JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): a exposição «A Arte da Miniatura em Barro - Escultores e Barristas» integrada na Feira Nacional da Cerâmica/88. Paralelamente, a exposição «Gravuras da Coleção Calouste Gulbenkian».

CONVENTO DOS CAPUCHOS (Costa de Caparica): desenhos e esculturas de José de Guimarães, «O Gesto em Cor».

LIBERSIL (Centro Comercial-Av. da Liberdade). O Centro Português de

Serigrafia inaugura neste espaço as suas instalações com: o lançamento da serigrafia do pintor João Bento d'Almeida e o lançamento do 1º número do Boletim Oficial do CPS.

GALERIA MUNICIPAL (Vila Franca de Xira): até 21 de Agosto, para inauguração desta galeria, uma exposição de arte contemporânea portuguesa.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARTE FOTOGRÁFICA (R. das Chagas, 17): até 13 de Agosto, fotografias de António Melão. Às terças e sextas das 18,30 às 22,30.

GALERIA DE SANT'AGO (Almada, Centro M. Bica-loja 63): a exposição de desenhos, guaches e gravuras de Arpad Szenes e Vieira da Silva.

GALERIA NASONI (Porto): ceâmica de Maria João Oliveira, na Sala Atlântica, fotografia de Graça Sarfield.

TEATRO DO BAIRRO ALTO (R. Ten. Raul Cascais, 1 A): uma exposição documental sobre a vida e obra de escritor Luiz Pacheco, patente de terça a sábado das 18,30 às 20,30.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): uma exposição de pintura e relevos de temática africana da autoria de Filomena Coquenão Samina Ferreira.

HOTEL ALVOR PRAIA: até 13 de Setembro, pintura de Stella de Brito.

GALERIA DE CONSTÂNCIA: até 30 de Setembro, a «Exposição Verão-88». Patente ao público de quarta a domingo das 14 às 20.

GALERIA GP (R. Castilho, 50): tapeçarias de Pedro Frederico-Brasil.

GALERIAS CETÁRIA (Setúbal: até 5 de Agosto, uma colectiva de pintura sobre Paisagem, na Galeria Tita na Rua Tenente Carlos Alves, 2-Setúbal).

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição organizada pelo Instituto Português do Património Cultural «O Arquivo da Casa



MÉDICO
DE
URGÊNCIA
76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— ALTO DO PINA: Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO: Dilema, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); ALVALADE: Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); BAIRRO ALTO: Labor, R. Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); BENEFICA - IGREJA - CE-MITERIO: Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); CAMPOLIDE: Imparcial, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); CHELAS: Banha, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); ESTEFANIA: Universal, R. Ato Taborda, 5-7 (T. 544158); LUMIAR: São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); MARQUES DE POMBAL: Ribeiro & Castro, R. Braamcamp, 52-C (T. 543409); MARTIM MONIZ: Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350); OLIVAIS SUL: Higien, R. Cidade de Vila Caral, lote 43 (T. 310026); CARNAXIDE: Central de Carnaxide, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); ODIVELAS: Nabais Vicente, R. A. lote 19-A, loja E, Urbanização Codineal (T. 9816803); PONDIVEL: Pimentel, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AREIRO - APEADEIRO: Chê, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); CAMPO DE OURIQUE: Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA: Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); CARNIDE: Guimarães Morais, R. Neves Costa, 33-35 (T. 7140081); ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); IGREJA DE ARROIOS - CHILE: Oriental de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079); PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); SAO SEBASTIAO: Sá da Bandeira, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); SAPADORES: Branquinho, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); SE: Santa Luzia, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); TIVOLI-RESTAURADORES: Galénica, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); BURACA - AMADORA: Gaspar Pote, R. das Gaias, lote 16, Bairro Zambujal (T. 902221); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMA-DA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; MONTE DE CAPARICA: Guerreiro, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; SE-SIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; LAVRADIO: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; BARREIRO: Picarra, Av. do Bocado, 65-A (T. 2074771). Permanente; BALXA DA BANHEIRA: Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; CORROIOS: Abreu Cardoso, Alfarrim (T. 2232841). Até às 19 horas; AMORA: Nobre

Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Permanente; ARRENTELA: Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; MONTIJO: Higien, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; MOITA: Parque. Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; SETUBAL: Mira, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; Oliveira, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; Portugal, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGES: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; LINDA-A-VELHA: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Permanente; TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCABIDECHÊ: Carvalhal, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; OERAS: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; CARCAVELOS: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; SAO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Aisir, Av. Gago Coutinho (T. 2472948). Permanente; SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; ESTORIL: Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; CASCAIS: Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Até às 22 horas; DAMAIA: Damia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; QUELUZ: Serra e Pinto, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Permanente; Albergaria, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; CA-TUJAL: Flores, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor (T. 2510850). Até às 19 horas; CACÉM: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; ALGUEIRO: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchosa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; COLARES: Abreja (T. 9290088); SAO PEDRO DE SINTRA: Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; SCAVEM: Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

Amanhã já não haverá música no rio

SALSA E LUA CHEIA NO TEJO

Lourdes Faria

«Navegar é preciso...» diz o poeta, referindo-se mais a viagens interiores. A rotas e mapas imaginários. Pois, muito prosaicamente, numa tomada de advertência à letra, vamos a isso. Nem que seja ir só a Alcobate. Ou seguir o rumo contrário: ir até ao farol do Bugio. A proposta continha algo de aliciante, mas parece ter falhado. Porque? Onde está a nossa tão apregoada vocação marítima?

Hábitos, sedentários, entretanto adquiridos, refrearam os ímpetos aventureiros ou talvez tenha havido uma conjuntura desfavorável à continuidade do empreendimento.

Lamentavelmente, a carência de apoios, aliada a algumas debilidades de ordem promocional, contribuíram para que a Salsateca, o barco da «loucura», se «afundasse». Alugar um cacilheiro, dos grandes, a 35 contos à hora, para transportar meia centena de pessoas, de modo nenhum compensaria as despesas. Em princípio, tais incursões *on the river*, com música ao vivo e outras mais iniciativas animadoras, deveriam realizar-se, todos os sábados, durante os meses quentes do Verão.

Ideia, sem dúvida, excelente e também chamativa em termos turísticos. Ora, a Salsateca flutuante acabou no derradeiro sábado de Julho. O divertido passeio de quatro horas, até ao ponto em que o Tejo perde a sua identidade e se confunde com o

oceano, permitiu-nos, aos atentos, um saboroso reconhecimento das margens. Vista dali, daquela estrada de água, Lisboa é infiel à sua própria imagem do caos urbano, de cidade agredida e cheia de maleitas.

A distância, namorada de longe, cobre-se de umas máscaras de sedução. Dando-nos a ilusão de ser outra, surge-nos agora grandiosa e altiva. Cada monumento, cada edifício por mais banal que seja, sob um efeito de óptica, ganha aspecto de belíssima serenidade.

Banhados pela luz filtrada, a escoar-se com o sobrevir do entardecer, apresentam uma dignidade que não se suspeitava poderem possuir. É possível apreciar os detalhes estilísticos e até mesmo tolerar aquela coisa feita em louvor dos Descobrimentos que consiste numa homenagem ao Infante D. Henrique. O chefe e o seu séquito de navegadores encavalitados na base de um fático bloco de granito. «Lembra um elefante a entrar no mar...», comentava-se no barco.

Salsa do princípio ao fim da viagem. A banda «Jassabad», constituída por rapazes da Guiné, cujo «manager» é o irriqueito Hernani, um dos inventores da Salsateca flutuante, põe quase todos a dançar. «Vejam lá se aprendem, os brancos não sabem mexer o corpo...» É verdade. Morenos, de transparente latimidade no rosto, e loiríssimos nórdicos bem se esfor-



çavam por acompanhar o ritmo trepidante, esboçando malabarismos da cintura para baixo. O corpo, o último mito dos anos oitenta elevado ao império dos signos.

Esgotado o «stock» do bar, líquido e sólido, os passageiros entregaram-se furiosamente ao prazer da música, indiferentes à brisa cortante que soprava ao largo. Frio que o baterista e o saxofonista do grupo africano conseguiram neutralizar. Evidentemente que a sua intervenção produziu uma subida de temperatura. Inventaram-se castigos para quem se impunha passatempos aos que nesses jogos inocentes participaram. Coragem contemplada com bronzeadores, água de colónia e livros da editora Assírio & Alvim.

O pôr do sol, bola de fogo inscrita no horizonte, sugeria-nos paisagens já divulgadas em postais ilustrados. Contudo, não obstante a convenção, desprendia-se da atmosfera uma enorme vitalidade mediterrânica. Ainda, no capítulo do artificial, uma rapariga exibiu um *look*, perfeitamente assumido, dos finais da década de cinquenta.

Desde os sapatos do penteado, onde, o cúmulo do Kitch, sobressaíam flores de plástico. De resto, a sua originalidade, também teve direito a prémio.

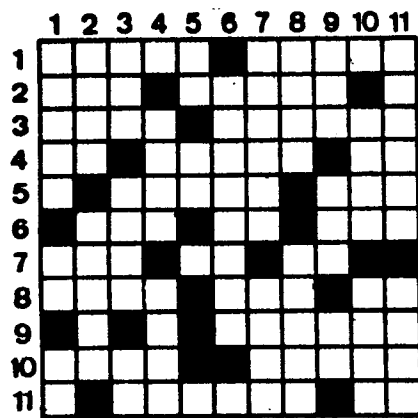
Tudo bem, quanto mais simulacro melhor. Cerca das 23 horas, regressámos ao local de partida. Ao cais do Terreiro do Paço, com uma lua cheia prometedor de grandes desastinos.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17409

HORIZONTAIS:

- 1 Pessoa bondosa. Cabelos.
- 2 Escudeiro. Cidade do Egipto.
- 3 Grandes. Nome de fruto.
- 4 Preposição e artigo. Vou em socorro de alguém. Viração
- 5 Corda de esparto. Entre os filipinos, a divindade.
- 6 Utensílio doméstico (pl). Carta de jogar. Ruído.
- 7 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Preposição. Aqui.
- 8 Transpirar. Peso turco, cerca de um quilo. Bromo (s.q).
- 9 Dançou o samba.
- 10 Ruínas. Julho.
- 11 Que tem ramos. Abreviatura de Santíssimo.



VERTICAIS:

- 1 Retribuem. Artigo definido. Mulo.
- 2 Metal precioso de cor amarela. Meia curta para homem.
- 3 Macere. Morada. Pátria de Abraão.
- 4 Sadios. Nome de flor.
- 5 Anties de Cristo. Crómio (s.q).
- 6 Toleramos.
- 7 Chalaças (fig). Grande desordem.
- 8 Solidão. Sepultura.
- 9 Apologia. Membrado de ave. Bismuto (s.q).
- 10 Cauda. Bondosos.
- 11 Fecharam as asas para descer mais depressa. Artérias.

RESOLVEU...

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17408

HORIZONTAIS:

- 1 BOM. Cravara.
- 2 Adoar. Missa.
- 3 LIVRO. Or
- 4 Saio. Trapos.
- 5 Aramar. Dar.
- 6 Árido. Al.
- 7 Abortar. Avô.
- 8 Mor. Na. Mai.
- 9 Ameaças.
- 10 Mói. Egas.
- 11 As. Socados.

VERTICAIS:

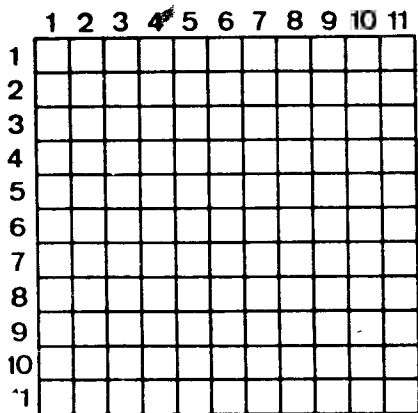
- 1 Balsa. Amada.
- 2 Odiar. BOM.
- 3 Movia. Orem.
- 4 Aromar. Aos.
- 5 Cró. Art. Rio.
- 6 Triana.
- 7 Amor. DR.
- 8 Virado. Eas.
- 9 As. Pá. AMIGO.
- 10 Rs. Orava. AS.
- 11 Aa. Saloias.

PROVERBIO: Bom livro, bom amigo.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 230

HORIZONTAIS:

- 1 Dá mensagens a. Anui.
- 2 Ave africana. Pescador na ex-Índia Portuguesa (ant).
- 3 Atasca. Medida itinerária do Japão. Milímetro.
- 4 Cidade do Japão. Cabelos brancos.
- 5 Pautados (papéis).
- 6 Cidade da Alemanha. Pátria de Abraão. Doutor.
- 7 Bário (s.q). Tempo do verbo ir. Boi selvagem (inv).
- 8 Nome de homem. Ouro (s.q). O mais.
- 9 Mãe de Rómulo e Remo. Prudente.
- 10 Tornavas a virar.
- 11 Messes. Letra grega.



VERTICAIS:

- 1 Tomaras amante.
- 2 Freguesia do concelho de Castelo Branco. Oportunidade.
- 3 Acode. Falha.
- 4 Pegai. Género de palmeiras do Brasil. Érbio (s.q).
- 5 Acoitava.
- 6 O mesmo que ocre (mineral). Reles.
- 7 Rio da Suíça. Ir para fora.
- 8 Duzentos e um em romano. Duas consoantes iguais. Empregar.
- 9 Európio (s.q). Enrubescer. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- 10 Nome de jogo. Porto abrigado por terras mais ou menos altas.
- 11 Manuscrito. Glutão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16.229

HORIZONTAIS:

- 1 Vitemberg.
- 2 Arar. Omar.
- 3 Aro. Malaio.
- 4 Ada. NS.
- 5 Nativos. De.
- 6 Alisaras.
- 7 Nas. SS. Am.
- 8 Ir. Atascara.
- 9 Marca. Ias.
- 10 Os. Eros. Cem.
- 11 Amaro. Oso.

VERTICAIS:

- 1 VA. Anónimos.
- 2 Irada. Aras.
- 3 Taratas.
- 4 Ero. Li. Acém.
- 5 Avistara.
- 6 Bom. Ossa. Or.
- 7 Ema. Sã. Siso.
- 8 Rala. Raça.
- 9 Grã. Damasco.
- 10 Inês. És.
- 11 Sãos. Carmo.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal e sete mares; 19.30: Musical; 20.00: A Europa dos doze; 20.30: Musical; 21.00: Portugal e a ajuda financeira da RFA; 21.20: Música portuguesa; 21.30: Livre e directo. Notícias de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Dicionário sonoro do teatro; 17.40: Música de bailado; 18.40: Suites orquestrais; 19.00: Integrais; 19.26: Música contemporânea; 20.40: Destaque para a guitarra; 21.00: Canto primeiro; 21.25: Poemas sinfónicos; 22.00: Parte de um recital de canto e piano por Helena Afonso (soprano) e Nuno Vieira de Almeida; 22.21: Solos de órgão, de Bach; 22.33: Grande serão romântico; 02.00: Jazz na madrugada em disco compacto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; 17.00: Média alta; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Espaço Lubritex; 20.00: Espaço Inforgal; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: A volta da meia-noite; 02.00: Noites de festa. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional

de OM e FM
15.00: Banda da amizade; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional

de FM Estéreo
10.00: Cem mais; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Alentejo em notícia; 19.20: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Triângulo; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço.

Voz do Minho

16.00: Linha do Minho; 18.00: Bola branca; 19.00: Jornal da região; 19.30: Largo do Coreto.

RTP

- 16.05 - Brinca Brincando
- 17.00 - Ponto por Ponto
- 18.00 - Estúdio 4
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Bolsa Dia a Dia
- 20.07 - O Tempo
- 20.10 - Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
- 20.15 - Anos Dourados
- 21.10 - Escolher Saúde

A hipertensão — A saúde é demasiado importante para estar só na mão dos médicos. Cada qual tem de saber tomar conta da sua. Sendo o acidente vascular cerebral (a terrível «congestão») a mais importante causa de morte e sofrimento em Portugal, ensina-se neste programa, uma vez mais, a evitar a hipertensão.

21.30 - Os Homens da Segurança

O hotel organiza uma exposição de arqueologia, onde estaria exposta uma peça rara, de valor incalculável. Carlos Jorge, que foi arqueólogo na sua juventude, apercebe-se de que a verdadeira peça foi trocada por uma falsa. Descobre-se que o roubo foi feito por um convidado especial.

22.25 - Moçambique - Roda Viva

22.50 - Tribunal de Polícia

O juiz Harry Stone é confrontado com o caso de um veterano de guerra, declarado legalmente morto no Vietname, mas que regressa a casa e encontra a mulher casada com outro homem.



A série sobre Molière prossegue, no Canal Dois, às 21.15 de sábado



Sábado, às 21.25, "Alf, uma coisa do outro mundo" estará no Canal Um

23.15 - 24 Horas

23.50 - Remate

(Inclui a Volta a Portugal em Bicicleta)

00.10 - Pela Noite Dentro

«Dinheiro Fácil»



16.25 - Trinta Minutos Com...

Francisco M. Silva

16.55 - Helena

17.25 - Gente de Fora

17.55 - Futebol

Benfica-Sampdoria (Torneio de Amsterdão)

19.55 - Clássicos da TV

«O Fugitivo» — Kimble envolve-se, emocionalmente, com uma mulher que possui nítidas semelhanças físicas com a sua malograda esposa.

20.50 - Cem Grandes Quadros

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Montra de Livros

21.35 - Clube de Jornalistas

22.10 - A História

23.05 - Entre Barreiras

23.35 - Troféu

RTP-1

- 10.00 - Abertura
- 10.02 - Juventude e Família
- 12.05 - Operação Open
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Os Físicos
- 14.00 - Parlamento
- 14.30 - Gala da Cruz Vermelha
- 16.00 - Sessão da Tarde
- 17.40 - Alô, Alô!
- 18.10 - Vivamúsica
- 19.10 - Sete Folhas
- 19.45 - Totoloto
- 20.00 - Jornal de Sábado
- 21.15 - O Tempo
- 21.25 - Alf, Uma Coisa do Outro Mundo
- 21.55 - Clubíssimo
- 23.05 - Cinema da Meia-Noite

RTP-2

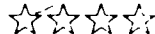
- 10.00 - Abertura
- 10.01 - Compacto Totally Live
- 13.05 - Compacto Selva de Pedra
- 16.00 - Troféu
- 20.00 - Music Box
- 20.50 - Uma Boa Ideia
- 21.15 - Molière - Comédia e Drama
- 22.15 - Concorde ou Talvez Não
- 23.45 - Música n'América

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.



ESPECIAL FÉRIAS/88 no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um programa especial "Férias 88" oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço

OUTUBRO NOVEMBRO E DEZEMBRO

Programa 1: 11 700\$00 - 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.

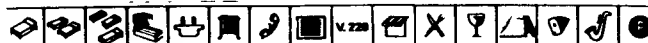
Programa 2: 14 700\$00 - 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia. AGOSTO, SETEMBRO

13 500\$00 - Programa 1 16 800\$00 - Programa 2

* Peq. Suplemento p/ocupação single.

* 1 a 31 de Agosto supl: 1 000\$00/dia/quarto em qualquer modalidade.

Peça-nos programa detalhado "ESPECIAL FÉRIAS 88", por escrito para CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HOPARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



GRUNDIG

a segurança de um grande nome

seleccionou para si...



Os Homens da Segurança



Futebol

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871





ÚLTIMA HORA

Uma «grande muralha de aço» integrando centenas de sofisticados mísseis protege as águas territoriais da China, escreve hoje o «Diário do Povo», órgão oficial do PC chinês. «Todos os navios de guerra, bombardeiros e submarinos que patrulham as zonas estratégicas das águas territoriais chinesas estão equipados com mísseis», acrescenta o jornal. Meios diplomáticos em Pequim consideram que o artigo hoje publicado no «Diário do Povo» constitui um aviso velado ao Vietname, precisamente dois dias após o anúncio de manobras militares chinesas no mar do Sul, onde se situam as ilhas Spratly, cuja soberania está na base de um diferendo que opõe Pequim a Hanoi.

Alcácer Quibir: 410 anos depois...

O ministro marroquino dos Assuntos Culturais, Mohammed Ben-naissa, pediu cooperação portuguesa para o projecto de construção de um memorial assinalando a batalha de Alcácer Quibir.

Aquele ministro assistia, na companhia do ministro de Estado, Moulay Ahmed Al Aoui, às cerimónias comemorativas do 410.º aniversário da batalha de Oued El Makhazine (ou dos três reis), como é conhecida em Marrocos a batalha onde desapareceu o rei D. Sebastião de Portugal.

Marrocos vai erguer no local da batalha, nas margens do rio Makhazine e próximo da cidade de Alcácer Quibir, um monumento para assinalar a batalha que, para os marroquinos, foi decisiva para a sua independência e soberania.

A batalha teve lugar em 4 de Agosto de 1578 entre o sultão Moulay Abdel Malek, o seu sobrinho Moulay Mohammed e o rei D. Sebastião de Portugal.

Os ministros marroquinos realçaram a importância política da vitória de Moulay Abdel Malek no futuro de Marrocos e visitaram o local onde decorreu a batalha.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 100 000 CONTOS

39 488

2.º PRÉMIO — 20 000 CONTOS

66 739

3.º PRÉMIO — 5 000 CONTOS

22 686

A «Sorte Grande» e o 3.º Prémio foram ambos vendidos aos balcões da Casa da Sorte

Na 6.ª feira, dia 12, 1.ª Lotaria Especial de Agosto
60 000 CONTOS

Bilhetes a 6 000\$00 e décimos a 600\$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - VISEU - COIMBRA - SETÚBAL - FARO



ENTRADAS DE LOTARIA SAI SEMPRE. EXPERIMENTE!

CASA VIOLA — «A SORTE QUE TOCA»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL

D/E/C/A/R/A/S/



BROCHADOR MIRANDA, general e chefe do Estado General da Força Aérea, foi condecorado pelo Governo brasileiro com a Ordem do Mérito Aeronáutico. O oficial da Força Aérea Portuguesa, que antes do fim do ano abandonará as suas funções por atingir o limite de idade, receberá a distinção hoje, em Lisboa, das mãos de embaixador do Brasil, Alberto Costa e Silva, em nome do Presidente José Sarney. O grau de Grande Oficial da Ordem do Mérito Aeronáutico foi justificada pelos «relevantes serviços prestados à Força Aérea do Brasil».

BLANQUI TEIXEIRA, dirigente do PCP, iniciou ontem uma deslocação de seis dias aos Açores numa acção que se destina a preparar naquela região o XII Congresso Nacional do seu partido, marcado para Dezembro, no Porto. Para tanto visitará sucessivamente as ilhas do Faial, Pico, Terceira e S. Miguel. A concluir, no dia 10, em Ponta Delgada, uma reunião com o secretariado regional do PCP.

VALENTIM DOS SANTOS



DINIS estará a tratar ou já tratou mesmo da sua saída do grupo «Pão de Açúcar», segundo o colunista Zózimo Barroso do Amaral, do «Jornal do Brasil». O cronista garante que Alcides, o segundo filho do comendador, decidiu trabalhar por conta própria e montou um escritório num dos mais luxuosos bairros de S. Paulo, onde se situa a sede do grupo «Pão de Açúcar». Quanto ao pai, «deve sair do grupo com uma fatia não inferior a 60 milhões de dólares», tanto quanto garante o colunista. Mas, acrescenta, que essa fatia «certamente será maior».

MORADAS FERREIRA, dirigente da Associação dos Médicos Portugueses para a Prevenção da Guerra Nuclear, é um dos subscritores de um comunicado sobre o 25.º aniversário da assinatura do tratado de limitação das explosões nucleares experimentais, a ser distribuído hoje, às 17 horas, na Rua Augusta, junto ao Rossio. Trata-se de uma iniciativa integrada no conjunto de acções propostas pela IPPNW (International Physicians for the Prevention of Nuclear War), de



Boston, a serem realizadas pelas 73 associações médicas nacionais nela filiadas.

CARLO DE BENEDETTI, presidente da Olivetti e dono do terceiro maior grupo privado italiano, escolheu Portugal para passar férias. O empresário, que esteve em Portugal em Maio, durante dois dias a convite do Governo português, chegará hoje a Lisboa para repartir os seus trinta dias de descanso (só?) entre a Costa do Estoril e o Algarve. Na sua primeira viagem, Benedetti promete voltar ao nosso país para concertizar negócios.

LUÍS ALBUQUERQUE defende, em entrevista concedida à revista «Omnia» hoje publicada, que o conceito generalizado da existência de um modelo de caravela portuguesa único e imutável não corresponde à realidade. «Não houve uma caravela, antes várias e sucessivamente aperfeiçoadas», afirma, reforçando com uma referência ao frade dominicano Fernando Oliveira, segundo o qual a caravela é «o navio mais emendado que em nossos tempos houve».

Casos de Sida duplicam em Portugal

A tendência para a duplicação anual do número de casos de sida mantém-se tendo sido assinalados em Portugal até ao momento 139, segundo o relatório do Grupo de Trabalho sobre a Sida do Instituto Nacional de Saúde Pública sobre o segundo trimestre de 1988. Entre Março e Julho deste ano foram comunicados 20 casos de suspeita, dos quais 16 viriam a ser confirmados.

Dentre os 139 casos figura um homem de 19 anos, mas a maioria concentra-se na faixa etária entre os 30 e os 49. Os homens são sete vezes mais do que as mulheres: 122 casos contra 17.

Nos grupos de risco, os homossexuais figuram à cabeça com 64 casos, seguindo-se-lhes os heterossexuais com 55, os toxicodependentes com 11 e os quatro.

O aumento do número de casos de sida foi apenas de 13 por cento no segundo trimestre, enquanto no primeiro fora de 36 por cento, apesar dos novos critérios, mais rigorosos, adaptados para a Europa pela Organização Mundial de Saúde, em Janeiro deste ano.

A passagem dos 69 casos em Junho do ano passado para 139, representa um acréscimo ligeiramente superior a 100 por cento, embora fique ainda abaixo da média europeia decrescimento anual, que é de 115 por cento. Os países europeus onde o sida está a aumentar mais rapidamente são a França, com 43 novos casos por semana, a Espanha, com 26 e a Itália, com 25.

Trabalho de casa

O maravilhoso

Ernesto Sampaio

N A sua unidade viva, o homem devia ser uma forma sensível, com as delicadas terminações nervosas do tacto, do olhar, do gosto, do odor, do ouvido, constituindo a origem da percepção e o ponto de partida da inteligência.

Contudo, para si mesmo, o homem é uma fronteira entre dois mundos: o do interior, do eu indivisível, da vida real, vedado ao conhecimento directo; e o do exterior, do universo limitado, indefinidamente multiplicado e dividido.

Os ritmos de ambos os mundos mantêm um estreito e misterioso acordo e é esse acordo que sustenta a vida: o coração contrai-se e distende-se como uma medusa regular; as asas da respiração arejam lentamente as combustões celulares; os ciclos do sono, da vigília, das rotações lunares que invertem as correntes das marés hormonais. Finalmente, os ciclos mais longos ainda, enleados e cruzados na sua multiplicidade, que regulam os tempos da actividade e da hibernação e engendram as fases das transformações tumultuosas, das catástrofes interiores, das metamorfoses através das quais a continuidade do ser apresenta as suas faces renovadas.

O eu é um alambique onde o

ar, a água, o alimento estranho se faz carne, matéria semelhante à de todos os seres vivos e ao mesmo tempo tão pessoal que reflecte uma fórmula particular, uma equação única. É deste forno alquímico que saem os impulsos violentos, como um fogo-de-artifício, do desejo, das necessidades, dos apetites, e também as rejeições, os ascos, os desgostos.

Para além da fronteira, o universo, o domínio do Outro, as variadas formas de homens e mulheres, os animais e o seu insólito destino, as plantas, incompreensíveis exercícios de uma geometria viva, e também os cristais, os raios de luz, os ventos furiosos, o sol indiferente, que do seu afastamento regula e ordena tudo.

É um mundo de formas infinitas, e cada uma delas, por mais humilde, constitui uma interrogação comovente; a realidade, em suma, incessantemente renovada, como um mistério re-vivo.

O homem é um momento no tempo, e a sua vida uma trajetória luminosa entre duas grandes praias escuras: o passado e o futuro; chispa viva semelhante ao fósforo que se acende na escuridão opaca.

Sem o amor, os seus semelhantes não passariam, para o homem, de mera abstracção,

embora seja a paixão o que mais o afasta da sociedade. Perante ela, o ser humano perde bruscamente o seu valor único, transformando-se num ínfimo fragmento, numa fracção de denominador ilimitado, na célula de um vasto corpo que possui forças imensas e um destino próprio.

A humanidade produziu a linguagem, pela qual o pensamento se constrói e comunica. Palavras, instrumentos de conquista, cristalização de memória, resumo de experiências, grãos de imagens onde o homem se conhece e identifica — sem vós, não haveria maravilhoso. A sociedade, que fez de nós o que somos, cristalizou a nossa volta uma espessa carapaça: inteligência, leis, organizações, preconceitos, costumes, ideias feitas, manuais, hierarquias, hábitos estéticos, espécie de crosta de cultura, estratificada, que tende a separar cada vez mais gravemente o fogo interior do nosso ser do universo que o rodeia. O homem gosta destas vestes confortáveis, entendedor e avalia-lhes a importância, mas sabe também em que medida essa roupagem constitui um obstáculo ao seu desejo, até que ponto ela representa a esclerose e a morte.

O maravilhoso exprime a necessidade de ultrapassar os limi-

tes impostos pela nossa estrutura, de atingir uma beleza mais alta, um poder mais forte, um prazer mais intenso. O espaço e o tempo são uma prisão; o maravilhoso quer derrubar os muros desse cárcere, é a liberdade lutando contra tudo o que a reduz, destrói e mutila — tensão passional e poética que não cabe nos limites do trabalho regular e maquinal.

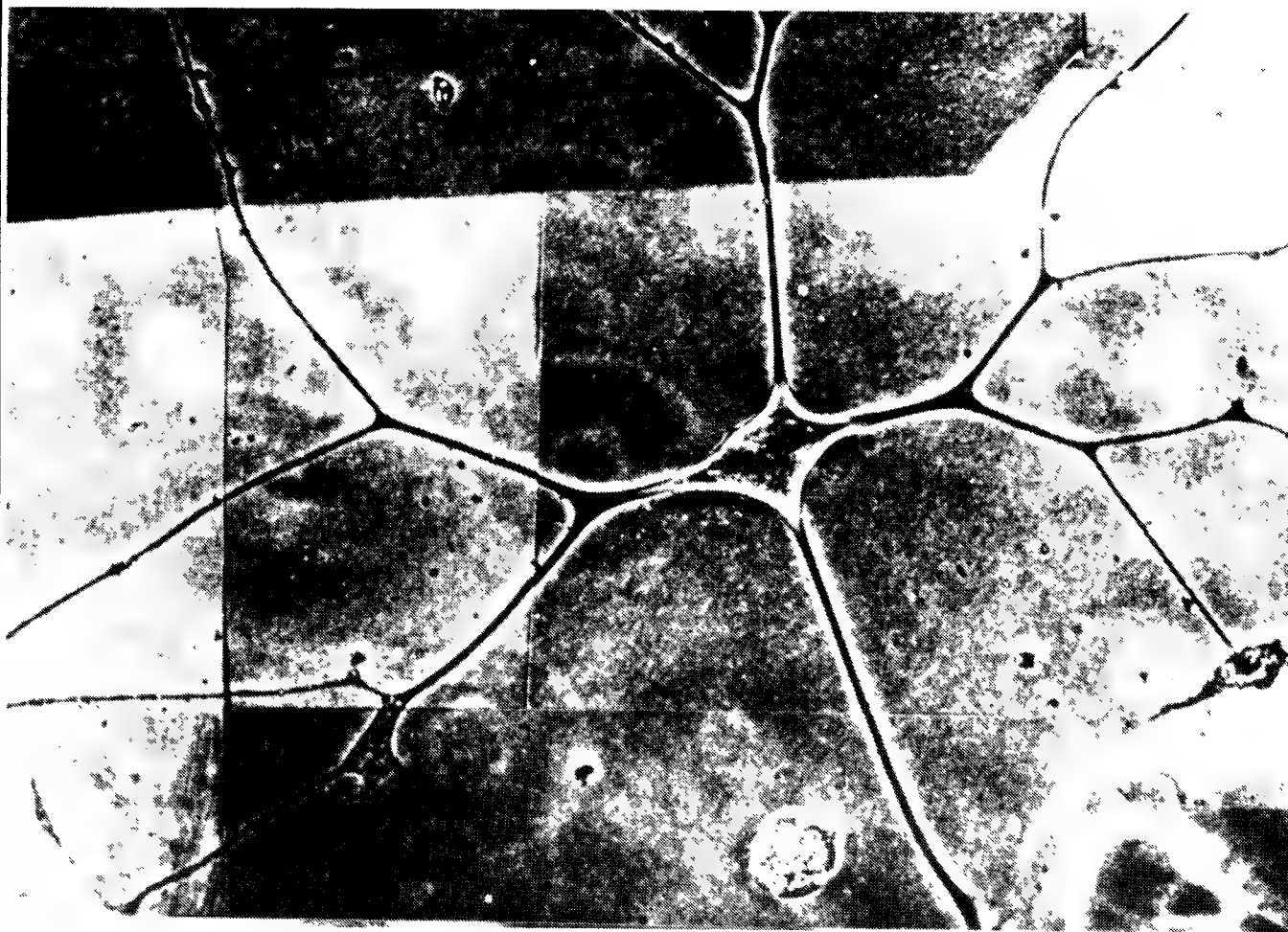
Não apenas tensão extrema do ser, o maravilhoso é, em primeiro de tudo, a conjunção do desejo e da realidade exterior. Por isso está presente em toda a parte, nas oficinas, nos escritórios, no homem mumificado nos mais monótonos uniformes. O maravilhoso é o mistério das noites, não por ser feito na mesma matéria da escuridão, mas por ser luz nas trevas, força de renovação comum a todos os homens.

O maravilhoso permite entrever um acordo profundo para além das fronteiras e dos interesses, uma fraternidade verdadeira cuja linguagem universal é a poesia, e é, provavelmente, a única realidade que mantém a esperança no homem e no futuro. Passa, no maravilhoso, uma tradição viva: a do fogo que Prometeu roubou, ainda hoje aceso, apesar de toda a treva que continua a pesar sobre todos nós.



UM PASSO EM FRENTE

Os responsáveis pelo espectáculo em cena no Teatro Maria Matos (Enfim Sós!) não quiseram descobrir a pólvora; não a descobriram mas inventaram qualquer coisa que valeu a pena e que designámos, à falta de melhor, por comédia musical à portuguesa. Não é um espectáculo do outro mundo, é melhor do que isso: é um espectáculo deste pequeno mundo que é o nosso.



ALFAS TRIPLEX

— T. 806496

ALFA 1

**ACTION JACKSON –
HOMEM DE ACÇÃO**
de Craig T. Baxley
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
e 24.00 h

ALFA 2

LARANJA MECÂNICA
de Stanley Kubrick
(Interdito a men. 18 anos)
15.30, 16.15, 19.00, 21.45
e 00.30 h

ALFA 3

ADEUS ÁFRICA
de Michael Radford
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45
e 00.15 h

ALFA 4

IMPÉRIO DO SOL
de Steven Spielberg
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e
00.15 h

ALFA CLUB

**ESTRANHOS NA
MESMA CIDADE**
de Hector Babenco

(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.00, 21.15 e
00.30 h

AMOREIRAS

— T. 691275

SALA 1

ADEUS ÁFRICA
de Michael Radford
(para maiores de 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30,
19.30, 21.30 e 24.00 h

SALA 2

**ACTION JACKSON –
HOMEM DE ACÇÃO**
de Craig T. Baxley
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30,
19.30, 21.30 e 24.00 h

SALA 3

MILAGRE DA RUA 8
de Mathew Robbins
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45
e 00.15 h

SALA 4

ATIRAR A MATAR
de Roger Spottiswoode
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
e 00.15 h

SALA 5

**ESTRANHOS NA
MESMA CIDADE**
de Hector Babenco
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15, 21.30 e
00.15 h

SALA 6

GENTE DE DUBLIN
de John Huston
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30,
19.30, 21.45 e 24.00 h

APOLO 70

— T. 763319

APOCALIPSE NOW
de Francis Ford Coppola
(para maiores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

ÁVILA

ATIRAR A MATAR
de Roger Spottiswoode
* Ver as «Estreias da
Semana»
(para maiores de 12 anos)
14.00, 15.30, 17.15,
19.00, 21.45 e 23.45 h

BERNA

— T. 776098

O MILAGRE DA RUA 8
de Mathew Robbins
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

CAPITÓLIO

— T. 372358

**NA PRAIA É QUE É
BOM**
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00
e 23.00 h

CASTIL

**OS QUATRO
CACHORRINHOS**
de Joe Camp
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para todos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

CINEBOLSO

— T. 573407

**SONHOS ERÓTICOS
DE UMA VIRGEM**
(int. a men. de 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45,
19.00, 21.30 e 23.30 h

CINE 222

**MASTERS DO
UNIVERSO**
de Gary Goddard
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

TANQUE DE GUERRA
de Marvin Chomsky
(para maiores de 12 anos)
24.00 h

CINE ESTÚDIO ACS

ROMANCE NO RIO
de Stanley Donen
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

CITY CINE

— T. 549999
LARANJA MECÂNICA
de Stanley Kubrick
(int. a men. de 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e
21.30 h

CONDES

— T. 322523

A CASA SUSPEITA
de Peter Yates

(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

EDEN

— T. 320768

**OS GLADIADORES DA
NOITE**
de Joseph Mangine
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

ESTÚDIO

— T. 555134

ATRAÇÃO FATAL
de Adrian Lyne
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e
21.30 h

FONTE NOVA

— T. 322523

SALA 1

O GLADIADOR
de Paul Michel Glaser
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e
21.30 h

SALA 2

YOUNGBLOOD
de Peter Markle
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e
21.45 h

SALA 3

**CLUBE PARA
CAVALHEIROS**
de Peter Medak
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e
21.15 h

GEMINI

— T. 734000

**O ÚLTIMO
IMPERADOR**
de Bernardo Bertolucci
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

HOLLYWOOD

— T. 802859

SALA 1

**DIRTY DANCING –
DANÇA COMIGO**
de Emile Ardolino
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30
e 23.45 h

SALA 2

A CASA SUSPEITA
de Peter Yates
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30
e 24.00 h

IGOPER

— T. 708926

**NAM – NO
CUMPRIMENTO DO
DEVER**
de Bill Norton
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

IMPÉRIO

— T. 555134

**OS GLADIADORES DA
NOITE**
de Joseph Mangine
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

LAS VEGAS

— T. 631162

SALA 1

A CASA SUSPEITA
de Peter Yates
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

SALA 2

**O ÚLTIMO
IMPERADOR**
de Bernardo Bertolucci
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

LONDRES

— T. 801313

**A INSUSTENTÁVEL
LEVEZA DO SER**
de Philip Kaufman
(para maiores de 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

MUNDIAL

— T. 538743

SALA 1

GENTE DE DUBLIN
de John Huston
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

SALA 2

MAURICE
de James Ivory
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e
21.45 h

SALA 3

**ESTRANHOS NA
MESMA CIDADE**
de Hector Babenco
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 12 anos)
13.45, 16.15, 19.00 e
21.30 h

NIMAS

— T. 574362

COTTON CLUB
de Francis Ford Coppola
(para maiores de 16 anos)
13.45, 16.15, 19.00 e
21.30 h

ODEON

— T. 326283

**O BRAÇO
EXTREMADOR**
de Sergio Martino
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e
21.30 h

OLÍMPIA

— T. 325309

**INVESTIGAÇÕES
SEXUAIS**
(interdito men. de 18
anos)
Sessões contínuas a
partir das 14.00 h

POLITEAMA

— T. 326305

O AMOR NÃO PERDOA
de Madhusudana Rao
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e
21.30 h

QUARTETO

— T. 771378

SALA 1

**A JANELA
INDISCRETA**
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e
21.30 h
**HAMMETT
DETECTIVE PRIVADO**
de Nim Wenders
(para maiores de 12 anos)
23.30 h

SALA 2

LARANJA MECÂNICA
de Stanley Kubrick
(interdito a men. de 18
anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h
**HISTÓRIAS DE UM
QUOTIDIANO**
de David Byrne
(para maiores de 12 anos)
24.00 h

SALA 3

**AS PROFISSIONAIS DO
SONHO**
de Lizzie Borden
(para maiores de 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e
21.30 h
**LIANNA, UM AMOR
DIFERENTE**
de John Sayles
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

SALA 4

**CAMINHOS
CRUZADOS**
de Tony Bill
* Ver «As Estreias da
Semana»
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, e
21.30 h
VERÃO ASSASSINO
de Jean Becker
(para maiores de 12 anos)
23.45 h

ROMA

— T. 887778

PORKY'S II
de Bob Clark
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

S. JORGE

— T. 579144

SALA 1

O MILAGRE DA RUA 8
de Mathew Robbins

(para maiores de 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

**Sala 2
ESTRANHOS NA
MESMA CIDADE**
de Hector Babenco

(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.15 h

SALA 3

**ACADEMIA DE
POLÍCIA V — MISSÃO
EM MIAMI**
de Alan Myerson
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e
21.45 h

7.ª ARTE

— T. 730715

**ACADEMIA DE
POLÍCIA V — MISSÃO
EM MIAMI**
de Allan Myerson
(para maiores de 12 anos)
14.00, 15.30, 17.15,
19.15, 21.45 e 23.45 h)

STAR

— T. 804210

GENTE DE DUBLIN
de John Huston
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

TERMINAL

— T. 371573

**ACADEMIA DE
POLÍCIA V – ACÇÃO
EM MIAMI**
de Alan Myerson
(para maiores de 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00,
19.00, 21.30 e 23.45 h

TIVOLI

— T. 570595

ATIRAR A MATAR
de Roger Spottiswoode

(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 h

TURIM

— T. 706666

ENCERRADO

XENON

— T. 368480

A RAPTADA
de Howard Avedis
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e
21.30 h

AS ESTRELAS

**A INSUSTENTÁVEL LEVEZA
DO SER** ★★★★★

O ÚLTIMO IMPERADOR ★★★★★

GENTE DE DUBLIN ★★★★★

OS 101 DÁLMATAS ★★★

ADEUS ÁFRICA ★★

MASTERS DO UNIVERSO •

OS GUERRILHEIROS DA SOMBRA . •

Sessões Especiais

É o seguinte o programa das sessões especiais da semana de 6 a 12:

Dia 6

Forum Picoas (às 19 e 22): «Terra Sangrenta», de Roland Joffé. Fundação Gulbenkian (das 11 às 15, em vídeo): «Ma Femme Chamada Bicho», de José Álvaro Morais. Inatel (Centro de Férias da Costa de Caparica, às 21 e 30): «A Guerra das Estrelas», de George Lucas. Quarteto (sessões da meia-noite): «História do Quotidiano», de David Byrne; «Hammet, Detective Privado», de Wim Wenders; «O Verão Assassino», de Jean Becker; e «Lianna, Um Amor Diferente» de John Sayles.

Dia 7

Forum Picoas (às 18 e 30 e 22): «Passagem para a Índia», de David Lean. Fundação Gulbenkian (das 11 às 15, em vídeo): o mesmo programa do dia 6. Inatel (Centro de Férias da Costa de Caparica, às 21 e 30): «O Cavalo Negro», de Carroll Ballard. Quarteto (sessões da meia-noite): o mesmo programa do dia 6.

Dia 8

Forum Picoas (às 18 e 30 e 22): o mesmo programa do dia 7. Quarteto (sessões da meia-noite): o mesmo programa do dia 6.

Dia 9

Forum Picoas (às 19 e 22): «Sodoma e Gomorra», de Robert Aldrich. Fundação Gulbenkian (das 11 às 15, em vídeo): o mesmo programa do dia 6. Inatel (Centro de Férias da Costa de Caparica, às 21 e 30): «West Side Story», de Robert Wise. Quarteto (sessões da meia-noite): o mesmo programa do dia 6.

Dia 10

Forum Picoas (às 19 e 22): o mesmo programa do dia 9. Fundação Gulbenkian (das 11 às 15, em vídeo): o mesmo programa do dia 6. Quarteto (sessões da meia-noite): o mesmo programa do dia 6.

Dia 11

Forum Picoas (às 21): «Era Uma Vez na América», de Sergio Leone. Fundação Gulbenkian (das 11 às 15, em vídeo): o mesmo programa do dia 6. Quarteto (sessões da meia-noite): o mesmo programa do dia 6.

Dia 12

Forum Picoas (às 21h): o mesmo programa do dia 11. Fundação Gulbenkian (das 11 às 15, em vídeo): o mesmo programa do dia 6. Inatel (Centro de Férias da Costa de Caparica, às 21 e 30h): «007 Contra Goldfinger», de Guy Hamilton. Quarteto (sessões da meia-noite): «Sem Perdão», de Richard Teague; «Vontade de Viver», de Harold Becker; «Homem Certo Precisa-se», de Susan Seibelman; e «As Malhas da Traição», de Bob Swain.

A VER

Eis os filmes em exibição comercial em Lisboa. As listas, a seguir, são elaboradas por ordem decrescente de qualidade e interesse, segundo um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «Gente de Dublin», John Huston (1987).
- «Maurice», James Ivory (1987).
- «A Insustentável Leveza do Ser», Philip Kaufman (1988).
- «A Casa Suspeita», Peter Yates (1988).
- «O Império do Sol», Steven Spielberg (1987).
- «O Milagre da Rua 8», Matthew Robbins (1987).
- «Mãe Raça», Laos Carax (1986).
- «As Profissionais do Sonho», Lizzie London (1987).
- «Atracção Fatal», Arian Lyne (1987).
- «Adeus África», Michael Redford (1988).
- «Masters do Universo», Gary Goddard (1987).
- «Estranhos na Mesma Cidade», Hector Babenco (1987).

Em reposição

- «Laranja Mecânica», Stanley Kubrick (1971).
- «Apocalypse Now», Francis Coppola (1979).
- «A Corda», Alfred Hitchcock (1984).
- «O Último Imperador», Bernardo Bertolucci (1987).
- «A Boneca Mecânica», Steve de Jarnatt (1987).
- «A Morte Chega de Madrugada», Sam Raimi (1987).
- «Gravidade Zero», Harry Winer (1986).
- «Dança Comigo», Emile Artolino (1987).
- «Nam — No Cumprimento do Dever», Bill L. Norton (1987).

R. da S.



Kelly McGillis e Jeff Daniels, em «A Casa Suspeita»: uma boa surpresa

REAL, FANTÁSTICO, ATROZ

Rodrigues da Silva

UNS vão, outros vêm. Alguém fica, muitos nem tempo há para lhes assinalar a passagem. São filmes de Verão (ou no Verão), o que há, ou o que se arranja para ocupar as salas até a abertura da «saison».

Em certos casos é um «crime» estreá-los agora, porque se arriscam a um desastre de bilheteira. Sucedeu assim com «A Raiva de Vencer». Demorou mais de um ano em filme-anúncio, não durou mais de uma semana em cartaz. Era de 1986 e tinha sido nomeado para um oscar. Não o lançaram então, lançaram-no agora... às feras. Como previ na última crônica, foi-se e quem o não viu perdeu.

Perder, perdem também aqueles que não correrem a ver dois filmes acabados de estreiar («A Casa Suspeita» e «O Milagre da Rua 8»), não se sabe que destino lhes reservem os acasos de bilheteira. Esperemos que tenham mais sorte que «A Raiva de Vencer»...

«A Casa Suspeita» é um filme com um certo sabor a clássico no que isso tem de construção dramática e de economia de meios. É um policial — diz a publicidade, que raramente acerta. No caso vertente, melhor seria chamar-lhe um filme político porque é isso mesmo que se trata, embora a estrutura do filme corresponda à de um policial que se preza.

A ter em memória, essa memória é a de Hitchcock da «Intriga Internacional», pelas espetaculares cenas finais, mas sem o simbolismo psicanalítico da queda.

Ao contrário também do filme de Hitchcock, os maus desta vez não têm nada a ver com a «cortina de ferro», mas com alguma coisa um pouco mais a Oeste, a Alemanha. Estamos no início da década de 50, a 2.ª guerra já acabou, os nazis fogem para onde podem ou os recebem.

Os Estados Unidos estão prontos a recebê-los, não às claras, mas por outros meios, a 3.ª guerra já está em marcha, os aliados de ontem nalguns casos são inimigos de hoje e vice-versa, não será por acaso que nos States a «caça às bruxas» está no auge.

Ora, é exactamente uma dessas «bruxas» que vai desencadear toda a acção. Por se recusar a denunciar, primeiro, por passar, depois, de vigiada a vigilante.

E de novo «A Casa Suspeita» evoca Hitchcock (agora «A Janela Indiscreta») quando da imobilidade de perseguida e suspeita, a rapariga passa à acção e à descoberta.

E descobre o quê? Muito simplesmente que os seus acusadores eram os mesmos que introduziam na América nazis com passaportes de judeus. Não se conta o resto, mas sempre se dirá que o filme tem um dramatismo narrativo excepcional, conta com actores excelentes e não cede à menor concessão, nenhum «happy-end».

Os nazis são descobertos, sim, mas o polícia que ajudara a rapariga acaba transferido para os confins da América, ela continua sob a vigilância da Comissão de Actividades Antiamericanas, a breve cena de amor entre ambos é um teste à capacidade de contenção do realizador, não há um plano a mais. Um belo filme.

Um belo filme é também «O Milagre da Rua 8», uma produção Spielberg, com a sua marca, embora a realização não lhe pertença. O que é pena, porque o defeito do filme é uma nítida falta de ritmo, imputável ao realizador, uns furos abaixo da chama do argumento.

Mas é um defeito menor comparado com o milagre de tudo o resto. Milagre de ironia e humor, de comoção e magia, de real e de fantástico.

O bulldozer da especulação de terrenos avança sobre o deradeiro prédio do que foi um bairro popular (absolutamente genial o genérico, a preto e branco, a mostrar o quotidiano de outrora).

Os poucos habitantes do prédio resistem, mas à boa maneira americana (na Europa também já há disto...), a violência fascizante é utilizada como o argumento dissuasor de resistências. A batalha parece ganha pelos fortes, eis senão quando entram em acção dois minúsculos discos voadores, versão moderna das fadas de antigamente, e o casal de ovnis e os seus filhos

consertam de noite o que de dia é destruído pelos capangas a soldo.

O fim imagina-se, os pobres acabarão por vencer, o velho prédio resiste, ainda que o filme termine com uma visão de pesadelo, o bairro antigo transformado numa praça gigantesca e desumana, os arranha-céus cercando o minúsculo prédio por todos os lados.

É uma verdadeira história de encantar esta ou um hino à vida, uma fábula, se se quiser. E se se quer este filme como uma fábula, então a moral só pode ser uma: apenas seres de outro planeta, poderão operar o milagre de salvar da demolição especulativa prédios antigos e os seus habitantes de um desejo sempre mais ou menos violento.

Sem o fulgor de um verdadeiro filme de Spielberg, mesmo assim «O Milagre da Rua 8» é uma obra fascinante.

O inverso precisamente de «Estranhos na Mesma Cidade» do brasileiro (filmando na América) Hector Babenco, o pior filme em cartaz de estreia, atroz, basta ver o péssimo gosto dos «flash back» de que usa e abusa.

Um casal de «clochards» numa cidade americana, em 1932. A miséria da vida só tem paralelo com o miserabilismo em que Babenco se compraz, com recurso a efeitos inacreditáveis que se julgariam impossíveis numa produção americana supostamente de qualidade.

Mas não é. É qualquer coisa de penoso, espécie de «mundo cão» de luxo... cada sequência pior do que se poderia imaginar pela anterior, a ostentação aqui resulta sempre em qualquer coisa entre o cabotino e o piroso.

Candidato ao pior filme do ano que por cá passou (e se por cá houve candidatos...) destes «Estranhos na Mesma Cidade» pode-se dizer que, a vir, veio na altura certa: quando o público rareia. Que saia de cena quanto antes é o que se deseja, uma «estucha» pretensiosa como esta não se deseja ao pior inimigo. Se há filmes que podem levar as pessoas a odiar o cinema, este é um deles. Como o outro que diz, em vez de cinema da miséria, o filme de Babenco é o exemplo acabado de uma miséria de cinema.

AS ESTREIAS DA SEMANA

CAMINHOS CRUZADOS

A partir de sexta-feira no Quarteto 4.

Filme que esteve presente no Festival de Tróia deste ano na secção de informação.

A acção decorre no ano de 1964 e trata-se de um verdadeiro romance cidadão passado entre jovens da classe baixa/média da Bronx. Filme realizado em 1987.

A realizar: Tony Bill

Principais intérpretes: Jodie Foster, Tim Robbins, Todd Graff e John Turturro

O AMOR NÃO PERDOA

A partir de sexta-feira no Politeama.

Típico filme de romance e amor indiano.

A realizar: Madhusudana Rao

OS GLADIADORES DA NOITE

Estreia sexta-feira no Eden e Império.

Filme de terror passado com um grupo de jovens que apenas querem passar bons momentos na companhia uns dos outros. Só que a partir de uma certa noite eles vão ter de enfrentar 12 gladiadores ferozes e assassinos...

A realizar: Joseph Mangine

Principais intérpretes: Allan Hayes, Leilani Sarell, Donna Locke e Bo Sabato.

OS 4 CACHORRINHOS

A partir de hoje no Castil.

Uma história para crianças passada com animais: um cão que protege três leões sem pais.

A realizar: Joe Camp

Se o vídeo é o arquivo doméstico do cinema, normal seria que a comédia — essa superlativa arte que faz do riso uma manifestação de inteligência humana — tivesse um lugar especial nas preocupações dos editores de videogramas. Mas não. Os nomes imorredoiros e óbvios de Charlie Chaplin, os irmãos Marx, Buster Keaton, Jerry Lewis, Jacques Tati, Ernst Lubitsch e tantos mais não têm encontrado pousada no mercado português.

Mas há Woody Allen, Spielberg, Bogdanovich, Huston, Wilder, Scorsese... Do mal o menos, embora nos continuem vedadas as mais gloriosas gargalhadas do cinema.

O FUNDO DO BAÚ (II)

MACUNAÍMA

O «cinema novo» que, no Brasil, agitou os meios cinematográficos nos anos 60 teve em «Macunaíma» um dos seus pontos altos. É que se filme houve onde se procurou fundir e arriscar tudo esse é este filme.

Já o movimento tropicalista avançara para o primeiro plano musical, já Glauber Rocha começara a inventar as suas visões, já Roberto Carlos convocara outros sons para falar do quotidiano, «Macunaíma» não era facto isolado, mas tão-só uma consonância do cinema com o resto da realidade.

Feérico, violento, corrosivo, desesperado, história de um negro — feito — branco em matos de fome e cidades de vileza onde gigantes presidem a cerimônias de «comei-vos uns aos outros», «Macunaíma» é uma torrente que, em sátira, magoa e liberta o sentido para mil espaços, mil raízes.

Macunaíma. Realização: Joaquim Pedro de Andrade (Brasil-1969). Interpretação: Grande Otelo, Dina Sfat, Paulo José. Cor; Comédia; N.A. men. 18 anos; ed. Vista Video.

★★★★

(O) AGENTE DA BROADWAY

A «pequena música» bem humorada e terna de Woody Allen num filme onde se homenageia o mundo singular do show business. Quando a simplicidade é a expressão depurada do talento...

Broadway Danny Rose. Realização: Woody Allen (EUA-1984). Interpretação: Woody Allen, Mia Farrow, Nick Apollo Forte. P/B; Comédia; 85 minutos; M/12 anos; ed. Publivideo/Orion.

★★★★

ANA E AS SUAS IRMÃS

Um dos mais belos, sedutores e perfeitos filmes de Woody Allen, cruzando humor e sentimento, fazendo trabalhar grandes actores, filmando com a fluência dos mestres.

Hannah and her sisters. Realização: Woody Allen (EUA-1986). Interpretação: Woody Allen, Michael Caine, Barbara Hershey. Cor; Comédia; 102 minutos; M/12 anos; ed. Publivideo/RCA-Columbia.

★★★★

TOOTSIE

Esta comédia sobre um actor que finge ser uma actriz e se torna uma vedeta feminina da televisão é muito mais que uma história de equívocos. O que faz de «Tootsie» um filme extremamente interessante são as vacilações de identidade que isso provoca, a começar pelo protagonista que deixa a sua parte feminina guiar os seus actos.

Um notável trabalho de Dustin Hoffman num filme que revela sempre uma nova faceta a cada revisão.

Tootsie. Realização: Sydney Pollack (EUA-1982). Interpretação: Dustin Hoffman, Jessica Lange, Teri Garr. Cor; Comédia; 112 minutos; Cor; Comédia; 112 minutos; N.A. men. 13 anos; ed. Publivideo/RCA-Columbia.

★★★★

(A) ROSA PÚRPURA DO CAIRO

O encontro entre o quotidiano acre de Cecília e o mundo feérico de um personagem miraculosamente saído de um ecrã de cinema. Espantosa interpretação de Mia Farrow num brilhante filme de Woody Allen.

A grande arte do riso



ROMANCE EM NOVA IORQUE

A felicidade é uma coisa boa e rara e este filme irradia-a.

Explicar, como? Olhando estas histórias de amor, este humor que faz parêntesis da lógica e das convenções, este formigar da Big Apple, estes actores a fazer de gente que é e não é como a gente, este filme que não gosta de horários, polícias, rotina, maridos chatos, esta ficção em que a fada madrinha viaja ao volante de um táxi, esta espécie de fim-de-semana entre as coisas sérias em que, por uma vez, essa única coisa séria que é o amor está ali a cruzar-se nos lugares mais insensatos, imprevisíveis, felizes...

They All Laughed. Realização: Peter Bogdanovich (EUA-1981), Interpretação: Audrey Hepburn, Ben Gazzara, John Kitter.

Cor; Comédia; N.A. men. 13 anos; ed. Edivideo/Vestron.

★★★★



(O) REI DA COMÉDIA

Considero «O Rei da Comédia» um dos melhores filmes de Scorsese, dos mais corajosos, arriscados, produtivos. Ele ousa medir-se com o império da imagem televisiva, com a mais envolvente máquina de *entertainment* do século e, lenta e poderosamente, mostrar a sua imbecilidade terrível e contagiante. Rupert (Robert de Niro, outra vez genial) é o resultado dessa máquina, Jerry a peça da engrenagem triste e triturante, o público esse está pronto para o primeiro rei da comédia que lhe mostrem...

Uma comédia amarga, negra, fabulosa.

King of Comedy. Realização: Martin Scorsese (EUA-1983). Interpretação: Robert de Niro, Jerry Lewis, Diahnne Abbott.

Cor; Comédia Dramática; M6 anos; ed. Publivideo.

★★★★



10 — UMA MULHER DE SONHO

Fabricado, lançado, conhecido como o filme feito para glorificação de Bo Derek como objecto sensual do cinema dos anos 80, «10 — Uma Mulher de Sonho» é um dos mais notáveis exemplos de subversão por dentro que o cinema nos pode oferecer.

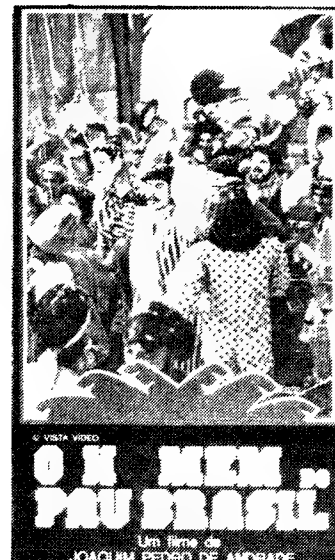
Mercê de um extrema subtilidade, de um argumento cheio de sagacidade, de uma câmara que consegue transformar o olhar *standard* tipo *Playboy* num acto de ironia, Blake Edwards obtém a desmontagem do estereótipo da mulher desejável sem, no entanto, economizar no catálogo dos lugares-comuns da promoção desse estereótipo (dos cenários e situações — praias, *suites*, jantares íntimos. Bo Derek virginalmente vestida, em fato de banho, nua, ao sol, à noite e em contraluz, etc., etc. — aos esquemas narrativos — aparecimento fugaz inicial, ausência longa, encontro pleno já com mais de uma hora de filme).

Chamar a este filme um exercício de inteligência cinematográfica é pleonasmos.

10. Realização: Blake Edwards (EUA-1979). Interpretação: Dudley Moore, Julie Andrews, Bo Derek.

Cor; Comédia; 117 minutos; N.A. men. 18 anos; ed. Kodak/Warner Home Video.

★★★★



(O) HOMEM DO PAU-BRASIL

Oswald de Andrade é um dos escritores centrais do movimento modernista brasileiro. Romancista, dramaturgo, poeta (Pau-Brasil é o título-chave com que, em 1925, se ergue contra o lirismo), ensaísta, Oswald de Andrade é o centro desta fita de Joaquim Pedro de Andrade.

Biografia, análise literária, homenagem? Nada disso: fazendo da dissolução o tom-base do filme, o realizador como que se deixou invadir pela loucura revoltada do modernismo e, num rasgo de ousadia, fez uma fita que é quase uma obra integrada numa nova revolta, a cinquenta anos de distância, feita de ironia e muito talento.

Divertidíssimo, tropical e sem amarras, «O Homem do Pau-Brasil» começa por figurar Oswald em dois personagens (um homem, uma mulher, inseparáveis) para depois partir em direcção à festa demolidora por onde passa Paris e Cendrars, a revolução e o sexo, a arte e a poesia, num caleidoscópio feliz de quem não acredita em nada mas urge a mudança — e disso se ri francamente.

O Homem do Pau-Brasil. Realização: Joaquim Pedro de Andrade (Brasil-1981). Interpretação: Itala Nandi, Flávio Galvão, Dina Sfat.

Cor; Comédia; M/16 anos; ed. Vista Video.

★★★★



Angelica Huston e Jack Nicholson em «A Honra dos Padrinhos» de John Huston

(A) HONRA DOS PADRINHOS

Uma comédia, uma bela e ácida fita, olhar sereno de um velho leão do cinema sobre o mundo dos negócios, dos sentimentos e do negócio dos sentimentos, estreitando, numa família mafiosa, um abraço irónico sobre a vida.

Jack Nicholson e Kathleen Turner são o par central de actores que, em delicioso cabotinismo, nos conduzem para a dança, embora esteja no naípe de secundários (Anjelica Huston, oscarizada, mas sobretudo o velho e superlativo William Hickey) o ouro mais brilhante.

Já agora lembremos que se trata de uma das melhores fitas do seu realizador.

Prizzi's Honor. Realização: John Huston (EUA-1985). Interpretação: Jack Nicholson, Kathleen Turner, Anjelica Huston.

Cor; Comédia; M/16 anos; ed. Publivideo.

★★★★



Woody Allen em «Annie Hall», uma obra-prima

ANNIE HALL

O mais espantoso filme da carreira de Woody Allen, equilíbrio exemplar entre um cinema que se faz e a sua própria discussão. E Diane Keaton sobe, enfim, ao firmamento...

Annie Hall. Realização: Woody Allen (EUA-1977). Interpretação: Woody Allen, Diane Keaton, Tony Roberts. Cor; Comédia; 93 minutos; N.a. men. 13 anos; ed. Kodak/Warner Home Video.

★★★★★

(O) PECADO MORA AO LADO

Marilyn, eterna e fabulosa, numa comédia a quem os anos já pesam. Mas, para a ver, quem hesita?

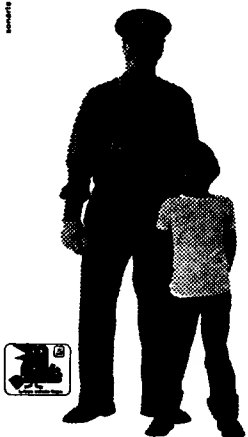
The Sever Year Itch. Realização: Billy Wilder (EUA-1955). Interpretação: Marilyn Monroe, Tom Ewell, Oscar Homolka. Cor; Comédia; 104 minutos; N.a. men. 13 anos; ed. Publivideo/CBS-Fox.

★★★

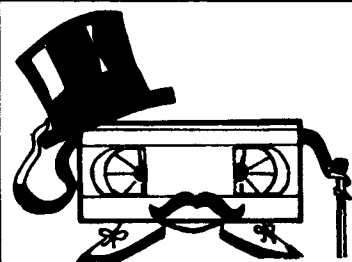


Tom Ewell e Marilyn Monroe em «O Pecado Mora ao Lado» de Billy Wilder

CML



uma cidade limpa
é uma cidade viva



**PREFIRA
QUALIDADE**

Jóia —
10 000\$00

Alugueres:

8 dias — 400\$00

4 dias — 300\$00

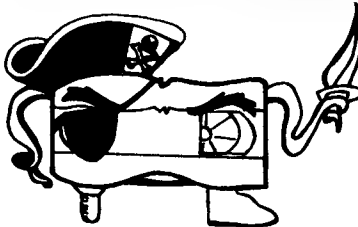
Aluguer:

300\$00 — 48 horas

SEM JÓIA
PORQUE NÃO?

C. Comercial Arco-Iris
Av. Júlio Dinis, 6A/D

Loja 42 — Tel. **73 48 57**



PIRATARIA

NÃO

**Scheik
Video**

**Sem
Jóia**

Com parque de
estacionamento

Venha até nós

Rua da Penha de França, 193-D

LISBOA — Tel. 84 86 12



**CLUBE
DE
VIDEO**

**video
MCP**

**SISTEMA
INÉDITO**

**FILMES
DE
QUALIDADE**

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES

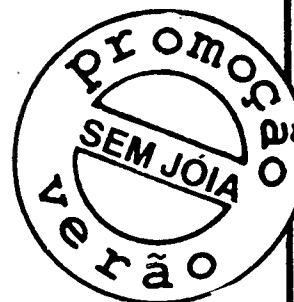
Alugueres desde
100\$00

Sede: R. Barão Sabrosa 78-A 1900 Lisboa • Telef. 83 83 03

Filial 1 — Calçada do Monte, 78 (a Graça) Lisboa

Filial 2 — R. da Filarmónica, 38 Vestiana • Alcobça • Telef. 41166

Brevemente filial 3



SÁBADO

RTP 1

10.00 - Juventude e Família
12.05 - Operação Open
13.00 - Notícias
13.10 - Os Fiscais
14.00 - Parlamento
14.30 - Gala da Cruz Vermelha



«Sahara»

16.00 - Sessão da Tarde

«Sahara», de Andrew V. McLaglen (EUA-1984): Na hora da morte, R.J. Gordon fala do seu grande desejo nunca consumado: correr (e vencer) o Rally Internacional do Sahara. A sua filha promete-lhe uma vitória e, disfarçada de homem, entra na competição. Mas ao escolher um atalho para escapar ao seu rival, o traíçoeiro Von Glessing, vê-se envolvida nos confrontos entre duas tribos rivais. É capturada pelos Chambras e conduzida perante o Sheikh Jaffar - a atracção entre ambos é imediata... Interpretação: Brooke Shields, John Mills, Steve Forrest, Lambert Wilson, Horst Buchholz. Duração: 104 minutos.

17.40 - Allô, Allô

18.10 - Vivamúsica

19.10 - Sete Folhas

19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado

21.15 - O Tempo

21.25 - Alf, uma Coisa do Outro Mundo

21.55 - Clubíssimo

23.05 - Cinema da Meia-Noite

«Dois Homens na Cidade», de José Giovanni (França/Itália-1973): Um ex-recluso tenta a sua reintegração social. As dificuldades são muitas, desde os problemas pessoais de adaptação aos preconceitos de muita gente. Mas o mais grave é a perseguição que lhe é movida por uma polícia: acaba por ser envolvido numa acusação injusta e condenado à morte. Actualmente com 53 anos de idade, Alain Delon continua a ser um dos nomes mais conhecidos do cinema francês. Como actor, produtor e até cineasta, Delon possui uma multifacetada filmografia, que conseguiu resistir ao longo de três décadas durante as quais o cinema, os seus estilos e modas, foram sofrendo profundas transformações. Como quase sempre acontece em filmes deste género, a amizade entre dois homens serve de motor e enquadramento da acção. Desta vez são dois 'monstros' sagrados da produção francesa: Alain Delon e Jean Gabin. Interpretação: Alian Delon, Jean Gabin, Mimsy Farmer, Michel Bouquet, Illavia Occhini, Victor Lanoux. Duração: 95 minutos.

RTP 2

10.00 - Compacto Totally Live
13.05 - Compacto Selva de Pedra
16.00 - Troféu
20.00 - Music Box
20.50 - Uma Boa Ideia
21.15 - Molière -- Comédia e Drama
22.15 - Concorde ou Talvez Não
23.45 - Música na América

DOMINGO

RTP 1

10.00 - Juventude e Família
11.15 - Eucaristia Dominical
12.05 - 70 X 7
12.30 - TV Rural
13.00 - Notícias
13.10 - Um País de Floresta
13.35 - O Continente Americano
14.35 - Primeira Matinée
«A Última Caçada», de Richard Brooks (EUA-1955): Sandy McKenzie é um antigo caçador, agora negociante de gado. Mas os seus animais são mortos por uma manada de búfalos. Embora com alguma relutância, decide partir com Charlie Gilson numa expedição para caçar búfalos, convencendo o seu velho amigo Woodfoot a acompanhá-lo. Logo no primeiro dia, um grupo de índios rouba-lhes os cavalos. Charlie persegue-os e consegue apanhá-los. No caminho, encontra uma índia escondida com o seu bebé. Realizado numa época ainda gloriosa do «western», «A Última Caçada» é um filme que dá conta da imensidão dos espaços e da agressividade do clima, através da história de três homens empenhados na caça aos búfalos. O filme foi rodado na reserva natural do parque estatal do Dakota. Um pouco como num outro «western» que viria a realizar em 1966 - «Os Profissionais» - também aqui Brooks propõe um retrato de relações que se vão transfigurando através da própria acção. O «western» impõe-se. Então, como painel, a um tempo dramático e mítico, de uma época muito particular da história de um país. Robert Taylor domina um «cast» onde se destaca ainda a presença de Debra Paget, na figura da índia que suscita o conflito entre os dois brancos. Interpretação: Robert Taylor, Stewart Granger, Lloyd Nolan, Debra Paget, Russ Tamblyn. Duração: 98 minutos.

16.15 - Deixem Passar a Música

Com António Pinho Vargas.

17.25 - Filme Português

«O Grande Elias»

19.05 - O Justiciero

20.00 - Jornal de Domingo

20.30 - O Tempo

20.45 - O Colar Assassino

Estreia

21.45 - Cacau da Ribeira

22.45 - Domingo Desportivo



«O Colar Assassino»

RTP 2

10.00 - Troféu
12.20 - Novos Horizontes
12.40 - Caminhos
13.10 - Troféu
Automobilismo: Grande Prémio da Hungria em Fórmula 1.
17.00 - Ideias e Negócios
17.55 - 5ª Dimensão
18.45 - Piano Bar
19.45 - Quem Sai aos Seus...
20.15 - Artes e Letras
«Mystere Picasso»



«A Guerra Acabou»

21.30 - Cineclube

«A Guerra Acabou», de Alain Renais (França/Suécia-1966): Diego pertence a uma organização política espanhola que opera na clandestinidade. Ao regressar a Paris, depois de uma das suas frequentes visitas a Espanha, é interrogado na fronteira. Diego usa o passaporte de um francês, a filha Nadine responde como se Diego fosse o seu pai. Em Paris, Diego tem por missão avisar que a sua vida corre perigo - mas Juan já partiu para Barcelona... «A Guerra Acabou» é um filme sobre a prática política. É ainda a questão da realidade e das fronteiras que atravessa o trabalho de Resnais. Através da experiência de Diego, um militante político empenhado na criação de uma situação revolucionária na Espanha de 1965, o cineasta é levado a pôr em questão o próprio sentido e, sobretudo, a eficácia da acção política. Diego não é tanto símbolo de uma causa política, como o indivíduo levado a descobrir o paradoxo do seu posicionamento: sendo um simples elemento de uma causa colectiva, ele é levado a descobrir-se numa solidão tão inesperada quanto inexplicável. «A Guerra Acabou» é, dessa maneira, o filme do fim das ilusões revolucionárias de toda a geração. Interpretação: Yves Montand, Ingrid Thulin, Geneviève Bujold, Dominique Rozan, Françoise Bertin, Michel Piccoli. Duração: 117 minutos.

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.20 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - O Império de Carson
14.25 - Volta a Portugal em Bicicleta
14.50 - Rotas do Extremo Ocidente
Estreia: «De Algarve e sol, pão duro e pão mole»
15.15 - Paul Tortelier
Paul Tortelier é um dos maiores violoncelistas do nosso tempo. Já com 70 anos, este intérprete excepcional continua a ser um mestre de técnica e da interpretação, principalmente das sonatas de Bach para violoncelo, que gravou já para a RTP. Compositor e personalidade de raro talento, tem sido a fonte de inspiração da jovem geração de violoncelistas. Tortelier foi convidado para actuar, e simultaneamente ensinar, no festival de música de Naantali, na Finlândia. Alguns alunos tiveram o privilégio de receber orientação directa do maestro, e uma plateia atenta assistiu a uma aula do mestre Tortelier.
16.00 - Brinca Brincando
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Estúdio 4
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.07 - O Tempo
20.15 - Anos Dourados
21.15 - Exposição de Arte Portuguesa do Séc. XIX no Palácio da Ajuda
21.45 - Jogos Sem Fronteiras
23.30 - 24 Horas
00.00 - Remate

RTP 2

14.30 - Filhos e Filhas
14.55 - Agora, Escolha!
16.25 - Trinta Minutos Com...
16.55 - Helena
17.35 - Um Amigo Especial
18.00 - Histórias Maravilhosas
19.00 - Totally Live
19.55 - O Fugitivo
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros



«Bailado Onegin»

21.35 - Bailado

«Onegin»: Ballet Nacional do Canadá, com coreografia de John Cranko, cenários de Reid Anderson e a orquestra do Ballet Nacional do Canadá, dirigida por Ermanno Florio. Elenco: Frank Augustin (Onegin), Sabina Allemann (Tatiana), Cynthia Lucas, Lensky (Olga), Jeremy Ransom (prince Gremin), Serge Lavoie (senhora Larina), Victoria Bertram (enfermeira). Após a apresentação da ópera Onegin, a versão em bailado desta obra, baseada no poema de Alexander Pushkin, com música de Tchaikovsky, conta a história de Tatiana, uma jovem romântica que se apaixona por um elegante estrangeiro, Onegin.

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.20 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Dallas
14.20 - Volta em Portugal em Bicicleta
14.50 - Jogos Olímpicos -- 16 Dias de Glória
15.20 - Huey Lewis and The News All the Way Live
16.10 - Brinca Brincando
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Estúdio 4
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.07 - O Tempo
20.15 - Vamos Jogar no Totobola
20.35 - Anos Dourados
21.20 - Programa da Direcção de Informação
22.25 - Simenon
23.30 - 24 Horas
00.00 - Remate



Histórias Fantásticas de Ray Bradbury

RTP 2

14.30 - Filhos e Filhas
14.55 - Dois Dedos de Conversa
16.25 - Trinta Minutos Com...
16.55 - Helena
17.30 - Histórias Fantásticas de Ray Bradbury
18.05 - Music Box Especial
«George Harrison»
19.00 - Totally Live
19.55 - O Fugitivo
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Adrian Mole na Crise da Adolescência
22.00 - Cinemadois
«Vinte Dias Sem Guerra», de Alexei Guerman (URSS): 1942. Longe de Estalinegrado e da linha de frente, um grupo de soldados tem alguns dias de licença. Mais de metade do tempo de licença é gasto numa longa viagem num comboio a vapor. Em Moscovo, Lopatine encontra Nina: é um amor breve mas intenso, quase desesperado. Mas, perante a violência da guerra, qual o futuro do amor? Nascido em 1938, Alexei Guerman é um dos mais importantes cineastas soviéticos revelados durante a década de 70. Profundamente marcada pela experiência da guerra, a sua obra tem o seu título mais famoso neste «Vinte Dias Sem Guerra», filme distinguido com o prémio Georges Sadoul no Festival de Cannes de 1977, mas que esperou dez anos para ser mostrado ao público.

QUARTA

RTP 1



«Fleetwood Mac»

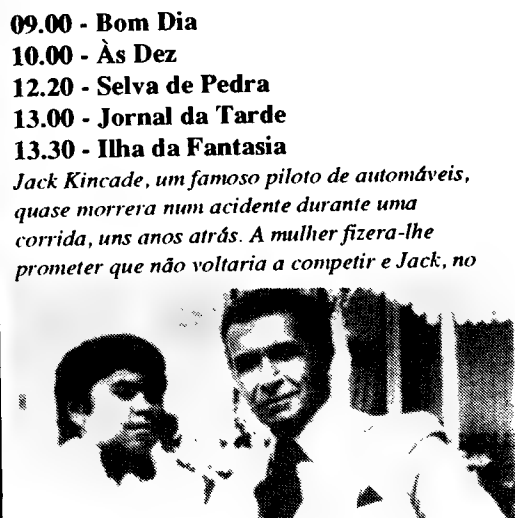
09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.20 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Fama
14.15 - Volta a Portugal em Bicicleta
14.40 - Missões de Paz
15.00 - Fleetwood Mac
16.00 - Brinca Brincando
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Estúdio 4
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.08 - O Tempo
20.15 - Anos Dourados
21.20 - Lotação Esgotada
«O Réptil», de Joseph L. Mankiewicz (EUA-1970): Arizona, 1883. Depois de um grande roubo, Paris Pitman Jr. mata o sócio e esconde o dinheiro no ninho de uma serpente. Mas acaba por ser preso pelo xerife Lopeman e enviado para a prisão. Al, rodeado por célebres bandidos, Pitman consegue impor-se como líder, tanto mais que tem o cuidado de sugerir a existência do dinheiro roubado. Ao mesmo tempo, prepara minuciosamente a sua fuga. «O Réptil» começa por ser um título significativo na história de decomposição do «western» clássico: já não estamos perante um Oeste de heróis mais ou menos redentores, tudo se passando num universo de logros e máscaras em que os marginais e as figuras da lei participam de forma semelhante. Com uma ironia que, por vezes, se aproxima do puro sarcasmo, «O Réptil» acaba por ser uma parábola sobre o poder e, em especial, sobre o poder do dinheiro. Kirk Douglas (o bandido) e Henry Fonda (o xerife) são as principais figuras deste confronto onde o Oeste americano se apresenta transfigurado e desconcertadamente reduzido a um palco de pequenos golpes e traições. Interpretação: Kirk Douglas, Henry Fonda, Hume Cronyn, Warren Oates, Burges Meredith. Duração: 119 minutos.
23.45 - 24 Horas
00.15 - Remate

RTP 2

14.30 - Filhos e Filhas
14.55 - Agora, Escolha!
16.25 - Trinta Minutos Com...
16.55 - Helena
17.40 - A Viagem do Mimi
18.10 - Hans, na Maior
19.00 - Totally Live
19.55 - O Fugitivo
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Joana
22.45 - Clube de Imprensa
23.20 - Fantasia e Realidade

QUINTA

RTP 1



«A Ilha da Fantasia»

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.20 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Ilha da Fantasia
Jack Kincade, um famoso piloto de automóveis, quase morrera num acidente durante uma corrida, uns anos atrás. A mulher fizera-lhe prometer que não voltaria a competir e Jack, no fundo, acabara por perder a coragem. Roarke vai ajudá-lo a repeti-la, na Ilha da Fantasia, a prova em que tivera o acidente.
Renee Lansing, filha de um editor milionário, parece um modelo de alta costura, mas de facto é, secretamente, uma das mais bem pagas prostitutas de Nova Iorque. Cansada de uma vida sem sentido, chega à Ilha da Fantasia para viver uns dias diferentes.
14.15 - Volta a Portugal em Bicicleta
14.55 - Jogos Olímpicos -- 16 Dias de Glória
15.25 - Whispering Jack in Concert
16.20 - Brinca Brincando
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Estúdio 4
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.07 - O Tempo
20.20 - Anos Dourados
21.25 - Espelho Secreto
22.20 - Tourada
00.25 - 24 Horas
00.55 - Remate

RTP 2

14.30 - Filhos e Filhas
14.55 - Joana
«D. Inês, uma mulher como outras»: Começa um novo dia na vida de Joana. Um dia como muitos: o marido, Guilherme, acorda gripado, por isso cabe a Joana levar as crianças à escola, no mesmo horário em que deveria chegar à redacção da revista em que trabalha. Já com entrevista marcada com a líder feminista Irene Troncoso e, na pressa para não se atrasar, Joana atropela uma senhora que atravessava a rua distraidamente. Joana socorre mulher e descobre que se trata de uma viúva que perdeu o marido com o qual viveu sempre entre as quatro paredes do lar, cuidando dos filhos e do marido - que pouco lhe ligava, indo a casa praticamente só para dormir.
16.00 - Quem Sai aos Seus...
16.25 - Trinta Minutos Com...
16.55 - Helena
17.35 - O Regresso de Antílope
18.00 - Equinócio
19.00 - Totally Live
19.55 - O Fugitivo
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Ciência e Tecnologia
22.05 - As Teias da Lei
22.50 - Século XX
«A Guerra da Coreia»

SEXTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.20 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Derrick
14.25 - Imagens de Arte Portuguesa
15.05 - Eurhythms
16.00 - Brinca Brincando
17.00 - Ponto por Ponto
18.00 - Estúdio 4
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.08 - O Tempo
20.20 - Anos Dourados
21.20 - Escolher Saúde
21.40 - Os Homens da Segurança
22.30 - Moçambique -- Roda Viva
22.45 - Tribunal de Polícia
23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate



«Quando Chegar a Hora»

00.05 - Pela Noite Dentro
«Quando Chegar a Hora», de John Erman (EUA-1987): Lydie Travis tem 34 anos e a sua vida está irremediavelmente marcada pela tragédia: ela é vítima de um cancro incurável. Querendo morrer com dignidade, pede ao marido, Wes, que a ajude a obter os medicamentos que necessita para pôr termo à sua vida antes que a dor se torne insuportável. Mas Wes não consegue enfrentar a situação. Lydie recorre, então, ao seu amigo Dean. John Erman é um realizador com uma carreira importante no interior da produção televisiva americana. Excelente director de actores, retratista subtil de ambientes de grande tensão emocional, foi ele que dirigiu o telefilme «Um Gelo Súbito» (1985), análise cuidada dos reflexos de um caso de sida numa família. O filme não pretende generalizar, nem sequer dar respostas definitivas a uma tão delicada questão. Tal como em «Um Gelo Súbito», o seu maior mérito provém da capacidade de mostrar os reflexos de uma situação tão dilacerante na intimidade dos seres que, directa ou indirectamente, por ela são envolvidos. Interpretação: Bonnie Bedelia, Brad Davis, Terry O'Quinn, Karen Austin, Donald Moffat. Duração: 96 minutos.

RTP 2

14.30 - Filhos e Filhas
14.55 - Agora, Escolha!
16.25 - Trinta Minutos Com...
16.55 - Helena
17.40 - Moon Dial
Estreia
18.00 - Basquetebol Americano
19.00 - Totally Live
19.55 - O Fugitivo
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Clube de Jornalistas
22.10 - A História
23.05 - Entre Barreiras
23.30 - Troféu

Agenda do essencial

Semana dominada por duas estreias: hoje, no Teatro Aberto, primeira representação da nova peça de Fernando Dacosta, **A Nave Adormecida**, encenação de Castro Guedes com o Novo Grupo; na próxima quarta-feira, dia 10, estreia no Teatro Variedades da revista **Prova dos Novos**, com texto de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazareth Fernandes.

Ainda em cena: **Enfim Sós!**, de Carlos Cruz, Mário Zambujal e José Duarte, no Teatro Maria Matos (ver 1.ª pag.); **Lisboa Monumental**, sobre textos de Fialho de Almeida, encena-

ção de Silvina Pereira (Maizum); **O Baile**, encenação de Hélder Costa com A Barraca (Ritz Club) **Olha a Bolsa Ó Zé**, de César de Oliveira (ABC).

Em Almada, **Dona Rosinha A Solteira**, de Lorca, encenação de Joaquim Benite com a C.ª de Teatro de Almada (T. Mun. de Almada); no Estoril, **Opereta**, de Witold Gombrowicz, encenação de Carlos Avilez com o TEC (T. Mun. Mirita Casimiro); **Obrigado pelo Amor de Você**, de Edgar Neville (Cine-Teatro do Casino).

Em Setúbal, **O Primeiro**, de Israel Horowitz, encenação de Carlos César com o TAS (Teatro de Bolso).



Lisboa Monumental, sobre textos de Fialho de Almeida pelo MAIZUM

COMUNA

Praça de Espanha
Tel. 73 51 31

(Hoje, sexta e amanhã, sábado, às 21.30; domingo, última representação, às 17.00)
Deus os Fez... Deus os Juntou..., sobre quatro histórias de Anton Tchekhov. Dram./enc.: Mário Viegas. Int.: Adélia Loureiro, Juvenal Garcês, Manuela de Freitas e Mário Viegas.
Últimos dias para ver um dos melhores espectáculos da temporada.

ESPAÇO CESL

Rua Almirante Barroso, 3 (à Estefânia)
O Quebrar-Mar, de Steven Berkoff pelo Grupo Metrópolis. Enc.: Durval Lucena Cen.: Fernando Pinto. Int.: Durval Lucena e Júlia Correia.

RITZ/CLUBE

Rua da Glória, 57
Tel. 73 51 31

(De terça a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00) **O Baile**, pelo grupo A Barraca. Guião/Enc.: Hélder Costa. Int.: Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula de Sousa, Teresa Faria, Leonor Alcácer, Marta Tereno, Margarida Barão, António Cardoso, Luís Tomar, Vítor Torres, Paulo Oom, Miguel Rodrigues e António Cruz.
As músicas da nossa História num espectáculo fundamental.

TEATRO ABC

Parque Mayer
Tel. 36 57 45

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 21.30; sábados, domingos e feriados, às 16.00)

Olha a Bolsa Ó Zé!, de César de Oliveira. Int.: Carlos Miguel, Carlos César, Rita Ribeiro, Glória Cristal, Paulo César, João Rodrigo, Fátima Severino, Cristina Oliveira, Paula Nunes e Luís Testa.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha
Tel. 77 09 69

(Estreia marcada para hoje, sexta-feira)
A Nave Adormecida, de Fernando Dacosta, pelo Novo Grupo. Enc.: Castro Guedes. Cen.: Fernando Filipe. Fig.: Moura Pinheiro. Mús.: Eduardo Pais Mamede. Int.: Irene Cruz, Mário Jacques, Francisco Pestana, Melim Teixeira, Jorge Gonçalves, João Baião, Teresa Sobral, Paula Fonseca, Joaquim Monchique, etc.
Estreia de um novo original de Fernando Dacosta.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
Tel. 66 15 15

A PERGUNTA DA SEMANA



José Ribeiro da Fonte
nomeado director artístico
do Teatro Nacional de São
Carlos, EP.

E então o Teatro Nacional D. Maria II, não EP, como vai ser?

PS — Repete-se, ligeiramente alterada, a pergunta da semana passada que saiu errada.

TEATRO IBÉRICO

Rua de Xabregas, 54
Tel. 38 25 31

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00)
Os Velhos Não Devem Namorar, de Alfonso Castela. Enc.: Xosé Blanco Gil. Int.: António Filipe, Francisco Soromenho, Jorge Sousa Costa, Fernanda Montemor, Fernanda Figueiredo, Leonor Poeira, Maria José Baião, Alexandra Sedas, Artur Mendonça, Paulo d'Araújo e António Liza.
A comédia de Castela na interpretação do Teatro Ibérico.

TEATRO INFANTIL DE LISBOA

Rua Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário)
Tel. 63 99 74

(Sábados e domingos, às 16.00)
A Nuvem que Não Queria Chover, de Fernando Bento Gomes. Enc./Cen.: Kim Crchopo.

Espectáculo para crianças.

TEATRO MAIZUM

Rua dos Poiais de São Bento, 75-B
Tel. 60 18 66

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00)

Lisboa Monumental, sobre textos de Fialho de Almeida. Dram.: Manuel João Gomes. Enc.: Silvina Pereira. Cen.: Henriques Gomes. Int.: Alfredo Pinto, Fernando Candeias, Filipe Petronilha, Isabel Fernandes, José Lopes e Silvina Pereira.
De como Fialho escreveu sobre Lisboa.

TEATRO MARIA MATOS
Av.ª Frei Miguel Contreiras, 52
Tel. 89 70 17

(Terças, quartas e quintas, às 21.30; sextas e sábados, às 20.00 e 23.00; domingos, às 16.00 e 21.30)

Enfim Sós!, de Carlos Cruz, Mário Zambujal e José Duarte. Enc.: Carlos Duarte/Henrique Viana. Dir. mús.: Jorge Costa Pinto. Mus.: Jorge Costa Pinto, José da Ponte, Guilherme Inês, José Niza, João Gil, Luís Represas e Senhor Lopes. Cen.: Moniz Ribeiro. Fig.: Helena Reis.

Int.: Amélia Videira, Dora, Eugénio Salvador, Fernando Ferrão, Graça Braz, Henrique Santos, Henrique Viana, Luís Mascarenhas, Luísa Barbosa, Maria Vieira, Natalina José, Nuno Emanuel, Virgílio Castela, Vítor de Sousa, Rosa Villa, Ana Paula Iglésias, Carlos Pisco, Cristina Amaral, Filomena Machado, Ismael Macedo, José Arantes, Maria João Reis, Marinela, Mário Palma, Paula Carneiro, Rosa Vieira, Samantha e Susana Mota.
A descoberta da comédia musical à portuguesa.

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO

Av.ª Fausto Figueiredo (ao Cruzeiro)

Tel. 267 03 20

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00)

Opereta, de Witold Gombrowicz, pelo Teatro Experimental de Cascais. Trad.: Teresa Reimão Pinto. Enc.: Carlos Avilez. Mús.: Luís Pedro Fonseca. Cen./Fig.: Paulo Seabra. Cor.: Sarah Oliveira. Int.: Luiz Rizo, Marília Costa, Luís Vicente, António Marques, Paulo B., Miguel Pericão, Carlos Freixo, Rui Pericão, João Vasco, Santos Manuel, Anna Paula, Lia Gama, Sérgio Silva, António Vasco, Fernando Alvarez, Vítor Santos, José Simão, Teresa Múrias, Carlos Sebastião, Alexandra Diogo, Alexandra Lencastre, João Mendes, Fernando Neves e Zita Duarte.
Absolutamente impagável, absolutamente indispensável.

NACIONAL D. MARIA II

Rossio
Tel. 37 22 46

Sala Garrett

(Últimas representações)

O Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manuel de Melo. Adapt.: Norberto Barroca. Enc.: Varela Silva. Cen.: Octávio Clérigo. Int.: Raul Solnado, Rui de Carvalho, Barroso Lopes, João de Carvalho, Vítor Ribeiro, Lúcia Maria, Paulo Lages, Igor Sampaio, Luís Bandeira, Carlos Pimenta, Maria Emília Carvalho, Paula Rocha, Diogo Varela, Jaime Rosa, António Anjos, Ruy de Matos, Manuel Coelho, Carlos Duarte, Fernanda Borsatti, Paula Mora e António Rama.

Diga-se que fosse caso de construir um nome à conta desta peça, Solnado entraria na História como o último dos canastrões. Esta peça é a evitar. E se faz parte dos fãs de Solnado que encaram isto como uma excelente oportunidade de ir ver o seu ídolo ao vivo, e ainda por cima versão erudita, desengane-se. A opacidade deste trabalho é total. Não há estrela que lhe resista. (Lúcia Sigalho — O Tempo/7-07-88)

(Sala Gil Vicente)

(Últimas representações)

Crimes do Coração, de Beth Henley, pela Companhia das Luzes. Enc.: João Canijo. Int.: António Feio, Margarida R. Rodrigues, João Cabral, Rita Blanco, Suzana Borges e Teresa Corte-Real.

Como deixar de ver?

SETÚBAL

TEATRO DE BOLSO

O Primeiro, de Israel Horowitz, pelo Teatro de Animação de Setúbal. Enc.: Carlos César.

ÚLTIMA HORA

Documentos do Bando 88

Como oportunamente noticiámos, o grupo O Bando organizou uma série de debates, a que chamou Jornadas do Bando 88, com a participação de várias pessoas ligadas à actividade do grupo e à prática do teatro em geral. Terminadas as Jornadas, o grupo dirigido por João Brites publicitou um pequeno texto a que deu o título **Expor Publicamente as Certezas Comuns, que transcrevemos na íntegra.**

Em tempos de dúvidas é indispensável ter algumas certezas. É salutar querer confrontar certezas e não patinhar nas dúvidas que encobrem o receio de mostrarmos o sentido que desejáramos dar às coisas.

Porque estamos e continuamos no teatro... neste teatro?

A estas e outras preocupações procuraram responder as **Jornadas do Bando 88** que se realizaram entre 18 e 23 de Julho último, cujas conclusões darão origem ao **Manifesto 2**, a publicar em 11 de Outubro, 14.º aniversário do Bando.

Nelas participaram, para além dos elementos do Bando e dos seus colaboradores, ex-membros do grupo, professores e animadores culturais que têm seguido de perto o trabalho do Bando e «espectadores atentos» como Antonino Solmer, José Caldas, João de Melo Alvim, Sérgio Niza, Luís Miguel Cintra, Jorge Listopad, José Rui, Eugénia Vasques, Fernando Midões, Mário Viegas, Orlando Garcia, João Luís, José Manuel Castanheira, Carlos Porto, Jorge Abegão, Francisco Lobã, a quem foram colocadas questões concretas sobre a evolução e continuidade do Bando, as características da sua linguagem e os problemas que coloca a futura instalação na projectada sede de Telheiras.

Partindo de uma análise actual do teatro português e das limitações que lhe são impostas e muitas vezes aceites, o Bando define os tempos que vivemos como «tempos de conciliação e de diplomacia cobarde», em que poucos grupos se mantêm coerentes em relação ao seu projecto inicial.

Resistindo às tendências que hoje se fazem sentir de os «pobres» imitarem os «menos pobres», o Bando reafirmou, no essencial, as ideias contidas no seu **Manifesto 1**, publicado em 1980.

O Bando continuará a trabalhar para a infância, o que lhe tem permitido chegar a todos, na perspectiva do encontro de gerações, e encontrar situações que o situam num movimento de teatro popular, elaborado, sem comercialismo nem populismo.

O Bando continua a praticar a itinerância como uma componente fundamental da sua linguagem, que reforça a necessária disponibilidade dos seus membros e a sua formação política e artística. O Bando reafirma-se como um grupo de teatro profissional independente que trabalha em colectivo. Assume as suas representações como apostas donde pretende excluir a repetição do sucesso e o peso da rotina.

Nesta perspectiva a futura sede de Telheiras, cujo terreno será em breve cedido com direito de superfície pela CML, constitui um grande desafio para quem, conquistando deste modo melhores condições de trabalho e o meio de concretizar mais amplamente o seu projecto de intervenção na cidade, não quer abandonar as características que lhe são próprias — a sua linguagem específica e o seu modo de funcionamento em colectivo.

O **Manifesto 2** do Bando será o resultado de um trabalho de reflexão organizada (para a qual foi inestimável o contributo exterior) sobre a prática de uma linha estética que ao fim de 14 anos se consolida.

Exporá publicamente as certezas comuns de um colectivo que reconhece a importância do movimento associativo e que, procurando continuar a assegurar a independência face ao poder, quer influenciar, na medida do possível, a prática teatral no nosso país. E não só.

O Bando

Solnado: Contradições

Longe de nós a ideia da perfeição da actividade humana, qualquer que ela seja. O actor, como qualquer outro trabalhador, tem direito ao erro e não se pode deixar de ter isso em consideração quando se analisa um espectáculo. Não se deve, no entanto, confundir o direito ao erro, ao falhanço, com o direito de não o reconhecer, de o ignorar, ou seja, com a incapacidade da auto-análise e, muito menos, o direito de mascarar o erro com desvios semânticos mais ou menos sutis.

É geralmente reconhecido que o espectáculo do Teatro Nacional, com *O Fidalgo Aprendiz* é um desastre e que desse desastre Raul Solnado saiu bastante maltratado. Nada de grave, o falhanço do espectáculo, o falhanço do actor, desde que dele se tenha consciência para não repetir o erro.

Ora sobre isso o que pensa Raul Solnado? Parece que pouco e mal, o que é mais grave do que o trabalho em si. Quando seria de esperar uma análise séria por parte do actor, o enfrentar sem tibiezas a realidade, eis o que declarou em entrevista ao «JL», assinada por Isabel Fragoso (17-7-88):

Este espectáculo tem bastantes defeitos, mas não sei se será caso para um ataque tão cerrado e tão violento por parte de crítica. Mas isso é uma coisa com os críticos, não é comigo. O que eu acho é que há um conflito muito grande entre a crítica e o público, e é a crítica que terá de resolver essa questão.

Estas afirmações merecem alguns comentários. Em primeiro lugar, coloca-se esta dúvida: reconhecendo o actor que o espectáculo em cena no Teatro Nacional tem bastantes defeitos, como aceitar que estresse sem que fossem eliminados pelo menos alguns deles. Aliás, não seriam alguns desses defeitos erros de base que deveriam ter sido corrigidos na própria adaptação? O facto de se tratar do Teatro Nacional, até pela importância que deveria ter em relação à prática teatral em Portugal, não justifica que, num caso como este, se assista a um ataque cerrado e violento por parte da crítica, de que não se considere (suponho que Raul Solnado não o fará) que esse ataque teve algo de concentrado? Onde é que Solnado foi buscar a ideia de que há um conflito muito grande entre a crítica e o público, e é a crítica que tem de resolver essa questão?

Terá isso a ver com o facto de, por vezes, a crítica não reconhecer qualidade a espectáculos que são êxitos de bilheteira? Mas então não é essa a nossa função: tentar esclarecer os nossos leitores sobre a qualidade ou a falta de qualidade dos espectáculos que vemos? Como estamos conscientes de sermos honestos — essa função não pode criar qualquer espécie de conflito. Aceitamos naturalmente a nossa

incapacidade de influir directa e imediatamente nas relações entre o teatro e o público no que se refere a essa zona do teatro sem a qualidade que o público apoia. Acontece que esse combate não pode ser só nosso, é um combate de toda a sociedade. E um combate que passa por outros campos, por outras realidades. Estamos em crer, no entanto, que a crise do teatro comercial, no mau sentido da palavra, é sintoma de que algo vai ter que mudar. E não está já a mudar?

Noutra parte da entrevista, Raul Solnado declarou o seguinte, a propósito do Teatro Independente:

Eles têm que rever muitas coisas porque qualquer dia ficam velhos.

A isto Maria João Duarte responde magistralmente nas suas *Cenas de «A Capital»* (22-7-88):

O Raul, quem é que está a ficar velho?

Viste, por acaso, a peça «Comunidade»? Viste «Deus os Fez, Deus os Juntou»? Viste «O Baile»? Viste «Crimes do Coração»? Viste «As Três Irmãs»? Viste «A Rua»?

Então, não digas disparates.

Maria João Duarte põe o dedo na ferida: um dos problemas do nosso teatro consiste no facto de grande parte dos nossos artistas, em especial os que se dedicam ao teatro comercial, ignorar ou desprezar o trabalho realizado pelo outro lado. Quantos espectáculos do Teatro Independente terá visto nos últimos anos o Raul Solnado? E o Varela Silva, para dar dois exemplos ligados ao espectáculo em cena no Teatro Nacional?

Já agora, aproveito a oportunidade para rectificar uma lembrança de Raul Solnado. Depois de fazer o elogio de André Brun (era genial mas muitas daquelas peças envelheciam) Solnado diz ter tentado recuperar André Brun num espectáculo chamado «Felizardo e Companhia» e não correu bem. Era um espectáculo lindo.

Acontece que Felizardo & Companhia, era a adaptação musical de Raul Solnado e Bandeira Freire da peça *Anastácia & C.* da autoria de Eduardo Schwalbach, e não de André Brun, com encenação de Carlos Avilez (Teatro Variedades / 1978).

E depois poder-se-á dizer sem mais: **Esta peça (O Fidalgo Aprendiz) é muito má?**

Se a peça de D. Francisco Manuel de Melo é muito má, que dizer do espectáculo do Nacional?

Carlos Porto

TABELA

Tabela

* A Seiva Trupe na Volta a Portugal em bicicleta com o mais célebre dos seus espectáculos, *Um Cálice de Porto*.

* Um grupo de alunos do IFCT, oriundos de Angola, Guiné e Moçambique, apresentaram, sob a direcção de Rogério de Carvalho, a dramatização do conto de Mendes de Carvalho *Kahitu — Vozes da Senzala*.

* Na sala polivalente do Centro de Arte Moderna, um espectáculo musical com texto de Manuel Cintra e música de Constança Capdeville, nos dias 30 e 31 de Julho.

* Também em Julho o grupo de Tomar Fatias de Cá apresentou, na Mata Nacional dos Sete Montes, *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare, com encenação da norueguesa Line Rosvoll.

* Marcada para 4 de Agosto a reposição, no Casino do Estoril, da peça *Obrigado pelo Amor de Vocês*, de Edgar Neville, interpretada por actores brasileiros.

* O Casino do Estoril anuncia outros espectáculos de teatro: a 9 de Setembro, estreia de um espectáculo célebre, *Piaff*, com Bibi Ferreira; ainda em Setembro, estreia de um espectáculo do TEC, *A Dama das Camé-*

lias, com encenação de Carlos Avilez.

* Prolonga-se até 14 de Agosto a carreira do espectáculo do Maizum *Lisboa Monumental*, sobre textos de Fialho de Almeida.

* No Teatro Municipal Mirita Casimiro *Opereta*, de Witold Gombrowicz, em cena até 28 de Setembro. Já em ensaios a peça de Norberto Ávila *Dom João no Jardim das Delícias*.

* Será de Jorge Listopad a encenação de *Macbeth*, a apresentar pelo TEC no início de 1989.

* Outro Shakespeare, *Romeu e Julieta*, apresentar pelo Novo Grupo no Teatro Aberto lá para Dezembro; encenação de João Lourenço.

* Anunciada a presença na próxima festa do «Avante!» dos Bonecos de Santo Aleixo.

* Dois espectáculos que regressam em Setembro: *Auto da Feira* de Gil Vicente pelo Teatro da Cornucópia, e *M. de Moderado*, de Adamov, pelo Centro Cultural de Évora.

* O Teatro de Portalegre estreou a nova peça de Jaime Salazar Sampaio, *Olá, Fernando!*, na qual o conhecido dramaturgo volta a Pessoa, um dos seus temas predilectos. A encenação foi de Augusto Telles. Outro espectáculo a repor em Setembro.



Ensaio

Tennessee Williams n.º 3

Depois de *O País do Dragão* e *Bruscamente no Verão passado*, O Teatro Hoje prepara a terceira peça da Trilogia que tem estado a dedicar a Tennessee Williams. Trata-se de uma das menos conhecidas obras do dramaturgo norte-americano, *Vieux Carré*, título que «evoca uma área do bairro francês de New Orleans onde se situa o local da acção, uma pensão barata onde o próprio escritor viveu em finais dos anos 30». Uma vez mais as personagens de Williams na solidão radical que define o seu universo, marginais de um mundo marginalizado.

Vieux Carré foi traduzida por Manuel João Gomes e encenada por Carlos Fernando. A cenografia é de Dalton Salem Asséf e a direcção musical de Carlos Curto. O elenco habitual do grupo do Teatro da Graça com Luís Lucas, Elisa Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, João Romão, Manuel Mendes, Maria José, Maria José Pascoal, com dois actores novos no grupo: Fernando Gomes e Fernando José Oliveira.

(Na foto, Luís Lucas e Fernando Gomes, de frente.)

FERNANDO PESSOA: 100 ANOS

Lisboa, 14 de Março de 1916

Meu querido Sá Carneiro:

Escrevo-lhe hoje por uma necessidade sentimental — uma ânsia aflita de falar consigo. Como de aqui se depreende, eu nada tenho a dizer-lhe. Só isto — que estou hoje no fundo de uma depressão sem fundo. O absurdo da frase falará por mim.

Estou num daqueles dias em que nunca tive futuro. Há só um presente imóvel com um muro de angústia em torno. A margem do lado de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá; e esta é a razão íntima de todo o meu sofrimento. Há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer, nem há desembarque onde não se esqueça. Tudo isto aconteceu há muito tempo, mas a minha mágoa é mais antiga.

Em dias da alma como hoje eu sinto bem, em toda a consciência do meu corpo, que sou a criança triste em quem a vida bateu. Puseram-me a um canto de onde se ouve brincar, sinto nas mãos o brinquedo partido que me deram por uma ironia de lata. Hoje, dia catorze de Março, às nove horas e dez da noite, a minha vida sabe a valer isto. No jardim que entrevejo pelas janelas caladas do meu sequestro, até atiraram com todos os balouços por cima dos ramos de onde pendem; estão enrolados muito alto; e assim nem a ideia de mim fugido pode, na minha imaginação, ter balouços para esquecer a hora.

Pouco mais ou menos isto, mas sem estilo, é o meu estado de alma neste momento. Como à veladora do «Marinheiro» ardem-me os olhos de ter pensado em chorar. Dói-me a vida aos poucos, a golos, por interstícios. Tudo isto está impresso em tipo muito pequeno num livro com a brochura a descoser-se.

Se eu não estivesse escrevendo a você, teria que lhe jurar que esta carta é sincera, e que as cousas de nexo histórico que aí vão saíam espontâneas do que sinto. Mas você sentirá bem que esta tragédia irrepresentável é de uma realidade de cabide ou de chávina — cheia de aqui e de agora, e passando-se na minha alma como o verde das folhas.

Foi por isto que o Príncipe não reinou. Esta frase é inteiramente absurda. Mas neste momento sinto que as frases absurdas dão uma grande vontade de chorar. Pode ser que se não deitar hoje esta carta no correio, amanhã, relendo-a, me demore a copiá-la à máquina, para inserir frases e esgares dela no «Livro do Desassossego». Mas isso nada roubará à sinceridade com que a escrevo, nem à dolorosa inevitabilidade com que a sinto.

As últimas notícias são estas. Há também o estado de guerra com a Alemanha, mas já antes disso a dor fazia sofrer. Do outro lado da Vida, isto deve ser a legenda duma caricatura casual.

Isto não é bem a loucura, mas a loucura deve dar um abandono ao que se sofre, um gozo astucioso dos solavancos ao com que se sofre, não muito diferentes destes.

De que cor será sentir?

Milhares de abraços do seu, sempre muito seu
Fernando Pessoa

Fernando Pessoa (1888/1988)

ANTENA 1

IMAGINÁRIO — De 2.^a a 5.^a, das 21.30 às 24; realização de Graça Vasconcelos, Cardoso Pinto e Luís Garlito.

O único verdadeiro programa da Rádio nocturna, aberto ao cerne das nossas fantasias e da nossa percepção da realidade, feito com cuidado e tratado como um acto de comunicação.

RDP - PROGRAMA 2

DICIONÁRIO SONORO DO TEATRO — Às 6.^{as}, às 17 (repete às 2.^{as} às 11); programa de Carlos Porto com realização de Luís Filipe Costa.

Ainda na letra O, o crítico de teatro do «DL» leva-nos esta semana a conhecer o dramaturgo Eugene O'Neill.

EMIÇÃO DOS SERVIÇOS PORTUGUESES DA BBC — Diariamente, das 23.30 às 24; coordenação e apresentação de Fernando de Sousa.

Uma oportunidade de ouvir em FM Estéreo ou Onda Média uma emissão que até há bem pouco tempo só era possível ouvir em Onda Curta; já não é o tempo de ouvir António Cartaxo ou Joaquim Letria, Paulo David ou Manuela de Oliveira, António Borga ou Jorge Ribeiro, mas é um trabalho certinho e bem documentado.

RFM

RIOS NEGROS — Aos sábados, das 20 às 22; realização de Teresa Mesquitela e Rui Neves.

Uma hora com 3 álbuns de António Pinho Vargas, que actuará no Festival Jazz em Agosto na próxima 4.^a feira, e numa outra hora com o último disco do saxofonista John Tchicai, um dos grandes músicos da nova geração, tocando com o seu quarteto.

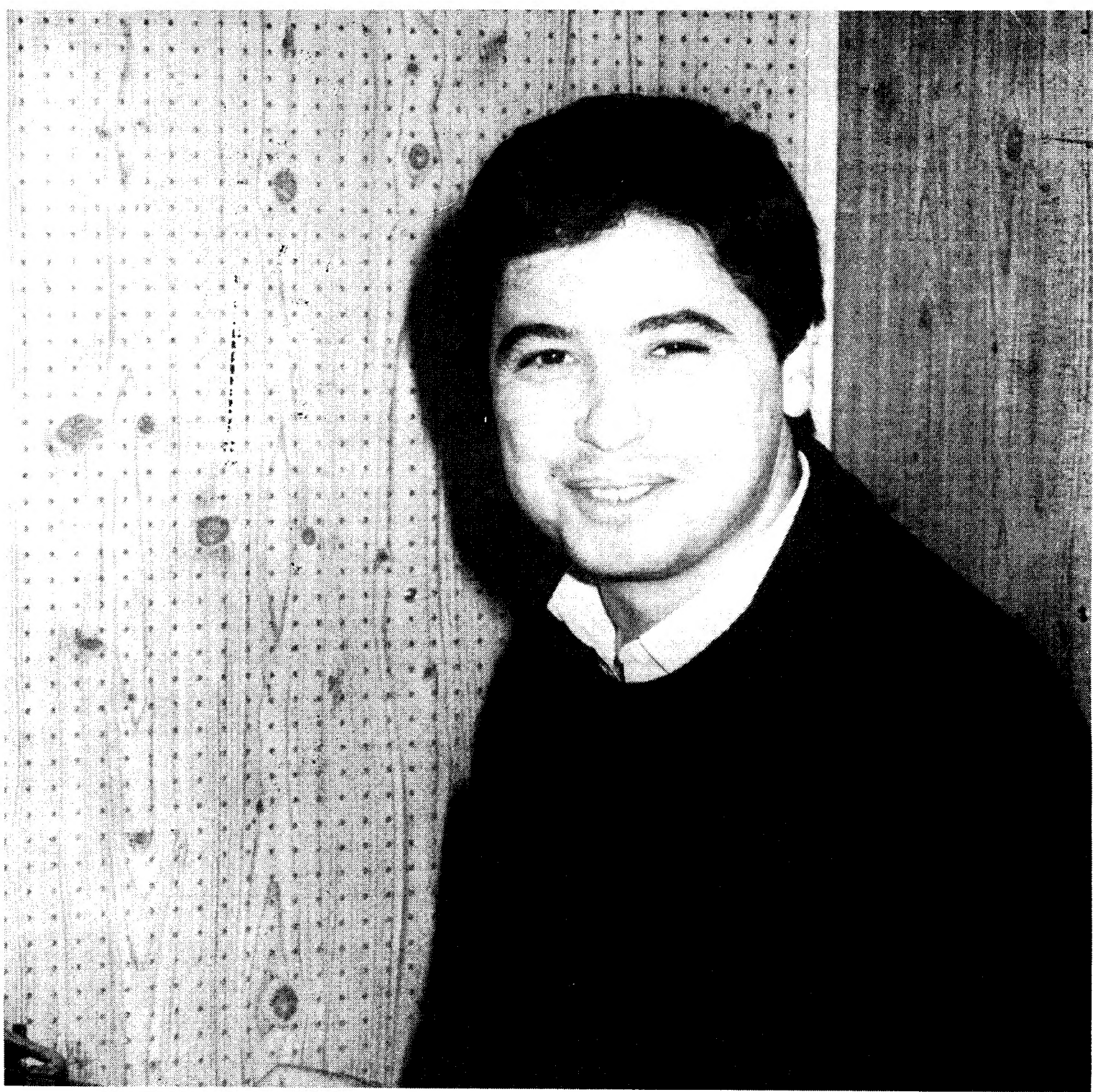
O BOSS DE MADRID — Domingo, das 0 às 2; edição e apresentação de José Mariño.

Os discos de Bruce Springsteen e a voz de José Mariño tentando comunicar-nos a cor do concerto desta semana do «Boss» em Madrid: no apogeu da sua carreira como «show-man», enquanto a sua criatividade parece estar em curva descendente, Springsteen é um dos grandes americanos do nosso tempo e parece ter dado mais um memorável concerto.

Invejemos José Mariño e os milhares de portugueses que estiveram com ele no Estádio Vicente Calderón e rezemos para que o «Boss» venha mesmo em Setembro a Lisboa.

AS HISTÓRIAS ESPANHOLAS DO PETER PAN — Domingo às 15; edição e apresentação de Rui Pêgo.

Com base nos despachos de Madrid, de Miguel Cruz, que cobre o concerto do menino Michael (Peter Pan) Jackson, Rui Pêgo faz a antevisão do concerto da noite de domingo na capital do país vizinho.



Rui Pêgo, o competente director do CMR, cuja cotação sobe na «Bolsa de Valores»...

Madrid me mata!

Nestes meses de Verão preferia claramente ser espanhol a ser português. Enquanto em Portugal vemos grupos «menores» como os Woodentops ou os Loords of the New Church ou ainda o inefável Peter Murphy, Madrid viu desfilar autênticos monstros do rock: Frank Zappa, Pink Floyd, Bruce Springsteen e ainda estão para vir Michael Jackson e Prince.

É perturbante que a capital do país vizinho possa assistir em tão pouco tempo a concertos das figuras cimeiras da música popular dos últimos vinte anos (e não simples personagens/grupos de moda), enquanto nós assistimos a galas serôdias no Casino Estoril.

Bruce Springsteen, um dos grandes heróis americanos e autêntica personagem mítica, que até «obrigou» figuras altamente conservadoras como Ronald Reagan e Freitas do Amaral a colarem-se-lhe, provavelmente para ganharem alguns votos ou parecerem adeptos da modernidade, realizou um memorável concerto na 3.^a feira em Madrid e a seguir terá repetido a dose em Barcelona.

A rádio portuguesa provou mais uma vez estar atenta a este fenómeno de massas, sobretudo, curiosamente, a rádio não institucional.

José Mariño foi o enviado especial do «Correio da Manhã»/Rádio (CMR) a Madrid, e foi fazendo o ponto de situação em diversos despachos. No domingo, às 0 horas, percorrerá sensivelmente o alinhamento musical do «boss» em Madrid, num programa que destacamos nas notas que acompanham estas linhas.

Mas domingo é também dia do concerto do «wonder boy» Michael Jackson em Madrid, e claro que o CMR lhe dedica um especial, salientado nas mesmas notas. Michael Jackson, que com o seu álbum «Thriller» (1982) bateu todos os recordes de vendas existentes, apesar de não ser do meu particular agrado (e provavelmente de boa parte da equipa do CMR), é uma figura cimeira e como tal terá direito ao devido destaque.

Quem gosta de Michael Jackson, e mesmo quem não gosta, poderá ouvir os despachos de Miguel Cruz, enviado especial do CMR a Madrid, no domingo às 19 e depois às 2 da madrugada, ou então na manhã de 2.^a, entre as 7 e as 10.

A rádio tem que estar em cima da notícia e dos acontecimentos. Já que a televisão não o faz...

Rui Cartaxo

O PORTEIRO DA NOITE — Às 2.^{as}, das 0 às 2; edição e apresentação de Nuno Infante do Carmo.

Alberto Caeiro, um dos heterónimos de Fernando Pessoa, «fala» com Brian Eno, Laurie Anderson e outros músicos da vanguarda anglosaxónica.

À NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS — De 2.^{as} a 6.^a, das 20 às 22; realização de Cândido Mota.

Um dos grandes senhores da Rádio portuguesa, senhor de uma voz portentosa, autor do memorável «Passageiro da Noite», «recicla-se» numa rádio local séria e competente, ainda que com uns emissores bem fraquinhos...

TSF

ÚLTIMA EDIÇÃO — De 2.^a a 6.^a, às 23.30; edição e apresentação de Carlos Andrade.

Meia hora para fazer o balanço do dia e meia hora para falar no que vai ser notícia; prefiro de longe a 1.^a parte, com o espectáculo do som, a magia da memória (curta, neste caso) que calha tão bem na rádio: as notícias, a música, a economia, o «escárnio e maldizer».



Pecado por demais

Uma história de ficção científica, um mundo em que os homens permanecem iguaizinhos aos de hoje, tão iguaizinhos que até as mulheres são colocadas em postos de poderes reais, mas apesar de tudo simbólicos; tão iguaizinhos que os heróis continuam a ser uma dupla com o musculado marialva e o encantador, mas moralista, sedutor.

Uma história de naves, planetas, polícias das galáxias, em que as relações entre os homens são as de hoje. Podia ser uma normal história de polícias e ladrões, em qualquer bairro, em qualquer canto. Mas é uma história nos tempos futuros, com planetas, robots, naves e coisas muito esquisitas.

Tudo isto é desenhado com exactidão, mesmo frieza. As personagens têm os rostos belos ou horríveis, mas ou horrível à maneira dum manequim, sem emoção, sem comunicabilidade.

A perfeição muitas vezes incomoda e este é um desses casos, tanto mais que a perfeição do desenho limita-se à maneira como a figuração está representada, pois que sob o ponto de vista de organização de cada um dos ecãs, já a coisa é bem diferente. De facto, cada «quadradinho» apresenta-se sempre totalmente saturado, resultando que cada prancha se torna muito pouco legível. O mundo que esta BD tenta representar, é um mundo extremamente repleto, demasiadamente cheio de seres e de coisas. As personagens evoluem em espaços demasiado apertados e que parecem ser o contrário do espaço.

Uma banda que me parece falhar por excesso de desenho e como se o seu autor tudo quisesse ter dito e acabasse por perder clareza no discurso por ter falado de mais. E esses excessos levam a teses teatralizadas em demasia, a cenários tão artificiais que perdem qualquer poder de referência.

Este excesso no que se diz parece-me ser o maior pecado deste trabalho, já que o desenho tem potencialidade e o argumento nem é tão desarticulado como isso.

Mas a confusão visual em cada prancha é enorme, e isso provoca uma desagradável leitura.

TÍTULO: STAR HAWKS

AUTORES: GIL KANE e RON GOULART

EDITORIA: FUTURA

PAP

O mundo anda às vezes ao contrário, ou mais precisamente: desajustado. Assim, se em alguma altura se pode tentar fazer balanços do que foi um ano de actividades de artes plásticas, a altura ideal é o Verão. Terminaram as exposições individuais, terminaram as novidades mostradas e pensadas enquanto mostras do «novo». Inicia-se a descentralização, a Arte passeia-se nas praias e faz-se turismo e vai-se aos concursos. É o momento em que o dia-a-dia se rompeu e em que outro dia-a-dia, de ano para ano, neste País, se organiza.

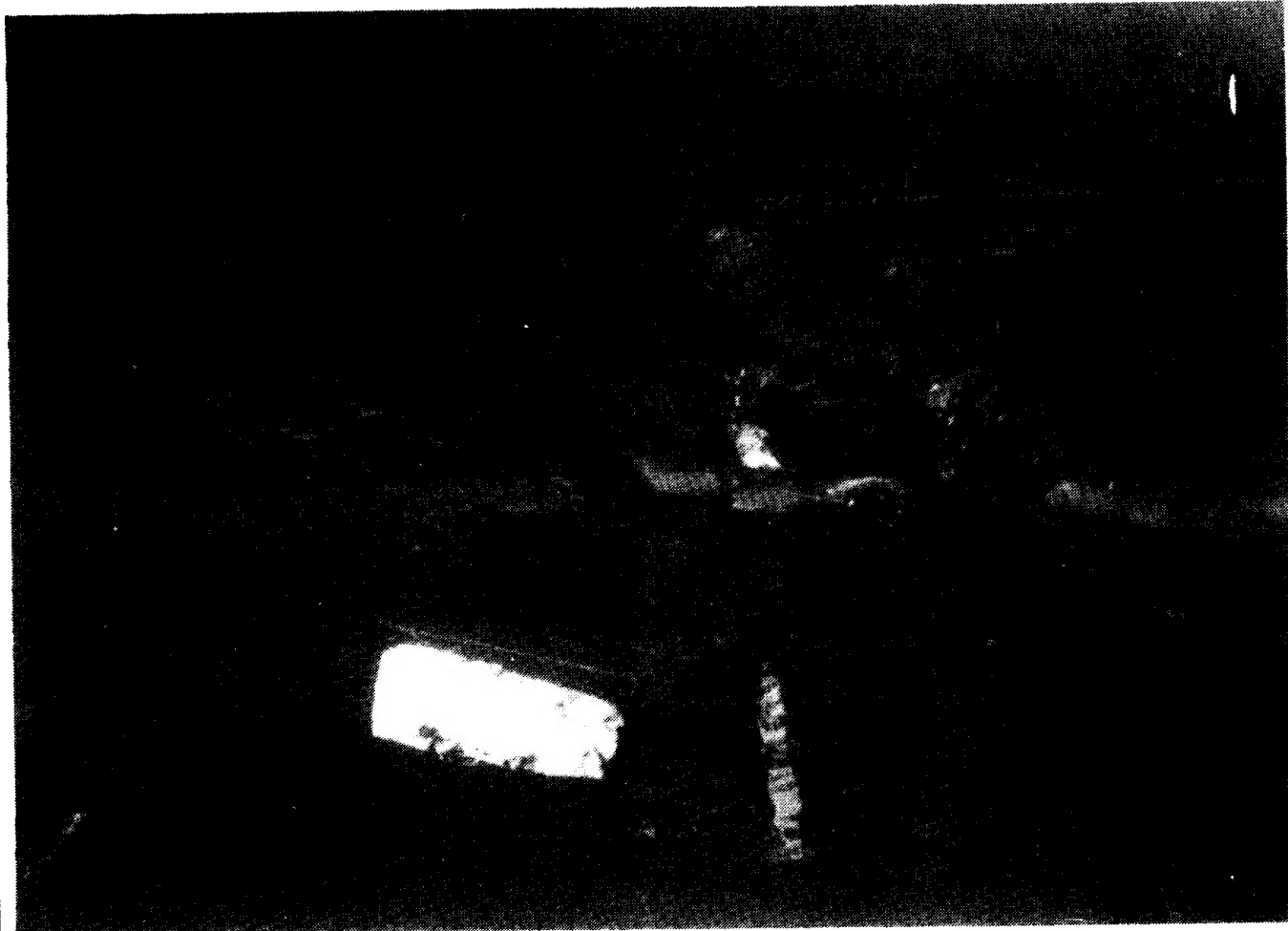
À dimensão do nosso mundo, e que muito grande não é, vai-se organizando a arte de férias, dirigida ao apreciador que segue o ritmo do sol. É altura para ver e se deleitar com arte entre dois banhos de areia, muito sol e muita gordura dos protectores de peles delicadas.

Mas a arte que se vai mostrando por esses sítios de sol, descanso e descontração, não é uma arte em situação de férias. Pelo contrário, ela revela toda a preocupação, inquietação, dir-se-ia «stress». Arte que denota uma sociedade de competição, em que o hoje é diferente de o ontem, o amanhã sendo obrigatoriamente novo e mais e melhor e melhor.

A arte de inquietação para uma época de descanso, ele, descanso esse, limitando no tempo e inquieto também.

Arte de medo para um sorriso numa noite de Verão.

Porfírio Alves Pires



Pintura de José Correia

• **VIEIRA DA SILVA**
Fundação Gulbenkian — Lisboa, Av. de Berna, 45. De 3.ª a 6.ª, 15 às 19; sáb. e dom., 10 às 17.

Desenho e pintura (até Agosto)

• **COLECTIVA**
Galeria Emi/VC — Lisboa. Rua Cruz dos Poiais. Escultura (até 30/7)

• **ISABEL AUGUSTA**
Espaço Poligrupo/Renascença — Lisboa, R. Ivens, 14. De 2.ª a 6.ª, 9-20; sáb. 10-14. Pintura (até 23/7)

• **LUÍS CARUNCHO**
Galeria 111 — Lisboa, Campo Grande, 113. De 2.ª a 6.ª, 10-13 e 15-19.30; sáb. 10-13. Pintura (até 29/7)

• **JOSÉ NOEL PERDIGÃO**
Atelier 15 — Lisboa, R. Freitas Gazul, 24-D. De 2.ª a 6.ª, das 18 às 21; sáb.; das

15 às 19.
Desenho (até 6/8)

• **GIL TEIXEIRA LOPES**
Galeria S. Francisco — Lisboa, R. Ivens, 40. De 2.ª a 6.ª, 19-13 e 15-19; sáb., 10-13. Pintura (até 30/7)

• **VERÓNICA NEL**
Galeria Santa Justa — Lisboa, R. de Santa Justa, 93, 2.º. Pinturas (até 28/7)

• **CARLOS DUGOS e FIGUEIREDO SOBRAL**
Galeria Ara — Lisboa, C. Comercial Libersil, loja 48; Av. Liberdade, 38. Diariamente, 12 às 22. Pintura e escultura (até 31/7)

• **ARTE HIGH-TECH**
Galeria Diferença — Lisboa, R. S. Filipe Nery, 42. De 3.ª a 6.ª, 15 às 20; sáb. e dom., 16 às 19. Arte e novas tecnologias (até 30/7)

• **PATRÍCIA GARRIDO**
Módulo — Porto, Av. da Boavista, 854. De 2.ª a sáb., 16 às 20. Pintura, tapeçarias e escultura (até finais de Julho)

• **JOSÉ DE GUIMARÃES**
Convento dos Capuchos — Costa de Caparica. Pintura e escultura (até 20/8)

• **RAMANEFFER**
Amoreiras — Lisboa, Shopping Center, Av. Eng. Duarte Pacheco. Diariamente, 15-24. Pintura (até 31/7)

• **COLECTIVA ARTEJO 88**
Mosteiro dos Jerónimos — Lisboa. Colectiva.

• **ARTE PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA**
Galeria Municipal de Exposições — Vila Franca de Xira. (até 21/8)

• **BIENAL INTERNACIONAL**
Solar de Santa Maria — Obidos. Cerâmica (até 31/7)

• **JÚLIO RESENDE**
Galeria Algarve — Albufeira, Pátio da Aldeia, Areias de S. João. Aguarela

• **PEDRO OLAYO (FILHO)**
Almadarte Galeria — Costa de Caparica, Av. Gen. Humberto Delgado, 3-B. Diariamente, 15-23. Pintura (até 19/8)

• **18 PINTORES CONTEMPORÂNEOS**
Galeria Neupergama — Torres Novas, R. Miguel Bombarda, 15. De 2.ª a 6.ª, das 14 às 20; sáb., 10-13; dom., 16-19. Pintura (até 31/7)

• **EURICO GONÇALVES**
Museu de Setúbal — Setúbal. Retrospectiva (até 20/8)

CLÁSSICA

LISBOA

Museu Nacional de Arte Antiga
As Janelas Verdes

Dia 7, às 17h, realiza-se um concerto pela International Chamber Orchestra de Nova Iorque, dirigida pelo maestro Arturo Delmoni. A entrada é livre.

Ruínas do Convento do Carmo
Largo do Carmo

Dia 9, às 21.30h, concerto pela Orquestra da RDP.

ARRÁBIDA

Convento da Arrábida

Dia 10, às 17h, concerto por Jordi Savall. Viola de gamba & Lyra-viol em O Deleite da Cortesã. Música de Shakespeare. Interpretação de William Corkine, Tobias Hume, Alfonso Ferrabosco e John Dowland. O concerto decorrerá até ao pôr do sol.

Dia 11, à hora do sol pôr, concerto por Montserrat Figueras (soprano), acompanhado por José Miguel Moreno à viola e guitarra. Serão interpretadas canciones e seguidillas.

ESTORIL

Hotel Sintra Estoril

Dia 6, às 21.30, concerto pela Nova Filarmonia Portuguesa, dirigida pelo maestro Álvaro Cassuto. Serão interpretadas obras de Rossini, Joly Braga Santos, Mendelssohn e Pókofieff.

COSTA DA CAPARICA

Convento dos Capuchos

Telf. 2900056

Dia 6, às 21.30h, integrado no 8.º Festival de Música dos Capuchos, recital de piano por Artur Pizarro, que executará peças de Ravel, Debussy, Soler, Albeniz e Falla.

LIGEIRA

LISBOA

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt. Telf. 734309

Dia 10, às 21.30, concerto de jazz pelo músico português António Pinho Vargas e o seu sexteto, integrado no programa de Jazz em Agosto. O concerto decorrerá no Anfiteatro ao Ar Livre e as entradas custam 800\$00.

Bar Anos 60

Largo do Terreirinho, 21. Telf. 873444

Dia 5, a partir das 21.30h, música ligeira com Mário Mata. Dia 6, a partir das 21.30, música por Amadeus.

Tropicália

R. Saraiva de Carvalho, 80. Telf. 668446.

Dia 5 e 6, a partir das 21h, Ivone Fernandes e Vítor Russo. Fados de Coimbra e boleros dos anos 50 e 60 por Sô Manel do Benfica.

Hot Club de Portugal

Praça da Alegria, 39. Telf. 367369

Dia 6, a partir das 23h, jazz pelo Quarteto de Paul Stocker.

PORTO

Cova Funda Bar

R. da Lapa, 30

Dia 6, a partir das 22, música por Minneman Blues, composto por Minneman em voz e teclas, Mano Zé, em baixo, Tino, em bateria e Fé, em guitarra.

De Gil Vicente à "Opereta" de Gombrowicz

A importância da componente musical em alguns espectáculos teatrais actualmente no cartaz, colocando-os na esfera de influência da opereta e do musical, tem suscitado a observação de que não há uma tradição de qualquer dos géneros entre nós. E com isso procura-se atenuar as possíveis deficiências dessas tentativas.

Tradição supõe passagem de testemunho, passar algo de uns para outros, como resulta do étimo latino. Supõe a transmissão — sem soluções de continuidade, ao longo de gerações — de ideias, experiências e formas de comunicação ou interacção artista-público. Neste sentido, não há, de facto, entre nós, uma tradição nem de opereta ou de musical, nem verdadeiramente de teatro musical, no sentido mais lato, isto é, incluindo a ópera. Para que existisse uma tradição neste último domínio, seria necessário que se tivesse criado a seu tempo uma ópera nacional, com exigências músico-teatrais, em vez de se ficar agarrado ao modelo italiano da ópera reduzida à música — de-ópera e desta, por sua vez, reduzida ao bel canto. Seria preciso, em suma, que a ópera, entre nós, já tivesse sido teatro, em vez de continuar a ser radicalmente excluída do teatro.

No entanto, não faltam momentos, na história do teatro português, onde a música surge com uma função estrutural, e não meramente decorativa ou de cor local. De resto, o que é norma e regra no teatro, quando se perscrutam as suas origens ou quando se leva em consideração a multiplicidade das suas manifestações em culturas extra-europeias, na história e na actualidade, é que o teatro seja com música e por música. Na antiga Grécia ou na China milenária, entre os povos africanos, em todas as culturas conhecidas, tudo o que é classificável como teatro (de um ponto de vista "ético") integra necessariamente a música. Dir-se-ia que o teatro sem música é uma aberração inventada na Europa há pouco mais de duzentos e cinquenta anos.

A função estrutural da música no teatro de Gil Vicente foi estudada e demonstrada num estudo marcante de Albin E. Beau, publicado em 1936. Investigações posteriores, que conduziram à descoberta de alguns trechos musicais vicentinos, comprovam que a música fazia realmente parte da acção, transformando-a, impulsionando-a. Luís de Freitas Branco chegou ao ponto de afirmar, numa conferência proferida em 1947, que o teatro de Gil Vicente era precursor duma coisa que não chegaria a vingar: a ópera cómica portuguesa. Gil Vicente, nesse como noutros aspectos, é, de facto, um pioneiro e é-o à escala europeia. A intensificação da expressão musical no teatro é um processo característico do Renascimento: Gil Vicente na primeira metade do século XVI, Shakespeare nas obras que rondam a viragem para o século XVII, valem como exemplo. O "dramma per musica", inventado no âmbito do cenáculo do Conde Bardi em Florença, é uma fase desse mesmo processo, e não algo que se lhe contrapõe. O futuro do novo género "ópera" (que vem da expressão italiana "opera in musica") vai depender tanto das inovações florentinas, do novo estilo dito "representativo", como de uma tradição músico-dramatúrgica mais antiga, que passa por Shakespeare e Gil Vicente bem como pela "commedia dell'arte" e por formas de teatro popular ou teatro de feira (incluindo, naturalmente, o teatro de bonecos).

Em Portugal, porém, com a Inquisição e a Companhia de Jesus, há logo um primeiro corte com a tradição no último quartel do século XVI. Em matéria de teatro e especificamente de teatro musical, é como se o nosso Renascimento tivesse abortado. As tragicomédias dos Jesuítas, declamadas em latim, sobre assuntos bíblicos, não são um sucedâneo do teatro vi-

centino, mas antes um antídoto contra ele. Tratava-se de reprimir o teatro no próprio terreno do teatro. Há quem já tenha pretendido asseverar que algumas delas, pelos seus números musicais, bem podem considerar-se incluídas na referida tradição de intensificação da expressão musical no teatro. Esquece-se, todavia, que, além de serem raras, esses números não desempenham qualquer função estrutural no desenrolar da acção, limitando-se a trazer para a cena música funcional pré-existente no quotidiano (p.ex. música que se tocava habitualmente para acompanhar um banquete utilizada numa cena em que se representa um banquete; ou uma figura de camponês, simbolizando o demónio, munido de um instrumento característico dos camponeses, tipo de instrumento aliás olhado com desconfiança pela Igreja, como suposto atributo demoníaco, à maneira dos quadros de Hieronimus Bosch...). Teatro musical digno da tradição vicentina só o teremos exactamente dois séculos depois, o que representa um enorme hiato, uma lacuna incalculável. Refiro-me, evidentemente, ao teatro de António José da Silva, o Judeu, que, se não é o mesmo que morreu nas fogueiras da Inquisição, como aventura José de Oliveira Barata, nem por isso deixou de ter uma existência efémera. Seguem-se algumas tentativas semelhantes durante a segunda metade do século XVIII, participando nelas, pelo lado da música, compositores como Leal Moreira e Marcos Portugal. Mas, ao contrário do que acontecia noutros países, onde florescia desde o século XVII um teatro musical nacional (p.ex. a França, a Inglaterra ou mesmo a Espanha, com a zarzuela), em Portugal as classes elevadas só queriam ópera italiana. O clima não era favorável a uma ópera nacional.

Companhias de actores (e não de cantores) começam a levar à cena ópera cómica francesa (traduzida) no Teatro da Rua dos Condes, desde os anos quarenta do século XIX e recomeça aí uma tradição que vai ganhando outros teatros em Lisboa e no Porto. Em 1868 as operetas "A Grã Duquesa de Gerosstein" e "Barba-Azul" de Offenbach têm centenas de representações sucessivas. A repercussão é de tal ordem que chega às áreas da Literatura (com Eça de Queirós) e da política (basta citar, p.ex. Luciano Cordeiro). Até à viragem do século, a opereta é um dos espectáculos teatrais mais frequentados em todo o País. Nos anos vinte, ainda sobrevive essa tradição. Depois, a música no teatro parece fechar-se exclusivamente no teatro de revista e assim tende a permanecer até hoje.

O que distingue a opereta, ou o musical, da revista é a unidade de concepção musical e a unidade de concepção do argumento. O texto tem um fio dramático que evoluciona e a música acompanha-o, comenta-o, potencia-o, fá-lo avançar. Não se trata de uma sucessão de quadros musicados, mas de um processo cénico-musical que se desenrola como um todo. Sem com isto pretender desvalorizar a importância do teatro de revista, creio que devem ser consideradas um grande passo em frente experiências como a que o Teatro Experimental de Cascais teve a coragem de levar à cena, com encenação de Carlos Avilez e música de Luís Pedro Fonseca. Este, operando com sintetizadores, conseguiu na música uma coerência dramática equivalente à do texto e da própria encenação de Avilez. E, com todas as desvantagens da sobreposição vozes-banda magnética, para mais quando as vozes não são reforçadas com microfones e vêm de actores pouco habituados a cantar, certo é que o espectáculo resulta. Resulta precisamente como espectáculo músico-teatral.

Mário Vieira de Carvalho

DICIONÁRIO DE CINEMA PORTUGUÊS

JORGE LEITÃO RAMOS

SILVA JOÃO MATOS

João Matos Silva nasceu em Évora, em 1938. Curso Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, mas o interesse pelo cinema foi mais forte. Diplomado pelo Estúdio Universitário de Cinema Experimental, dirigido por Cunha Telles (1963), foi assistente em Belarmino de Fernando Lopes antes de partir para Londres onde cursou a London School of Film Technique (1968). Assistente de realização de Fernando Lopes em Uma abelha na chuva, director de produção de Pedro só de Alfredo Tropa e de O mal amado de Fernando Matos Silva, dá os seus primeiros passos como realizador nas séries de programas TV Ensaios e Impacto (1972/73) para o produtor João Martins.

Membro fundador da cooperativa Cinequipa, em 1974, aí faz toda a sua carreira, trabalhando como realizador e director de produção (nesta qualidade assinale-se Guerra do Mirandum de

Fernando Matos Silva, de que também foi co-argumentista).

Está presentemente afastado da actividade cinematográfica.

FILMOGRAFIA: alguns programas das séries de programas TV Ver e pensar (1974/76), Nome Mulher (1974/76); Antes a sorte que tal morte (1975/83); A cavalcada segundo S. João, o Baptista MM (1976); Herculano CM (1978); Entre marido e mulher, série TV (1979), co-real. Fernando Matos Silva; Pare, escute e olhe, série de programas TV (1981/83), dirigida por Lagoa Henriques, co-real. F. Matos Silva.

Nunca se detectou que João Matos Silva tivesse aptidões para cineasta, assim o atestam os filmes, que assinou a solo, seja na ficção ou no documentarismo. Um pequeno equívoco que durou uma década.



João Matos Silva (à dir.) com o director de fotografia José Luís Carvalhosa e o actor Artur Semedo, durante as filmagens de «Antes a Sorte que tal Morte», em 1975